

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

JULIANA LEMES INÁCIO

“A GENTE TEM QUE FICAR ONDE TEM SERVIÇO”: MEMÓRIAS E
EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES NO DISTRITO DE
TAPUIRAMA, UBERLÂNDIA/MG

UBERLÂNDIA

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

JULIANA LEMES INÁCIO

“A GENTE TEM QUE FICAR ONDE TEM SERVIÇO”: MEMÓRIAS E
EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES NO DISTRITO DE
TAPUIRAMA, UBERLÂNDIA/MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade Federal
de Uberlândia como requisito para obtenção do
título de Mestre em História

Área de concentração: História Social

Orientadora: Prof^a Dr^a Heloisa Helena Pacheco
Cardoso

UBERLÂNDIA

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I35g Inácio, Juliana Lemes, 1981-
 “A gente tem que ficar onde tem serviço”: memórias e
 experiências de trabalhadores no Distrito de Tapuirama,
 Uberlândia / MG / Juliana Lemes Inácio. Uberlândia,
 2008.
 167 f. : il.

 Orientadora : Heloisa Helena Pacheco Cardoso.
 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-Graduação em História.
 Inclui bibliografia.

 1. História social - Teses. 2. Trabalhadores - Uberlândia
 (MG)-
 Teses. I. Cardoso, Heloisa Helena Pacheco. II. Universidade
 Federal
 de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III.
 Título.

CDU: 930.2:316

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

JULIANA LEMES INÁCIO

“A GENTE TEM QUE FICAR ONDE TEM SERVIÇO”: MEMÓRIAS E
EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES NO DISTRITO DE
TAPUIRAMA, UBERLÂNDIA/MG

Profª Drª Heloisa Helena Pacheco Cardoso (Orientadora/UFU)

Profª Drª Dilma Andrade de Paula (UFU)

Prof. Dr. Robson Laverdi (UNIOESTE)

Uberlândia: __/__/__

Resultado: _____

Dedicatória

A meu pai Honório Inácio
da Fonseca e a minha mãe
Celma Lemes Inácio

AGRADECIMENTOS

Ao longo deste trabalho muitas pessoas contribuíram, de uma forma ou de outra, para que ele se concretizasse. Lembrar e citar os nomes de cada um é uma maneira de demonstrar gratidão. Mas, diante do risco de esquecer alguém, estendo meus agradecimentos àqueles que não tiveram os seus nomes mencionados.

Agradeço primeiramente a Deus pela saúde, equilíbrio e perseverança que me fizeram capaz de elaborar um projeto de pesquisa, trabalhá-lo e finalizá-lo com o mínimo de correção.

Agradeço aos meus pais, Honório e Celma, que sempre incentivaram a mim e aos meus irmãos nos nossos estudos, confiantes de que por meio da educação pudéssemos viver com mais dignidade – desejo que perpasse os corações de tantos pais brasileiros. Obrigada por terem confiado na minha empreitada e na de meus irmãos quando nos mudamos de Tapuirama. Obrigada por serem nossos pais verdadeiramente...

Ao meu esposo, Marilson, agradeço pela paciência, incentivo, confiança, cumplicidade e apoio. Obrigada por estar ao meu lado nos tantos momentos de “correria”, comuns nestes últimos anos, pela ajuda com o computador e por ter me acompanhado na gravação de algumas entrevistas.

Agradeço aos meus irmãos, Valdirene, Juliano e Helói, que na simplicidade dos momentos em que estivemos reunidos contribuíram para que os dois anos de curso de mestrado não deixassem de ser sinônimo de família e amor.

À minha sobrinha, Lara, pela companhia e por ser, sem ela saber que o era, a pessoa a quem eu recorria para fugir de questões complexas discutidas ao longo da pesquisa.

À Maria Gisele agradeço pelo quanto esteve presente na realização deste trabalho, seja através de suas leituras, na ajuda com as fotografias na pesquisa no Arquivo Público Municipal de Uberlândia, nos momentos em que trocamos textos e idéias acerca de nossos trabalhos e pela amizade que extrapolou o espaço acadêmico.

Aos meus colegas do curso de mestrado – Sérgio Daniel, Edna, Orlanda, Janaína Jácome e Janaína Ferreira – e aos colegas do curso de doutorado – Vagner, Paulo Inácio e Rejane – agradeço pelas questões e problemas discutidos que enriqueceram a pesquisa.

À Sheille agradeço pelas observações e discussões que me ajudaram a ver outras possibilidades de abordagens em relação à temática proposta, mas que, sobretudo, me

fizeram crescer enquanto historiadora. Obrigada pelo empréstimo de tantos materiais seus e pelo carinho.

Aos professores da linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais – Célia, Paulo Almeida, Heloisa, Dilma, Marta Emísia e Regina Ilka – agradeço pelas muitas questões e reflexões apontadas durante as aulas nas disciplinas da linha, ou nos eventos em que estivemos presentes. Este trabalho traz um pouco de cada um vocês. Apesar de eu ser a autora e assiná-lo, ele não teria sido elaborado dessa forma, não fosse a seriedade e o comprometimento de todos os professores da linha que, empenhados em enriquecer e em fazer com que os nossos trabalhos cresçam, fizeram a diferença no meu.

No entanto, devo um agradecimento especial ao professor Paulo Almeida e à professora Dilma. Ao professor Paulo Almeida agradeço pelas contribuições dadas, não somente na banca de qualificação, quando em leitura atenta fez importantes observações que me fizeram refletir sobre o trabalho, dando-lhe um caráter de dissertação final. Mas, ao longo de todo o curso incentivou, aos meus colegas de linha e a mim, na feitura de nossos trabalhos. Ao falar de História e de Historiografia com paixão e entusiasmo, me moveu a olhar o meu trabalho de forma distinta.

Agradeço à professora Dilma que ao longo das discussões realizadas na disciplina oferecida pela linha me chamou a atenção para a relevância da temática da pesquisa e para algumas possibilidades de abordagem deste trabalho. Obrigada pelas sugestões apontadas na qualificação que engrandeceram este trabalho e por aceitar participar da banca de defesa.

Da mesma forma, agradeço ao professor Robson Laverdi por ter aceitado o convite para compor a banca examinadora no exame final.

À professora Heloisa, pessoa com quem venho aprendendo muito desde o trabalho que fizemos no curso de graduação, devo parte daquilo que este trabalho se tornou. Seriedade, organização e competência são algumas palavras que eu poderia escolher para descrevê-la, elogiá-la ou agradecê-la. No entanto, disso todos já sabem. Talvez não saibam do seu respeito aos limites e às escolhas feitas pelos seus orientandos. Talvez não tenham clareza da grandiosidade da sua paciência...

Sobretudo, agradeço à professora Heloisa pela confiança e pela torcida. Os momentos em que eu deixava a nossa conversa com inquietações foram fundamentais. Eram naqueles momentos, quando eu às vezes me perdia, que eu podia me encontrar depois, mais confiante, num processo de amadurecimento. Obrigada.

Agradeço aos funcionários dos cursos de História e do Instituto – Abadia, Gaspar, João Batista, Luciana e Maria Helena – que me auxiliaram a resolver “pepinos” e tornaram os cursos de História na UFU mais ágeis, fazendo com que a preocupação central dos alunos fosse as aulas, a pesquisa e a escrita. Mas eles também tornam a nossa passagem pelo “bloco H” mais amigável, mais humana. Obrigada pelo carinho e receptividade.

À Capes por ter financiado esta pesquisa e por tê-la tornado viável.

Devo um agradecimento especial aos entrevistados. A todos a minha sincera gratidão, sem vocês este trabalho não teria parte da dimensão que alcançou.

Da mesma forma agradeço àqueles com quem não gravei entrevista, mas que muito contribuíram para esta pesquisa: Dirley, Cristina, Marilene Fagundes, Carlos Donizete, Jefferson, Terezinha.

Agradeço à Silma R. Montes, à Renata R. Silva pelos textos que pudemos compartilhar.

Agradeço a todos os funcionários das instituições por onde passei ao realizar a pesquisa: Arquivo Público Municipal de Uberlândia; CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia); Secretarias de Administração dos Distritos, Cultura, Obras, Educação e Planejamento Urbano na Prefeitura Municipal de Uberlândia; a Associação dos Moradores de Tapuirama; Associação dos Nordestinos de Uberlândia; Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uberlândia; escritório da *JPL Resinas*.

RESUMO

Esta pesquisa problematiza as experiências sociais vividas por trabalhadores no Distrito de Tapuira, Uberlândia-MG. Analiso os viveres de pessoas vindas de Jacobina-BA para trabalharem na atividade de extração de resinas no município mineiro. Esses trabalhadores começaram a chegar a Tapuira em 1993 e desde então passaram a compor a cidade por meio da sua cultura, das suas atitudes e dos seus valores. Investigo as maneiras como, ao se relacionarem com “os do lugar”, instituem relações de convivência e de trabalho, reconstroem valores e expectativas e lutam pelo direito de pertencer. Importa investigar os modos como eles se vêm nas relações sociais, tomando as suas práticas sociais inseridas em uma dinâmica social maior, sem perder de vista as tensões sociais, as relações de poder experimentadas, problematizando as maneiras como vão sendo elaboradas memórias no processo histórico vivido. Nesse sentido, busco compreender como o Distrito é percebido por sujeitos sociais antagônicos: pelos trabalhadores “de fora” e “do lugar”, pelos jornais, pela Prefeitura Municipal de Uberlândia e por memorialistas. Utilizo como fontes de pesquisa as narrativas orais; a imprensa, em que priorizo a análise dos jornais **Correio** e **Primeira Hora**; fotografias produzidas tanto por mim quanto pelos próprios trabalhadores; textos de memorialistas; atas da Associação de Moradores de Tapuira; documentos produzidos pela Prefeitura Municipal de Uberlândia e mapas.

Palavras-chave: Trabalhadores; Relações Sociais; Distrito de Tapuira; Memórias e Histórias

ABSTRACT

This research problematizes the social experiences lived by workers in the District of Tapuira, Uberlândia-MG. I analyze the life of people arriving from Jacobina-BA to work in the activity of extraction of resins in these municipal district. Those workers started arriving at Tapuira in 1993 and ever since they started to compose the city through his/her culture, of their attitudes and of their values. I investigate the ways as if they relate with “the one of the place”, they institute coexistence and work relationships and they rebuild values and expectations and they struggle for the right of possessing. It is important to investigate the way they see each other in the social relationships, taking their social practices inserted in a larger social dynamics, without losing from sight the social tensions, the relationships of power experienced, problematizing the ways they have being elaborated memories in the living historical process. In that sense, I hope to understand as the District is noticed by antagonistic social subjects: for “outside workers” and “local workers”, for the newspapers, for the Municipal City hall of Uberlândia and for memorialist. I use as research sources the oral narratives; the press, in that I prioritize the analysis of the newspapers **Correio** and **Primeira Hora**; pictures produced by me as for the own workers; memorialists texts; minutes of the Association of Residents of Tapuira; documents produced by the Municipal City hall of Uberlândia and maps.

Key Words: Workers; Social relationships; District of Tapuira; Memories; Histories.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOS

Imagem 01	Sr. Jailton no processo de extração de resinas. Floresta do Lobo. Município de Uberlândia, nov. 2004.....	74
Imagem 02	Irmão da Sra. Ivaneide cuidando das crianças. Tapuirama: “vila dos baianos”, “vila de baixo”. Fonte: Acervo da Sra. Ivaneide Jesus dos Santos, s/d.	102
Imagem 03	Sra. Ivaneide e filhos. Tapuirama: “vila dos baianos”, “vila de baixo”. Fonte: Acervo da Sra. Ivaneide Jesus dos Santos, s/d.....	103
Imagem 04	Sra. Ivaneide carregando água. Tapuirama: “vila dos baianos”, “vila de baixo”. Fonte: Acervo da Sra. Ivaneide Jesus dos Santos, s/d.	105
Imagem 05	O final de semana de uma família na “vila dos baianos”. Tapuirama: “vila dos baianos”, “vila de baixo”. Fonte: Acervo da Sra. Ivaneide Jesus dos Santos, s/d.....	106
Imagem 06	“Vila de cima”: a brincadeira das crianças. Distrito de Tapuirama. Arquivo: Juliana Lemes Inácio	108
Imagem 07	Bar “do Hélio”. Distrito de Tapuirama. Arquivo: Juliana Lemes Inácio, 26 nov. 2006.	123
Imagem 08	Bar “do Hélio”. Distrito de Tapuirama. Arquivo: Juliana Lemes Inácio, 26 nov. 2006.	124
Imagem 09	Praça Said Jorge em Tapuirama. Distrito de Tapuirama. Arquivo: Juliana Lemes Inácio, 16 dez. 2007.....	126
Imagem 10	Praça Said Jorge em Tapuirama. Distrito de Tapuirama. Arquivo: Juliana Lemes Inácio, 16 dez. 2007.....	126
Imagem 11	Os amigos do futebol. Distrito de Tapuirama. Arquivo: Juliana Lemes Inácio, 05 nov. 2006.....	129
Imagem 12	Sra. Ivaneide em Uberlândia: participação em evento da igreja. Fonte: Acervo da Sra. Ivaneide Jesus dos Santos, s/d.	133
Imagem 13	Festa Nossa Senhora da Abadia: as barraquinhas. Distrito de Tapuirama. Arquivo: Juliana Lemes Inácio, 21 jul. 2007.....	138
Imagem 14	Participantes da Festa/ Festa/ Trabalhos/Praça. Arquivo: Juliana Lemes Inácio. 22 jul. 2007.....	139

MAPAS

Imagem 15	Mapa 1 - Uberlândia: Limites dos Distritos . Mai. 2006. Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia.....	165
Imagem 16	Mapa 2 - Uberlândia: Mapa de Tapuirama . Mai. 2006. Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia.....	166
Imagem 17	Mapa 3 - Plano Rodoviário do Município de Uberlândia . Abr. 1999. Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia.....	167

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
 CAPÍTULO I “POR SER DISTRITO AQUI... NUM CRESCE!”: A IMPrensa, OS MEMORIALISTAS, O PODER PÚBLICO MUNICIPAL, OS TRABALHADORES E AS DIFERENTES LEITURAS SOBRE TAPUIRAMA.....	31
 CAPÍTULO II “TÁ NESSA RESINA, TÁ AQUI DENTRO DE TAPUIRAMA, QUE TÁ TRABAIANO, TÁ DE BARRIGA CHEIA”: RELAÇÕES DE TRABALHO E EXPERIÊNCIAS DOS TRABALHADORES DA ATIVIDADE DE EXTRAÇÃO DE RESINAS.....	71
 CAPÍTULO III “NÃO TEM OUTRA COISA... CÊ TEM UM BARZINHO E UM CAMPO DE FUTEBOL...”: CULTURAS E RELAÇÕES DE SOCIABILIDADES.....	110
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
 FONTES UTILIZADAS.....	153
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	158
 ANEXOS.....	164

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As memórias e histórias abordadas neste trabalho referem-se àquelas produzidas no diálogo com trabalhadores vindos de Jacobina-BA para o Distrito de Tapuirama a partir dos anos 1990. Empregados pela *JPL Resinas* (Jurandir Proença Lopes Resinas), produtor rural que atua no município de Uberlândia desde 1993, estas pessoas vêm para trabalhar na atividade de extração de resinas e passam a compor o cenário urbano do Distrito de Tapuirama, no município de Uberlândia-MG, através de suas atitudes, dos seus valores e modos de viver, juntamente com aqueles que nela vivem.

Este estudo é resultado de indagações iniciais tecidas em torno dos modos de viver daqueles trabalhadores e da minha observação sobre o espaço urbano do Distrito. As relações de trabalho, os costumes, as relações estabelecidas com pessoas e instituições, transformações nas relações de moradia, no envolvimento das pessoas com a zona rural do Distrito e com Uberlândia e nas suas expectativas são alguns dos aspectos que compõem esse lugar social, sendo que ele não é forjado exclusivamente por dimensões políticas e econômicas, tampouco conforma uma homogeneidade, sugerindo relações num processo histórico dinâmico. Relações que extrapolam as imagens sobre os Distritos engendradas no social.

Assim, as minhas considerações sobre o Distrito e o diálogo com as fontes indicaram leituras distintas sobre os modos de viver. Algumas delas trazem uma noção de Distrito vinculada à idéia de espaço rural, em que sentidos como o de calma e harmonia lhe são atribuídos. Essa visão pode ser apreendida na interpretação da imprensa e do memorialista Jerônimo Arantes, fontes utilizadas nesta pesquisa: “[...] *Tapuirama!! As tuas tardes encantam pela beleza incomparável do arrebol, quando o sol se despede. Tapuirama!! Como eu gosto de contemplar a pureza do teu céu azulíneo numa noite de luar...*”¹

Mas, as ponderações do memorialista não se restringem à descrição de suas paisagens naturais. Sem serem contraditórias, elas também incutem um sentido para o

¹ Ao escrever o que o autor chama de a História de Uberlândia, ele localiza Tapuirama no setor rural, relacionando-o a um tempo passado. Ver: ARANTES, Jerônimo. **Cidade dos sonhos meus:** memória histórica de Uberlândia. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 23. Jerônimo Arantes foi Inspetor do Ensino Municipal até os anos 1950, quando era a pessoa responsável pela organização das escolas rurais, além de membro do Diretório do IBGE. Ele fundou revistas, publicou livros, materiais didáticos e muitas crônicas sobre a cidade. Arantes esteve articulado a políticos, comerciantes e empresários locais. Ele foi reconhecido e homenageado pelo poder público quando se aposentou. Ao longo do texto, os seus escritos são analisados enquanto memórias, vistos na sua historicidade e sem a intenção de cobrar desta fonte aquilo que não é de sua natureza.

Distrito enquanto lugar de comércio e riqueza: “*Se o seu comércio é o fator principal de sua riqueza, também o é a agricultura e pecuária, contando o território do Distrito com importantes agricultores e criadores de gado bovino*”². Ao apresentar uma visão classista sobre a cidade e o Município, o memorialista também agenda discussões públicas sobre ela, enfatiza o que existe de ordeiro e de progresso, ocultando perspectivas de outros personagens históricos.

A perspectiva com a qual Arantes olha para Tapuیرama liga-se a uma concepção de cidade que é apresentada e disputada pelos grupos dirigentes, tanto no presente da sua escrita, quanto neste que vivenciamos. Ou seja, em determinados momentos a interpretação do Distrito enquanto sinônimo de progresso é conveniente para lideranças políticas e econômicas, na criação de uma memória que envolve o município de Uberlândia como um todo.

Deparei-me com outras leituras sobre o Distrito que visam silenciá-lo ao focalizar Uberlândia enquanto uma cidade desenvolvida. Essa noção é percebida nas nuances das diversas relações de poder apreendidas em documentos oficiais³, que convergem para uma imagem de cidade destinada ao comércio e ao desenvolvimento. No documentário **A História de Uberlândia/ 1682-2006**, a cidade que se apresenta é aquela que tem a sua origem no espírito de liderança de seus formadores, os coronéis que, naquela interpretação, a construíram e a civilizaram, uma imagem que, por vezes, também aparece nos jornais. Esse “mito da origem” é tomado no presente com interesses classistas, bem definidos, dentro da dinâmica de disputas que se forjam no social. A cidade produzida neste vídeo não envolve os trabalhadores, os moradores de bairro e muito menos aqueles que moram nos Distritos. Estes se constituem enquanto ausências nas imagens do passado que buscam a formação da cidade.

A noção do Distrito enquanto lugar pacato também está presente nas falas de pessoas comuns. Ao perguntar para a Sra. Anita, antiga moradora do lugar, o que ela pensa sobre morar em Tapuیرama ela respondeu: “*Uai, aqui em Tapuیرama é o melhor*

² ARANTES, Jerônimo. **Cidade dos sonhos meus**: memória histórica de Uberlândia. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 123.

³ Ver: **A História de Uberlândia/1682-2006**. Documentário produzido pela *Play Vídeo* com o apoio da Prefeitura Municipal de Uberlândia, ago. 2006; TOLEDO, José Maria. **Uberlândia**: a prática da Democracia Participativa. Uberlândia: Secretaria Municipal do Trabalho e Ação Social, Prefeitura Municipal de Uberlândia, 1984. O Documento consta nos arquivos do CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia); NASCIMENTO, Dorivaldo Alves. **O drama da favela e do favelado**. Câmara de Vereadores, Prefeitura Municipal de Uberlândia, s/d. Este documento consta nos arquivos do CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia).

*lugar de viver é aqui, né? Lugar sossegado, lugar tranquilo. Então, graças a Deus, hoje já tem um pouquinho de tudo, tem né... postinho [...], aí tem farmácia aí embaixo, então cê vê que ficou mais fácil, né?”*⁴. Para a mesma questão, a Sra. Guiomar construiu uma resposta semelhante: *“Eu acho bom aqui, é quieto, assim, a gente sobrevive bem graças a Deus, né, porque meus filhos moram todos aqui. Que eu tenho três filhos: uma é coordenadora da creche, a outra trabalha com o irmão no armazém...”*⁵. As noções frisadas pelas duas narradoras trazem o Distrito como um bom lugar para se viver devido à tranquilidade, apresentando-o pelos elementos de assistência à saúde, pela proximidade com os filhos e por aquilo que lá eles conquistaram. Essas elaborações, no entanto, são moldadas na particularidade das experiências e memórias de quem sempre viveu em Tapuirama, que participa/participou de muitas das transformações que lá acontecem/aconteceram e que, por conta disso, criam expectativas positivas sobre a vida naquele lugar.

Nas diferentes interpretações sobre os Distritos, que muitas vezes conformam um imaginário sobre eles, os trabalhadores raramente aparecem, sobretudo os da atividade de extração de resinas. Essa inquietação me moveu à delimitação da problemática deste estudo, instigada por ponderações feitas a partir de minhas experiências naquele lugar e ainda por questões apontadas no decorrer da produção da monografia realizada na graduação⁶. O que norteou o meu contato com aqueles trabalhadores foi o desejo de produzir com eles outras histórias sobre o Distrito/Município de Uberlândia. As múltiplas dimensões dos viveres de trabalhadores que vivenciaram/vivenciam o ato de migrar, que vão se constituindo em conjunto com outras, nas relações de poder vividas, são algumas das preocupações que me acompanharam desde o início da realização dessa pesquisa.

Os trabalhadores com quem dialogo começaram a chegar ao município de Uberlândia nos anos 1990. Alguns deles eram pequenos agricultores no Nordeste, trabalhavam em pedreiras, no sisal, tinham pequenos negócios ou trabalhavam em serviços gerais. Outros, antes de se dirigirem a Tapuirama, percorreram outras partes do Brasil. Na ida para o Distrito contaram com o apoio de familiares que ali já viviam, sendo que os primeiros tiveram sua vinda intermediada pela produtora rural. Eles vivem

⁴ Sra. Anita Honório Montes, 79 anos, tem três filhos. Entrevistada em 03 jun. 2006.

⁵ Sra. Guiomar Rezende Fernandes, 62 anos, casada, tem três filhos. Entrevistada em 03 jun. 2006.

⁶ Ver: INÁCIO, Juliana Lemes. **Trabalhadores nordestinos em Tapuirama**: memórias, trajetórias e viveres (1993-2005). Monografia (Graduação em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

nas casas construídas pelo empregador, as chamadas “vilas dos baianos”⁷. Eles são trabalhadores, pessoas simples, alguns não sabem ler ou escrever.

O processo de trabalho ao qual eles se dedicam é realizado manualmente em meio às florestas de árvore de pinus e consiste em extrair a resina através de um pequeno risco feito no tronco da árvore – um processo parecido com a extração de látex das seringueiras. Este material é vendido para a fábrica *Resinas Tropicais Indústrias e Comércio Ltda*⁸ que possui instalações nas proximidades de Tapuیرama e que prepara parte do produto para exportação a países europeus. Na fábrica, depois de extraída pelas mãos dos trabalhadores, a resina é transformada em duas substâncias, o breu e a terebentina, a partir das quais se produz gomas de mascar, tintas, ceras, solventes entre outros.

As árvores de pinus produzem essa matéria prima por dois anos, neste período ela sofre o corte da estria em todos os lados de seu tronco até atingir uma altura de mais ou menos dois metros, procedimento parecido com aquele feito nos seringais. Após este processo, a árvore deixa de ter esta utilidade e, apesar de a *JPL Resinas* ter arrendado uma grande área de floresta na região próxima ao Distrito, ela não terá mais, nessa região, um campo de trabalho dentro de no máximo dois anos, de acordo com informações de algumas pessoas entrevistadas. Mesmo que ela continue atuando em outras partes do país, muitos dos seus trabalhadores não a acompanharão. Ao longo da pesquisa as expectativas dos trabalhadores, advindas com o possível término desta atividade, tornaram um problema a ser investigado.

As experiências vivenciadas por eles não foram vistas de forma isolada, separadas do restante da cidade. Neste estudo, os Distritos são pensados a partir das relações sociais que os constituem. Assim, as colocações apresentadas por Déa Ribeiro Fenelon de que as cidades são definidas e delineadas pelas relações instituídas por sujeitos antagônicos, auxiliou-me a desconstruir uma forma de conceber o Distrito e os modos de viver dos seus moradores, que os isolava, impossibilitando visualizar e

⁷ Ver Anexo 02 – Mapa 2 - Uberlândia: **Mapa de Tapuیرama**. Mai. 2006. Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia.

⁸ Essa fábrica pertence a um grupo português que instalou uma filial no município de Uberlândia em julho de 1999. Conforme informações obtidas, ela possui outras cinco fábricas no Brasil, sendo três delas no Estado de São Paulo, uma no Paraná e uma no Rio Grande do Sul. Apesar de não existir sociedade com a *JPL Resinas*, empregadora dos trabalhadores vindos da Bahia, eles mantêm uma parceria. A liberação para a *JPL Resinas* explorar a área da Floresta do Lobo foi feita a partir de um contrato de subarrendamento com a fábrica em questão, no qual 20% da produção são pagos a *Pinus Plan*, empresa que atua na área de reflorestamento e é proprietária da área explorada. Os documentos estão arquivados na Secretaria Estadual da Fazenda, no Cadastro do Produtor Rural.

perceber outras problemáticas. Aqui, compartilho com Fenelon a perspectiva de que *“são as relações sociais desenvolvidas na cidade que, em última análise, acabam por definir e delinear a paisagem urbana, a imagem da cidade”*. Nessa direção, a noção de cidade *“nunca deve surgir apenas como um conceito urbanístico ou político, mas sempre encarada como o lugar da pluralidade e da diferença, e por isto representa e constitui muito mais que o simples espaço de manipulação do poder”*⁹.

Nessa perspectiva, procurei inserir nesta narrativa as interpretações que os próprios trabalhadores/moradores do Distrito sugeriram para os modos como se relacionam naquele lugar, como vêm os serviços disponíveis, as opções de lazer, o trabalho, a educação, a segurança, enfim, para os seus modos de vida. No entanto, estas ponderações não são tomadas enquanto opostas àquelas visualizadas nos documentos ditos oficiais, visto que elas se fazem no interior da dinâmica social.

O entrecruzar destas fontes trouxe pistas para refletir em torno das diversas faces da presença dos trabalhadores vindos da Bahia, sugerindo pensar em outras imagens dos Distritos. Assim, os problemas e os objetivos desta pesquisa foram se delineando. A problemática central deste estudo são as experiências e os modos de viver dos trabalhadores vindos da Bahia, buscando compreender os sentidos atribuídos por eles às relações experimentadas nas ruas, na praça, na vizinhança, nos estabelecimentos comerciais, com as igrejas e com Uberlândia. Importa questionar sobre as mudanças nas suas expectativas em relação ao viver em Tapuiriama e sobre as maneiras como eles imprimem seus valores e interpretam as relações sociais vividas.

Questiono a respeito do que significa, nos anos 1990 e 2000, o ato de migrar destes trabalhadores. Problematizo a ação dessas pessoas por meio das suas narrativas, abordando seus valores e consciências, trazendo a potência dos sujeitos no fazer-se histórico, nas relações de classe vividas. As leituras realizadas nas disciplinas da linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais me auxiliaram a pensar sobre as visões de mundo dos trabalhadores, construídas a partir das relações que experimentam e nos

⁹ Ver: FENELON, Déa Ribeiro. **Cidades**. São Paulo: PUC/Programa de Estudos Pós-Graduados em História: Olho D'água, 1999. p. 7. Outras leituras também ajudaram a pensar a noção de cidade: RONCAYOLO, Marcel. Cidade. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Região. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986. v 8, p. 396-487; SILVA, Regina Helena. Introdução; Os cronistas da cidade ou “os fazendeiros do ar”; A cidade dos cronistas ou “Belo Horizonte Belo”. In: _____. **A cidade de Minas: ciência política**. 1991. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1991. p. 2-10, 58-147; SILVA, Lúcia H. P. Iniciando a conversa; A cidade do Rio nos anos 20; Morro do Castelo e a exposição universal. In: _____. **Luzes e sombras na cidade: no rastro do Castelo e da Praça Onze 1920/1945**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação Científica, Divisão de Editoração, 2006, p. 23-151.

modos como se colocam na sociedade em que vivem, valorizando os elementos culturais envolvidos no processo histórico¹⁰. A identificação de quem são estes sujeitos e qual lugar eles ocupam na sociedade abriu possibilidades para que eu lidasse com a noção de classe trabalhadora enquanto algo que é construído nas relações contraditórias e nos interesses divergentes, percebendo-a enquanto algo dinâmico.

Assim, vejo aqueles sujeitos enquanto trabalhadores – maneira como eles próprios se identificam – que por diversas razões optam, ou se vêem obrigados a optar, pelo ato de migrar como uma possibilidade de vida. Sem desconsiderar a existência do ato de migrar privilegio os seus viveres constituídos nas relações culturais e de disputas, distinguindo essa abordagem de outras que, apesar de priorizarem as escolhas, as estratégias e alternativas criadas pelas pessoas, o fazem de forma homogênea¹¹.

O interesse em pesquisar a cultura dessas pessoas compõe uma perspectiva política e de história preocupada com questões do social, com os modos de ser e de viver dos trabalhadores¹². Nessa perspectiva, o trabalho de Sheille Soares de Freitas

¹⁰ Richard Hoggart, preocupado com os aspectos do modo de vida que caracterizam o proletariado, com a experiência de classe em se identificar e se diferenciar, chama a atenção para a necessidade de explicitarmos onde encontramos estes trabalhadores, que lugar eles ocupam na sociedade e como eles se apresentam. A idéia de “Nós” e “Eles” trazida pelo autor nos remete ao entendimento de como os trabalhadores vão se identificando com um grupo a partir das experiências vividas, nas relações de poder. Ver: HOGGART, Richard. Quem são as classes trabalhadoras?; “Nós” e “Eles”. In: _____. **As utilizações da cultura**. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973. p. 15-32; 87-119.

¹¹ Alguns intelectuais se preocupam em analisar o ato de migrar exclusivamente conforme o mercado de trabalho, na complexidade da relação entre estrutura produtiva e ocupação demográfica. Suas interpretações, baseadas em dados estatísticos, destacam as estruturas econômicas e as políticas governamentais para a compreensão da dinâmica demográfica brasileira. Algumas abordagens sobre a temática “migração” reduzem a experiência social dos trabalhadores. Ver: ANTICO, Cláudia. Por que migrar? In: PATARRA, Neide; BAENINGER, Rosana et al. (Org.). **Migração, condições de vida e dinâmica urbana. São Paulo 1980/1993**. Campinas-SP: Unicamp/IE, 1997. p. 97-113; MONTALI, Lilia. Família, trabalho e migração. In: _____. **Migração, condições de vida e dinâmica urbana. São Paulo 1980/1993**. Campinas-SP: Unicamp/IE, 1997. p. 261-318; SILVA, Dalva Maria de Oliveira. **Memória, lembrança e esquecimento**. 1997. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997; CUNHA, José M. P.; BAENINGER, Rosana. A migração nos estados brasileiros no período recente: principais tendências e mudanças. In: HOGAN, Daniel J. (Org.). **Migração e ambiente em São Paulo**; aspectos relevantes da dinâmica recente. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2000. p. 17-57; CUNHA, José Marcos P. da. Introdução. In: _____. **A migração no Centro Oeste brasileiro no período 1970/96**: o esgotamento de um processo de ocupação. Campinas: Núcleo de Estudos de População/Unicamp, 2002. p. 09-12.

¹² Algumas discussões apontadas pela História Social – traduzidas nas perspectivas históricas apresentadas por alguns autores como E. P. Thompson, Richard Hoggart, Stuart Hall, Josep Fontana entre outros – têm me auxiliado no enfrentamento de parte de nosso desafio enquanto historiadores ao indicar mais questões do que sugerir respostas, fazendo-me indagar sobre o que quero com este trabalho e sobre a perspectiva política deste. Ver: HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: _____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG/UNESCO, 2003. p. 231-247; THOMPSON, E. P. **Miséria da teoria ou um planetário de erros**; uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981; FONTANA, Josep. Por uma história de todos; em busca de novos caminhos. In: _____. **A história dos homens**. Bauru-SP: EDUSC, 2004. p. 439-490.

Batista¹³, que discute os modos de viver de moradores do bairro Vila Marielza em Uberlândia, contribuiu para essa pesquisa no que diz respeito à maneira como a autora visualizou os sujeitos sociais, mostrando como a própria fala das pessoas traz relações históricas, devendo o pesquisador investigar como se instituem, para além de explicações econômicas, que muitas vezes apresentam-se reducionistas e eliminam os sujeitos, os fazedores da história.

Batista colocou em movimento expectativas de trabalhadores vindos da zona rural para a cidade de Uberlândia e as suas percepções sobre ela. A autora levou em consideração os viveres das pessoas na cidade, articulados às relações de trabalho no campo que alguns continuavam fazendo depois de terem percebido uma realidade distinta daquela que esperavam quando se mudaram para Uberlândia. Outra contribuição dessa leitura residiu em enfatizar o que os jornais, os entrevistados e documentos produzidos pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, sugerem pensar sobre trabalhadores vindos do campo que se articulam em busca de pertencer, de garantir um viver digno. As pessoas foram apresentadas pelos jornais como os responsáveis pelo aumento da criminalidade na cidade. Eles sugeriam que *“se fixe o pequeno agricultor e os trabalhadores rurais no campo, de forma que as cidades consigam ter condições para garantir melhores condições de vida aos seus legítimos moradores”*¹⁴.

Interpretações nesse sentido são construídas pela imprensa com relação aos moradores dos Distritos ao veicular reportagens sugerindo que os habitantes desses lugares lá permaneçam, o que é válido também para trabalhadores que chegam de qualquer canto do país. O seu trabalho me permitiu compreender também os sentidos de o poder público dicotomizar as relações entre campo e cidade, fazendo-me pensar sobre as disputas e tensões sociais vividas por trabalhadores em Tapuirama.

Existem ainda poucos trabalhos acadêmicos referentes aos Distritos, no entanto, vem se constituindo uma historiografia sobre o município que os tem envolvido. Renata Rastrelo e Silva¹⁵, preocupada em problematizar o viver no campo a partir de experiências de trabalhadores no Distrito de Martinésia, busca compreender as transformações nos modos de trabalhar, de se relacionar com a cidade de Uberlândia, de

¹³ BATISTA, Sheille S. de Freitas. **Buscando a cidade e construindo viveres**: relação entre campo e cidade. 2003. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

¹⁴ Ibidem, p. 62.

¹⁵ SILVA, Renata R. **Proprietários rurais do Distrito de Martinésia** (Uberlândia/MG): viver e permanecer no campo – 1964-2005. 2007. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

se divertir e de conviver com familiares. A autora discute as relações do Distrito com a cidade, sobretudo através da pesquisa em jornais e entrevistas, notando que o interesse de jovens em procurar estudo em Uberlândia não pressupõe que eles desprezem os valores e viveres no campo, mostrando como campo e cidade interagem. Essa questão me fez pensar nas relações vividas pelos trabalhadores em Tapuira na medida em que, ao narrar, eles manifestaram o desejo de buscar oportunidades que não encontram no Distrito. Tornou-se necessário, então, investigar o que provoca nesses moradores o interesse de se mudar para Uberlândia, como essas pessoas sentem e percebem o Distrito. Sobretudo, sua pesquisa me proporcionou refletir sobre o conceito de cidade e a forma como ele aparece no meu trabalho, questionando ainda os conceitos articulados na área da Geografia para o que é urbano ou rural ao valorizar as relações traduzidas por meio das falas dos depoentes.

O Distrito de Tapuira localiza-se a Sudeste do município de Uberlândia, dista 38 km da sede e o acesso a ele se faz pela BR 452¹⁶. Tapuira é um dos quatro Distritos que compõem o município de Uberlândia, os outros três são Martinésia (localizado a 32 km de Uberlândia), Cruzeiro dos Peixotos (localizado a 24 km de Uberlândia) e Miraporanga (localizado a 50 km de Uberlândia). Através do mapa se pode visualizar os limites dos Distritos¹⁷.

O Distrito possui ruas asfaltadas, à exceção daquelas situadas nos terrenos onde foram construídas residências pelo programa Casa Fácil¹⁸ da Prefeitura Municipal de Uberlândia. O espaço urbano conta com a Praça Said Jorge, onde se localiza a Igreja Nossa Senhora da Abadia, a mini-estação rodoviária e vários pontos comerciais. A praça é um dos espaços onde os moradores se encontram nos finais de semana e interagem com amigos e vizinhos. Espaço onde as pessoas colocam a “prosa em dia”, a praça é também o lugar onde acontece parte das atividades celebrativas da festa em louvor a Nossa Senhora da Abadia.

Os principais equipamentos urbanos presentes no Distrito são: uma escola municipal de ensino fundamental (Escola Municipal Sebastião Rangel); uma escola estadual de ensino médio (anexo da Escola Estadual Prof. José Ignácio de Souza); uma

¹⁶ Banco de Dados Integrados da Prefeitura Municipal de Uberlândia (BDI), 2006. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/pmu>>. Acesso em: jan. 2007.

¹⁷ Ver Anexo 01 – Mapa 1 - **Uberlândia: limites dos Distritos**. Mai. 2006. Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia.

¹⁸ Conforme dados do BDI, o Programa Casa Fácil, programa habitacional da Prefeitura Municipal de Uberlândia, beneficiou 26 famílias no Distrito de Tapuira em 2002, além de outras em diferentes bairros da cidade. Fonte: Banco de Dados Integrados da Prefeitura Municipal de Uberlândia (BDI), 2006. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/pmu>>. Acesso em: jan. 2007.

creche; um posto de saúde; um salão comunitário; clube Poli-esportivo; Correio; Cartório; um posto policial; Núcleo de Educação Ambiental de Tapuirama¹⁹; dois silos de armazenagem de grãos; instalações da CTBC (Companhia de Telefones do Brasil Central); instalações do DMAE (Departamento Municipal de Água e Esgoto) e sete igrejas (Católica, Universal do Reino de Deus, Congregação do Reino de Deus, Deus é Amor, Assembléia de Deus, Testemunha de Jeová e um Centro Espírita) e doze bares, sendo um com salão de dança e outro com restaurante. Analisando o espaço urbano do Distrito apresentado no mapa em anexo²⁰, percebe-se que este possui uma estrutura de aparelhos urbanos para atender as primeiras necessidades dos moradores²¹.

Esta estrutura de equipamentos urbanos é expressão das relações sociais que se desenrolam no Distrito e as maneiras como os moradores vão significando seus viveres nos espaços sociais que compartilham e nos embates travados com o poder público municipal. Embates estes entendidos enquanto projetos e visões de cidade que se exprimem na voz dos moradores, nos sentidos que são atribuídos por eles à presença/ausência de qualidade dos serviços de saúde²² oferecidos no Distrito, nas

¹⁹ O Núcleo de Educação Ambiental de Tapuirama foi criado em novembro de 2004, a partir da iniciativa de alunos do curso de Agronomia da Universidade Federal de Uberlândia com apoio da Associação dos Moradores, sendo o terreno cedido pela Prefeitura Municipal de Uberlândia. Este núcleo destina-se a promover a participação da população em torno da preservação ambiental, estimulando os moradores a juntarem o lixo doméstico separadamente, levando-os até o núcleo que o encaminha para a reciclagem. O incentivo para que as pessoas participem consiste em trocar o lixo trazido por eles por alguma verdura produzida na horta que equivale ao preço pago pelo peso do lixo. O trabalho na horta é realizado por dois moradores do Distrito remunerados pela *Limpelbras*, empresa que presta serviço de limpeza urbana na cidade. Eles informaram que há um envolvimento considerável da população com o projeto, sobretudo da população mais carente. A horta também fornece verduras para a creche e para a Escola Municipal Sebastião Rangel. As informações foram obtidas junto a Sra. Cristina, funcionária do Núcleo, em 31 mai. 2007. Não foi gravada a entrevista.

²⁰ Ver Anexo 02 – Mapa 2 - **Uberlândia: Mapa de Tapuirama**. Mai. 2006. Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia.

²¹ A implantação da linha de ônibus D282-Tapuirama pelo SIT (Sistema Integrado de Transporte) da Prefeitura Municipal de Uberlândia, no ano de 2000, estreitou a interação do Distrito com a cidade. No mesmo ano houve a implantação da linha Martinésia facilitando também o acesso destes moradores a Uberlândia. Em Tapuirama, nos dias úteis, os moradores contam com nove horários de ida e volta do Distrito, aos sábados seis horários de ida e seis de volta e quatro horários de ida e volta aos domingos. A disponibilização deste serviço proporciona aos moradores um acesso freqüente a Uberlândia por um preço mais em conta do que aqueles normalmente cobrados por empresas comerciais de viagens que faziam o trajeto antes. Nesse sentido, transformou os modos de viver das pessoas: alguns moradores procuram realizar suas compras em supermercados em Uberlândia porque julgam encontrar opções diversificadas de produtos a um preço compensatório; os moradores de Tapuirama vão a Uberlândia quando precisam resolver questões bancárias, pois o Distrito não possui um banco, mas sim um Caixa Automático onde os moradores executam operações simples como saques e retirada de extratos.

²² Atualmente os moradores do Distrito de Tapuirama fazem uso, sobretudo, dos serviços de saúde oferecidos em Uberlândia, especialmente daqueles disponibilizados pelo Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia. Ainda que o Distrito possua um Posto de Saúde que oferece atendimento à população local, os casos mais graves, como traumatismos (muitas vezes até casos mais simples, como uma consulta com um médico especialista), são encaminhados à sede, o que ocorre também com os outros Distritos. Essas informações foram concedidas pela Sra. Teresinha Moreira Souza,

possibilidades de trabalho e opções de lazer²³ – principais aspectos mencionados pelos entrevistados. E nos sentidos instituídos pelo poder público municipal percebidos ao investigar os jornais e alguns documentos produzidos pela Prefeitura Municipal de Uberlândia.

Nos dados do IBGE²⁴, referentes à população dos Distritos de Uberlândia, percebe-se um aumento pequeno, ou mesmo redução, se compararmos a dados de 1990-2000. Cruzeiro dos Peixotos teve um pequeno aumento no número de habitantes no período de 1991 a 2000 em que passou de 997 habitantes para 1.176. Nesse mesmo período, Martinésia teve um decréscimo no número de moradores, pois contava, em 1991, com 927 habitantes, e em 2000, com 871. Miraporanga possuía, no ano de 1991, 2.703 pessoas e conforme dados do censo passou para 4.985 habitantes em 2000. Tapuirama também apresentou um crescimento populacional passando de 1.625 pessoas, no ano de 1991, para 2.126 em 2000, como podemos ver na tabela abaixo:

Distritos	1991	2000
Tapuirama	1.625	2.126
Martinésia	927	871
Cruzeiro dos Peixotos	997	1.176
Miraporanga	2.703	4.985

Tabela: Uberlândia: População dos Distritos

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. Censo Demográfico 2000.

Dados: BDI, 2006.²⁵

63 anos, técnica em Enfermagem, trabalha no Posto de Saúde de Tapuirama há 35 anos. 10 fev. 2007. Não foi gravada entrevista. Em um ensaio que problematiza as interações entre modos de viver urbanos e rurais, por meio de entrevistas realizadas com moradores do Distrito de Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia-MG, os autores investigam suas percepções sobre o lugar, vivências e cotidiano. O texto aborda ainda a questão do serviço público de saúde no Distrito, assim como a infra-estrutura dele e auxilia nas reflexões sobre a situação vivida em Tapuirama. Ver: OLIVEIRA, Hélio C. M.; SILVA, Renata R.; PAULA, Dilma A de. Entre o rural e o urbano: modos de vida no Distrito de Cruzeiro dos Peixotos no município de Uberlândia (MG). In: SOARES, Beatriz R. et al. (Org.). **Ensaaios geográficos**. Uberlândia: UFU/PET Geografia, 2006, p.73-92.

²³ Conversando com alguns moradores, eles declaram que as principais atividades para passar o tempo são assistir televisão, praticar esportes e pescar. Muitas pessoas, principalmente os mais jovens, procuram em Uberlândia programas que não são encontrados em Tapuirama, tais como teatro, cinema, boates, pizzarias, churrascarias, entre outros.

²⁴ Conforme dados do Censo Demográfico IBGE de 2000, Tapuirama possui 1.596 habitantes na área urbana e 530 na área rural; Martinésia possui 330 habitantes na área urbana e 541 habitantes na área rural; Cruzeiro dos Peixotos possui 390 habitantes na área urbana e 786 na área rural e Miraporanga possui 115 habitantes na área urbana e 4.870 na área rural. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. Censo Demográfico 2000. Dados: BDI, 2006. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso em: jan. 2007.

²⁵ Dados disponíveis em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso em: jan. 2007. Organização: Juliana Lemes Inácio.

Os Distritos tiveram um pequeno aumento no número total de habitantes à exceção de Martinésia²⁶. Em Tapuirama esse acréscimo no número de habitantes pode ter uma relação com a chegada dos trabalhadores da atividade de extração de resinas e suas famílias, visto que no final dos anos 1990 o empregador chegou a ter aproximadamente 180 funcionários, sendo que grande parte morava em Tapuirama. Deve ser levado em consideração ainda a expressiva saída de alguns moradores do Distrito, que o deixam, sobretudo, em busca de trabalho em Uberlândia devido aos problemas vividos ali.

Àqueles pesquisadores que se propõem trabalhar com os Distritos, um desafio se faz presente pela dificuldade de acesso à documentação²⁷. O acesso às informações referente à empresa foi restrito. Não foi possível obter cópias dos contratos de arrendamento da *JPL Resinas*, bem como dos registros dos trabalhadores. Ainda que eu tenha esclarecido as intenções da pesquisa, percebi um receio por parte das pessoas responsáveis pela empresa em ceder algum tipo de informação, apesar de ter conseguido algumas fotografias junto à mesma.

As fontes selecionadas para a realização deste trabalho foram: as fontes orais, a imprensa (jornais **Primeira Hora** e **Correio**), textos do memorialista Jerônimo Arantes e documentos ditos oficiais, tais como, textos obtidos na internet na página da Prefeitura Municipal de Uberlândia, referentes à atual administração, e outros, impressos, produzidos no governo Zaire Rezende (1983-1988).

Ao entrecruzar as fontes, percebi as maneiras como se manifestam as relações de classe e os modos como os trabalhadores elaboram memórias sobre o viver no

²⁶ Silma Rabelo Montes preocupada em compreender os significados das territorialidades, a partir da relação campo e cidade em Uberlândia, desenvolveu uma pesquisa em torno das transformações socioespaciais ocorridas no Distrito de Tapuirama nos últimos 30 anos, levando em consideração a modernização agrícola e o crescimento urbano de Uberlândia. A autora focalizou também o poder político, econômico e cultural que a cidade de Uberlândia exerce sobre a região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e, sobretudo, sobre os Distritos de Miraporanga, Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos e Tapuirama. Ela mostra como, apesar do aumento no número total de habitantes nos Distritos, estes também vêm perdendo população. Algumas pessoas se mudam dos Distritos com a esperança de ter uma vida melhor em Uberlândia. Nessa perspectiva, ela articula interpretações sobre o aumento populacional em Uberlândia. Ver: MONTES, Silma Rabelo. **Entre o campo e a cidade**. As territorialidades do Distrito de Tapuirama (Uberlândia/MG) 1975 a 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

²⁷ Dentre a vasta lista de lugares para os quais me desloquei em busca de documentação e informações constam o Arquivo Público Municipal de Uberlândia; CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia); Secretarias da Prefeitura Municipal de Uberlândia; a Associação dos Moradores de Tapuirama (AMDITA); Associação dos Nordestinos de Uberlândia; Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uberlândia; internet (sites Prefeitura Municipal de Uberlândia, IBGE e outros); escritório da *JPL Resinas*.

município de Uberlândia. As fontes são consideradas, na perspectiva sugerida por Khoury, em sua

*Própria historicidade, como expressão de relações sociais, assim como elementos constitutivos dessas relações. Escolhê-las e analisá-las implica identificá-las e compreendê-las no contexto social em que se engendram e, igualmente, dentro de nossas perspectivas de investigação. Nesse sentido, mais do que buscar dados e informações nas fontes, nós as observamos como práticas e/ou expressões de práticas sociais através das quais os sujeitos se constituem historicamente.*²⁸

Ao entender que as fontes não se expressam por si mesmas, elas foram interrogadas no sentido de esclarecer a problemática elencada neste estudo. Ao considerá-las enquanto linguagens e expressão do que se vive em sociedade, procurei incorporar aquilo que elas nos trazem à explicação histórica. Essa percepção me instrumentaliza a lidar com a multiplicidade de enredos construídos pelos sujeitos sociais, a investigar a diferença, percebendo-os enquanto tendências que questionam a ordem estabelecida²⁹.

Partindo dessa concepção, no diálogo com as fontes, um desafio que se fez presente neste estudo diz respeito a analisar as falas dos trabalhadores, da imprensa e dos memorialistas. Assim, pude compor outros significados, outras versões para o viver na cidade. O Distrito, nas memórias de alguns entrevistados, emerge como um lugar permeado por dificuldades, em imagens que interpretam as relações de trabalho no campo, comuns a tantos moradores, como não correspondentes às suas expectativas, e na importância que o acesso ao trabalho com carteira assinada possui para eles. Desse modo, Uberlândia apareceu na fala de alguns como o lugar onde eles podem resolver seus problemas. Percebi um Distrito constituído por relações de vizinhança, na percepção de que os relacionamentos e os hábitos mudaram, como também as formas de convivência entre as pessoas. Ele também emergiu na relevância da conquista da casa própria, nas maneiras de ser das pessoas, nas relações que estabelecem com o tempo e nas suas expectativas de futuro.

O jornal **Primeira Hora** é um periódico pertencente a grupos ligados ao PMDB e representa os seus interesses nos anos do governo do então prefeito Zaire Rezende. Esse jornal circulou nos anos 1982 a 1988, período de administração municipal do

²⁸ KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. **Revista Projeto História**. São Paulo, PUC, n. 22, jun. 2001, p. 81.

²⁹ SARLO, Beatriz. Um olhar político. In: _____. **Paisagens imaginárias: arte e meios de comunicação**. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 55-64.

referido Prefeito. Naquele momento foi criada a Secretaria de Administração dos Distritos. O interesse em lidar com este jornal está em problematizar as maneiras como os Distritos são apresentados por representantes daquele segmento social.

Os moradores dos Distritos, na proposta de Democracia Participativa daquele governo, deveriam ser incluídos nos assuntos administrativos, no entanto, os documentos sugerem que eles deveriam permanecer nos seus lugares. Seus olhares sobre o Distrito se desdobram na idéia de controlar a vinda de pessoas do campo para a cidade, pois elas seriam as causadoras dos problemas urbanos. A preocupação com a “migração” do homem do campo para a cidade também é constante nas falas do poder público³⁰ e no jornal **Correio**.

A pesquisa no jornal **Correio**³¹ restringe-se aos anos de 1993 a 2007. A opção por iniciar a pesquisa em 1993 está condicionada ao ano em que teve início a atividade de extração de resinas no município de Uberlândia e a vinda de trabalhadores da Bahia para Tapuirama. Esse periódico foi escolhido por possuir uma circulação considerável e por representar um grupo social atuante na cidade e região.

Ao investigar as reportagens percebi como elas constituem formas de narrar os acontecimentos e fixar uma interpretação, entre outras possíveis. As construções trazidas por eles trazem e ajustam dimensões às suas aspirações, assim, os jornais são tomados enquanto parte de projetos políticos e econômicos. Isso instrumentaliza a ler as falas dos meios de comunicação como lugares de luta pelo poder e onde ele se constitui. Como propôs Martín Jesus Barbero, o discurso é poder porque nele não há só signos, mas produção, matéria e trabalho. Dessa forma, a análise dos discursos dos meios de comunicação deve pensá-los nos conflitos históricos que o produziram e “*articular a*

³⁰ Isso pode ser percebido ao investigar as propostas do Projeto Saúde no Campo, lançado pela Prefeitura Municipal de Uberlândia na atual administração. Este tem como finalidade afastar o êxodo do homem do campo para a cidade Ver: PREFEITURA lança Projeto Saúde no Campo. Prefeitura Municipal de Uberlândia. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/pmu>>. Acesso em: 02 jun. 2007.

³¹ O jornal **Correio** pertence ao grupo ALGAR (um grupo econômico presente no cenário político e econômico da cidade e região), dono de empresas que atuam nos mais variados ramos: segurança, comunicação, lazer, informação, transporte, entre outros. Este jornal representa o Sindicato Rural de Uberlândia, a ACIUB (Associação do Comércio e Indústria de Uberlândia), CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas), a Prefeitura Municipal de Uberlândia. Dessa forma, o jornal circulou com o nome de **Correio de Uberlândia** nos anos 1938-1991, com o nome de **Correio do Triângulo** entre 1991-1995, como jornal **Correio** a partir de 1995 e voltou a ser chamado **Correio de Uberlândia** no princípio de 2006. Um histórico deste jornal encontra-se disponível no seu site: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/v2/>>. Acesso em: 04 jun. 2007. Este jornal encontra-se nos acervos do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

discussão sobre o discurso à das suas condições de produção, de circulação e de consumo”³².

No jornal **Correio** notei que o noticiável em relação aos Distritos são geralmente os assuntos ligados às ações da Prefeitura Municipal de Uberlândia, ou notícias de caráter denunciativo³³. Muitas vezes, os trabalhadores que se mudam para essa cidade, como aqueles que vieram da Bahia para Tapuirama, não aparecem nas reportagens. Ao dialogar com seus pares a partir de interesses que compartilham, os editores dão ênfase à vinda de mais uma indústria para compor o “progresso” da cidade³⁴. Na imprensa percebe-se como determinados grupos buscam construir e legitimar uma memória classista, buscando torná-la oficial, apoiando-se na idéia de que seu discurso é científico e imparcial.

O tema da “migração” tem sido pauta de discussão deste jornal há muitos anos. Se por um lado eles divulgam a imagem de Uberlândia enquanto a terra das oportunidades, por outro, eles buscam meio de dizer que têm direito a ela. Assim, trabalhadores ganham alguns estereótipos negativos nas suas páginas, contra os quais, direta ou indiretamente, aqueles trabalhadores que chegaram a Tapuirama se posicionam. Nas entrevistas, os trabalhadores buscam elementos que justificam suas presenças no Distrito, atribuem às suas experiências presentes e passadas um sentido de legitimidade, honestidade, construindo uma imagem deles enquanto pessoas lutadoras. Assim, me permitiram ver que, se em alguns momentos a acomodação perpassa os modos de ser de trabalhadores, por outro, eles também resistem ao seu modo, têm consciência dos processos de transformação e não são passivos frente às mudanças.

Essas articulações me levaram a pensar a memória enquanto:

Um campo minado pelos conflitos sociais: um campo de luta política, de verdades que se batem, no qual esforços de ocultação e clarificação estão presentes na luta entre sujeitos históricos diversos que produzem diferentes versões, interpretação, valores e práticas culturais. Exatamente por isso a

³² BARBERO, Martín Jesús. Ideologia: os meios como discurso do poder. In: _____. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 69.

³³ Ver reportagens: TAPUIRAMA terá Poli-esportivo. **Correio do Triângulo**, Uberlândia, 10 ago. 1993. p. 8; TAPUIRAMA tem plano de habitação garantido. **Primeira Hora**, Uberlândia, 18 set. 1984. p. 7. No entanto, neste jornal também foi possível apreender contradições sociais e embates travados pelos moradores, na medida em que inserido no social, ele também procura falar das dificuldades vividas pelos moradores.

³⁴ Essas observações não implicam em cobrar dos jornais perspectivas que eles não assumem, mas compreender as suas articulações no processo de disputa, lendo-o em conjunto com outras fontes. Ver: RESINA Tropical vai ampliar produção em 20%. **Jornal Correio**, Uberlândia, 19 jun. 2002. Economia, p. 4.

*memória histórica constitui uma das formas mais poderosas e sutis da dominação e da legitimação do poder.*³⁵

O entendimento da memória enquanto um campo de disputas também me inspira a pensar nos documentos ditos oficiais. Aqueles registros, lidos em conjunto com outros, trazem as expectativas e as disputas dos grupos de poder, expectativas que sugerem um silêncio acerca dos viveres nos Distritos e, ao mesmo tempo, a sua apresentação nos feitos da Prefeitura e na concepção de que a violência existe naquele espaço, mas que ela é algo exótico e incomum a ele.

Nas atas da Associação dos Moradores de Tapuira (AMDITA) pude mapear um pouco das atitudes dos trabalhadores/moradores do lugar. Em ata de fevereiro de 2003, registrou-se “a indignação dos moradores sobre o loteamento do tradicional campo de futebol de Tapuira, feito pela Prefeitura Municipal”³⁶. Analisada em conjunto com narrativas de trabalhadores vindos da Bahia que se mostraram felizes com a conquista da casa própria, a partir de um programa social da Prefeitura Municipal de Uberlândia na gestão do prefeito Zaire Rezende nos anos 2000, essa fonte traz outras preocupações e outros sentidos do estar naquele lugar, evidenciando tensões presentes nos modos como vivem. Aquele local era utilizado pelos moradores em diversas atividades provisórias, tais como, apresentação de rodeios, encontros de motoqueiros e a cavallhada, parte da festa em louvor a Nossa Senhora da Abadia. Os próprios “baianos” disseram, em entrevista, fazerem daquele espaço um lugar de diversão quando chegam do serviço, ou nos finais de semana, através do futebol que praticam com os amigos e vizinhos.

Apesar de eu ter tido acesso somente a dois livros, devido à inexistência de outros ou ao seu não arquivamento, o Distrito apresentado nestes documentos permite perceber que formas de resistência criadas pelos moradores não estão desvinculadas das memórias do município de Uberlândia. Eles evidenciam aquilo que estava em pauta nos seus viveres, problemas e soluções apontadas.

Ao entender o trabalho com a história oral como “um meio de aproximação de modos específicos como as pessoas vivem e interpretam os processos sociais”³⁷, o gesto

³⁵ FENELON, Déa Ribeiro. Concepções de patrimônio cultural. In: SEMINÁRIO 25 ANOS CEDIC - PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E UNIVERSIDADE. São Paulo, PUC, s/d. p. 7. (Mimeo).

³⁶ ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO DISTRITO DE TAPUIRA, AMDITA. Ata da reunião realizada no dia 4 fev. 2003. Tapuira, 2003. Livro 2, p.27.

³⁷ KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. **Revista Projeto História**. São Paulo, PUC, n. 22, jun. 2001, p. 117.

de gravar entrevistas deixou, de certa forma, de ser mecânico, ao buscar uma relação de igualdade com os depoentes. As falas dos trabalhadores não são somente “coletadas”, mas ao contrário são produzidas através do diálogo construído entre pesquisadora e entrevistado, atenta ao foco dado pelos narradores à conversa e ao seu ato interpretativo, valorizando mais o diálogo e as significações construídas pelos narradores do que os conteúdos em si mesmos³⁸. Isso compõe uma alternativa para lidar com as peculiaridades e com a dinâmica da experiência e da consciência dos sujeitos.

As narrativas dos moradores trouxeram outros sentimentos, expectativas, experiências e atitudes que compõem o seu viver. Eles elegeram outras temporalidades, o tempo de cuidar das crianças e o ciclo do trabalho no sisal, o momento da chegada a Minas Gerais, situações constrangedoras vividas em espaços públicos no Distrito, a rotina do trabalho vista enquanto momentos de convivência, mostrando a relevância de tudo isso nos valores que permeiam as suas culturas. A partir dessa multiplicidade de percepções sobre o Distrito, este texto buscou ser forjado por múltiplas vozes, valorizar os atos interpretativos dos sujeitos, entendendo que *“uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mutua”*³⁹.

O critério para selecionar os entrevistados foi procurar pessoas de perfis diferentes para ampliar as possibilidades de análise. Gravei entrevistas com trabalhadores jovens e de mais idade; com nordestinos e não nordestinos; com alguns que vivem em Tapuirama há onze anos e outros que estão lá há sete meses; com trabalhadores que viveram outras experiências de trabalho no Distrito além do trabalho com a extração de resinas; com uma trabalhadora aposentada, com um trabalhador que está desempregado e com comerciantes locais. Os entrevistados e suas identificações, que possibilitam perceber a importância das suas narrativas neste trabalho, estão relacionados no item Fontes.

A maioria das entrevistas foi realizada nas casas dos narradores e em algumas delas, como no caso da entrevista com a Sra. Ivaneide, o seu esposo, o Sr. Hélio e um

³⁸ As atividades promovidas na linha Trabalho e Movimentos Sociais muito contribuíram para a compreensão dos sentidos e dos usos da História Oral. Entre elas, o Seminário Interinstitucional *“Caminhos da História Social: diálogos sobre memórias, fontes orais e perspectivas de investigação”* que teve a participação do Prof. Alessandro Portelli; a oficina de História Oral, coordenada pelo Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida e a participação de professores vindos para os Projetos Pró-Qualidade, como a Profª Drª Yara Aun Khoury. Estes eventos também foram fundamentais para a reflexão e organização dos nossos trabalhos.

³⁹ PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC, Programa de Estudos Pós-Graduados em História, n. 14, 1997, p. 9.

vizinho do casal, que estava presente no dia da gravação também participaram. Outras entrevistas foram feitas no ambiente de trabalho, é o caso do Sr. Anderson e do Sr. Clacídio, em seus respectivos estabelecimentos comerciais: sacolão e açougue. Alguns deles eu conhecia pessoalmente desde o trabalho da graduação, como por exemplo, a Sra. Guiomar e o Sr. Anderson, entre outros. Alguns entrevistados, como fora o caso da Sra. Ivaneide e do Sr. Hélio, seu esposo, tive contato através da Sra. Antonia, esposa do Sr. José Carlos, trabalhador que já conhecia há mais tempo, quando solicitei a ela que me apresentasse uma trabalhadora, com a finalidade de me aproximar das experiências de mulheres nordestinas em Tapuiriama.

Nenhuma pessoa abordada se negou a conceder entrevista. Mas, embora eu tenha esclarecido os interesses da pesquisa, a fala de alguns, sobretudo daqueles que têm vínculo empregatício com a *JPL Resinas*, foi marcada por um sentimento de receio. Assim, tanto os trabalhadores vindos da Bahia quanto os nascidos em Tapuiriama procuraram ressaltar aspectos positivos dos seus modos de viver. No entanto, nas suas contradições pude refletir sobre os elementos de tensões sociais que perpassam suas vidas.

Os elementos contidos nas narrativas dos trabalhadores, aliados a minha observação sobre aquele espaço urbano, conduziram-me à produção e à investigação em um outro tipo de fonte: as fotografias. As imagens utilizadas nesta pesquisa foram produzidas por mim e pelos trabalhadores. Tive acesso também a algumas fotografias feitas pela *JPL Resinas*, no entanto estas não foram selecionadas devido à opção que fiz em priorizar aquelas produzidas por mim e aquelas cedidas pelos trabalhadores. Esse recorte se deu no sentido de que as imagens escolhidas por eles revelaram os modos como as pessoas queriam se apresentar em público. Suas fotos também são documentos que ajudam na composição de memórias sobre o momento de sua chegada a Tapuiriama, das suas percepções acerca das condições de moradia e do dia-a-dia do trabalho, sugerindo transformações nas suas perspectivas de futuro.

As fotografias produzidas por mim expressam o meu olhar sobre os modos de viver dos trabalhadores em Tapuiriama, elas ainda traduzem parte das minhas preocupações com relação à temática. Desse modo, concordando com a interpretação de Santos:

As fotos não são compreendidas assim como um anexo ao trabalho, uma fonte à parte contendo a confirmação das formulações realizadas, a verdade sobre a realidade fotografada e/ou como um simples reflexo do mundo real e exterior

*ao fotógrafo. São entendidas aqui como leituras, a partir de um olhar, sobre o instante fotografado, possuindo em si mesmas e na forma como são percebidas (organizadas, expostas etc) vários significados acerca do que se desejava representar.*⁴⁰

Nessa perspectiva, até mesmo aquilo que não fazia parte das preocupações principais do fotógrafo tornou possível o diálogo com as fontes orais e com os documentos oficiais. Elas permitiram perceber aspectos dos modos de viver que compõem a dinâmica de relações no Distrito de Tapuira: os sentidos que o futebol adquire entre os trabalhadores; a praça enquanto um lugar de encontros, de festas, um espaço onde um pouco de tudo pode acontecer; a relevância da religiosidade nas suas vivências, a sua participação nos bares.

Neste trabalho, os mapas adquiriram, sobretudo, a função de localizar o leitor e situá-lo no espaço geográfico, ajudando a pensar que não é a distância o que faz dos viveres daqueles trabalhadores/moradores ser peculiar, rural ou urbano, mas a dinâmica de relações instituídas pelas pessoas.

A partir deste diálogo com as fontes a dissertação foi organizada em três capítulos. O primeiro analisa os viveres de trabalhadores/moradores do Distrito de Tapuira através da imprensa, de memorialistas, de entrevistas e documentos produzidos junto a Prefeitura Municipal de Uberlândia. Nestes, percebi os diversos modos como o Distrito é apresentado pelos diferentes agentes sociais. Procuro problematizar os modos como se constrói as imagens de cidade, a realidade vivida pelos trabalhadores, nordestinos e não nordestinos, e sentimentos expressados nas falas desses moradores que denotaram o desejo de pertencer.

O segundo capítulo é dedicado às experiências sociais vividas pelos trabalhadores vindos da Bahia. Importa compreender, através das entrevistas, como eles lidam com o tempo, partem de experiências presentes para explicarem a trajetória vivida e a sua presença no Distrito. Problematizo ainda os modos como se relacionam com as pessoas do lugar, suas relações de trabalho e as maneiras como significam o Distrito. Fazendo uso de jornais, de fotografias realizadas por mim e pelos trabalhadores, busco as maneiras como estes são vistos por outros agentes sociais e os sentidos que atribuem às relações de classe vividas.

O terceiro capítulo traz como problemática as relações que extrapolam aquelas que dizem respeito ao trabalho, priorizo as relações de vizinhança e familiares, enfim, as

⁴⁰ SANTOS, Carlos José F. dos. Introdução: tudo era italiano? In: _____. **Nem tudo era italiano**: São Paulo e Pobreza, 1890-1915. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1998. p. 21.

sociabilidades que se desenrolam naquele espaço social. Nesse sentido, focalizo ainda as práticas de lazer, tais como jogar futebol, freqüentar a igreja, a praça e os bares do lugar, utilizando-me de entrevistas e fotografias.

CAPÍTULO I

“POR SER DISTRITO AQUI... NUM CRESCE!”⁴¹: A IMPRENSA, OS MEMORIALISTAS, O PODER PÚBLICO MUNICIPAL, OS TRABALHADORES E AS DIFERENTES LEITURAS SOBRE TAPUIRAMA

*Tapuirama!
Como são encantadoras
As tuas manhãs riosas
Quando o sol surge despoitando
Seus esplendurosos raios de luz
No Horizonte do teu soberbo
Planalto, onde está plantado
Com singular beleza...*

*Tapuirama!!
Que doce musicalidade tem o gorjeio
dos teus alegres passarinhos
que cantam na galhada fartalhante
dos pambuais verdinhos que vicejam
nos quintalejos das graciosas
residências da população feliz [...]*⁴²

*Aonde muitos coitado trabaia o dia todinho, o mês todinho e num tem
condições de comer um prato de comida e se deitar pra descansar, quando
acaba de engolir bebe água e já tá virando pro serviço e num tem valor!
Quando entra na rua é um pé rachado é um bunda mole matuto, né? Que trata:
‘olha lá o caipira’, né? E o homem da cidade tá vivendo por causa do homem
do campo, mais homem do campo num tem valor.*⁴³

Os viveres no município de Uberlândia-MG apresentados nas narrativas dos moradores/trabalhadores do Distrito de Tapuirama-MG, instituem-se com e nas diferenças entre os sujeitos sociais, ao se relacionarem nos espaços públicos e privados. Suas narrativas, ao serem analisadas em conjunto com outras, ou seja, com os “discursos” produzidos pela imprensa, pelo poder público e pelas organizações

⁴¹ Sr. Anderson Gomes Gonzaga, 33 anos, solteiro, tem um filho. Nasceu em Uberlândia e sempre morou no Distrito de Tapuirama-MG. Entrevista realizada em 30 jul. 2006.

⁴² ARANTES, Jerônimo. **Cidade dos sonhos meus**: memória histórica de Uberlândia. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 127.

⁴³ Sr. Adonel Ventura de Lima. O Sr. Adonel se mudou da Bahia para Tapuirama há 10 anos. Ele já trabalhou na extração de resinas, mas atualmente trabalha em uma fazenda nas proximidades de Tapuirama e vive em casa própria. Entrevistado em 26 mai. 2007.

patronais, sugerem a presença de disputas e tensões permeando os seus viveres em sociedade. No entanto, em tais documentos os conflitos são geralmente silenciados, cabendo a nós historiadores questionarmos o como e o porquê dessa ausência.

Investigo as maneiras como os moradores de Tapuïrama se relacionam, seja nos espaços sociais localizados no interior do Distrito ou no restante da cidade, seus modos de trabalhar, de se divertir, se relacionar com os vizinhos e com o poder público municipal, compreendendo que as cidades não são meros espaços de manipulação. A percepção de relações instituindo a cidade possibilita compreendê-la historicamente, entendendo-a enquanto lugar da pluralidade, da diferença e das relações de poder⁴⁴.

Nas experiências narradas pelos trabalhadores, emergem uma bagagem cultural e histórica assim como as relações que estabelecem com o tempo ao se remeterem ao passado a partir do presente, o que me possibilita compreender as marcas que vão imprimindo no espaço social ao longo do processo histórico vivido. Eles falaram de direitos à educação, saúde e lazer e suas narrativas são tomadas neste estudo como uma expressão dos modos de viver no Distrito, de visões de mundo, desejo de pertencerem e de se relacionarem nos espaços públicos conflituosos⁴⁵.

Busquei um diálogo entre diferentes agentes sociais e diferentes interpretações sobre a cidade/município, na expectativa de que o resultado seja a expressão das relações sociais vividas e em confronto na dinâmica social⁴⁶. As “histórias” produzidas pelos memorialistas locais são consideradas pelo poder público municipal e por grupos de comerciantes, industriais, latifundiários, e até mesmo pelos professores de ensino fundamental, como a versão autorizada e verdadeira sobre a história da cidade de

⁴⁴ FENELON, Déa Ribeiro. **Cidades**. São Paulo: PUC/Programa de Estudos Pós-Graduados em História: Olho D’ água, 1999, p. 5-13.

⁴⁵ Ao discutir o problema da violência nos espaços públicos, a partir da realidade argentina, Sarlo chama a atenção para transformações no tempo presente ao pensar o espaço público. Ela discute como os projetos de cidade, constituídos desde o início do século XIX por projetos de ordenação da burguesia vão se desorganizando e como a cidade “moderna” expressa espaços de controle social, apontando para a reflexão de que não vivemos num vazio de experiências, nem num vazio de instituições. Essa compreensão sugere refletir sobre as relações conflituosas que compõem os espaços sociais. Ver: SARLO, Beatriz. Contrastes na cidade. In: _____. **Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 47-92.

⁴⁶ A perspectiva de lidar com essa diversidade de atos interpretativos sobre a realidade social foi inspirada pela leitura da obra **Muitas memórias, outras histórias**. O texto da Profª Yara Aun Khoury contribui para essa abordagem ao sinalizar a importância de compreendermos as pessoas vivendo ativamente a dinâmica social e significando a experiência vivida. Torna-se fundamental compreender o papel que cada um desempenha na dinâmica social e dar “maior atenção e sensibilidade às múltiplas forças que atuam no fazer-se diário da história, as múltiplas expressões e linguagens por meio das quais ela se forja, acima de tudo a questão do sujeito na história” (KHOURY, Yara Aun. *Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na História*. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D’ água, 2004. p. 122).

Uberlândia, embora considerada – e talvez seja sim – a mais adequada aos seus interesses. Por este motivo, elas são relevantes neste trabalho. A investigação da estrutura narrativa e da organização desses documentos, juntamente com as falas dos moradores, permite investigar as relações de poder, as memórias em disputa no âmbito social, as atitudes e valores que os sujeitos sociais firmam na cidade.

A **Revista Uberlândia Ilustrada**, fundada e dirigida por Jerônimo Arantes, ao ter o seu primeiro número publicado em 1939, tinha nas palavras do autor o objetivo de:

*[...] divulgar os conhecimentos dos nossos antepassados, sonhadores de uma comuna que ora edificamos com o calor de nosso idealismo de engrandecimento, formando este patrimônio de elevada expressão na grandeza de um Brasil novo, que cresce nesse recanto privilegiado do Centro Oeste.*⁴⁷

Os textos publicados nessa revista, ao ganharem o formato de livro intitulado **Cidades dos sonhos meus**, a partir de 1960, trazem, segundo o autor, a preocupação de registrar somente aquilo que aprendera da história da organização social de cidade. A história de Uberlândia, a que se refere o memorialista, apresenta uma cidade caracterizada pelos aspectos físicos da paisagem e pelos grandes acontecimentos. As formas e os conteúdos que trabalha remetem a uma problemática essencial: o desejo de divulgar “os conhecimentos dos nossos antepassados”. Afinal, quem tem esse desejo? Quais conhecimentos devem ser divulgados? A quais antepassados ele se refere? A Uberlândia que se quer lembrar ao longo da obra é enaltecida pelo seu passado e através da idéia de grandeza e riqueza projetada nacionalmente. Refere-se a “*grandes homens públicos*”⁴⁸ e não às pessoas comuns.

A obra está organizada em onze capítulos distribuídos em duas partes, sendo que o seu conjunto se caracteriza pela organização cronológica. A primeira parte do livro traz um esboço da região, os primeiros povoados que deram origem à cidade e os seus fundadores; as ações e os nomes das pessoas importantes do poder público municipal e judiciário; empresas; ensino; comunicação e locomoção; a importância dos recursos

⁴⁷ ARANTES, Jerônimo. **Cidade dos sonhos meus**: memória histórica de Uberlândia. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 23. Jerônimo Arantes foi inspetor do Ensino Municipal no ano 1930. A partir desse período manteve relações com os moradores do Distrito de Tapuira por atuar na área da educação. Chamou-me a atenção o procedimento organizador da obra. Depois de “registrar” o que chama de a história da formação da cidade de Uberlândia através de dados sobre a região, sobre a povoação dita “primitiva”, sobre as primeiras escolas e indústrias, fazendo referência aos nomes dos “criadores” e dos “grandes homens” que a construíram, Arantes conclui: “*E foi assim, que se fez neste rincão das bravias terras mineiras, o alicerce onde se ergueu a mais rica e bela cidade do Brasil Central, que se chama Uberlândia.*” (ARANTES, 2003, p. 41).

⁴⁸ Principalmente aqueles considerados os fundadores da cidade (Felisberto Alves Carrejo), os primeiros comerciantes (José Teófilo Carneiro) os primeiros juizes (Dr. Duarte Pimentel de Ulhoa), entre outros.

minerais da cidade. A segunda parte é dedicada ao que ele denomina “setor rural” de Uberlândia, no qual inclui os Distritos de Tapuirama, Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos e Miraporanga. Além destes, fazendas antigas da região e o seu potencial hidráulico, fechando com uma coletânea de canções sobre a cidade compostas por memorialistas.

Tapuirama, bem como os outros Distritos e demais lugares da cidade, aparece na obra de Arantes como o lugar daquilo que ficou para trás. Ao olhar para a cidade com os olhos do seu tempo, e a partir de seus referenciais culturais, o memorialista destacou a construção da igreja, a povoação, o momento de instalação do Distrito, sua localização geográfica, o histórico da sua formação e a composição da natureza. O autor finaliza com o seguinte poema, escrito por ele mesmo, fazendo uso do pseudônimo de Dalbas Júnior:

*Tapuirama!
Como são encantadoras
As tuas manhãs radiosas
Quando o sol surge despontando
Seus esplendorosos raios de luz
No Horizonte do teu soberbo
Planalto, onde está plantado
Com singular beleza...*

*Tapuirama!!
Que doce musicalidade tem o gorjeio
dos teus alegres passarinhos
que cantam na galhada fartalhante
dos pambuais verdinhos que vicejam
nos quintalejos das graciosas
residências da população feliz [...]*⁴⁹

O poema faz referência aos aspectos físicos do Distrito, característica que permeia a obra por inteiro. Ele é exaltado pelas manhãs de sol brilhante, pelos pássaros que cantam alegremente. O espaço social é visto com olhar saudosista de um passado onde tudo parecia ser perfeito. Sobretudo, chama atenção a noção que o poema traz explicitado: a de população feliz. O que se apresenta é uma visão universalizante, descompromissada com o processo histórico, desprovida de conflitos sociais.

Os Distritos aparecem vinculados à formação do restante da cidade, sugerindo que sua importância e sua presença dentro do município são vistas unicamente nesse passado por ele construído e transposto por meio de uma visão romântica. Nota-se a presença de um olhar dicotômico entre campo e cidade. Esta visão pressupõe a idéia de

⁴⁹ ARANTES, Jerônimo. **Cidade dos sonhos meus**: memória histórica de Uberlândia. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 127. (Este poema provavelmente não fora datado).

dicotomia entre a noção de atraso, ligada ao campo, e a noção de desenvolvimento, ligada à cidade⁵⁰, apesar de haver a exaltação de nomes de grandes fazendeiros no decorrer da obra. Foram feitas referências aos Distritos somente ao falar da sua formação, ou seja, do seu passado.

A história da cidade de Uberlândia e dos seus Distritos apresentada por Arantes é constituída com o objetivo de estabelecer uma imagem de cidade rica e de projeção nacional por contar com grandes lideranças à sua frente e um passado que a faz merecer essa posição. Essa mesma elaboração é propagandeada pelos grupos políticos e econômicos que se fazem na cidade, especialmente em ocasiões do seu aniversário⁵¹. A separação dos Distritos do núcleo central da cidade de Uberlândia e a sua identificação num passado distante expressam, atualmente, interesses de grupos dominantes locais que disputam a cidade, buscando anular outros projetos que não corroborem com os seus.

Ao entrecruzar os escritos de memorialistas locais com os relatos de “pessoas comuns” e com os pronunciamentos de lideranças político-econômicas no presente, verifica-se como esses últimos fazem uso dos primeiros ao selecionar idéias comuns a respeito da cidade e das suas memórias. Nesse sentido, ao analisar o documentário **A História de Uberlândia/1682-2006**⁵² levo em consideração que ele foi produzido para um público composto por comerciantes, grandes empresários e industriais com capital para investimentos, com o objetivo de retratar o trabalho das pessoas que fizeram Uberlândia. Tal como fizeram os memorialistas, o documentário foi organizado a partir de uma visão linear e evolutiva. Produzido com o apoio de lideranças políticas locais e

⁵⁰ Raymond Williams parte de discussões presentes e retorna ao passado inglês em que percebe existir a perspectiva de que a vida no campo está perdendo suas características para mostrar como o campo tem sido visto com o olhar da cidade. Dessa forma, o autor vai evidenciando como a dicotomia entre campo e cidade é útil para promover comparações superficiais e impedir comparações reais. Ver: WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 111-117.

⁵¹ A edição especial comemorativa dos 100 anos de Uberlândia, publicada pelo Jornal Correio de Uberlândia em agosto de 1988, foi objeto de estudo de Leonardo Santana que teve como preocupação central analisar os sentidos e os significados produzidos pelo jornal acerca das comemorações do aniversário da cidade. No seu trabalho ele discute como a cidade é apresentada pelo jornal, para quem, por quem e com qual finalidade, destacando a participação dos grupos dominantes locais na disputa pelo direito à memória da cidade. Ver: SANTANA, Leonardo Henrique. **1988: Uberlândia fez 100 anos: uma leitura da cidade aniversariante**, nos cadernos do centenário do jornal Correio de Uberlândia. 2007. Monografia (Graduação em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

⁵² **A História de Uberlândia/1682-2006**. Este documentário foi patrocinado pela *Zapi Impermeabilizante* (empresa atuante no ramo de construção civil), editado pela *Play Vídeo* e produzido com o apoio da Prefeitura Municipal de Uberlândia, em agosto de 2006, mês em que se comemora o aniversário da cidade.

da Prefeitura Municipal, nele atribui-se demasiada importância às primeiras famílias consideradas desbravadoras, aos formadores da cidade, os fazendeiros, homens de grandes iniciativas e os primeiros empresários e comerciantes. Mas, ao contrário do que fizera Arantes, nesse documentário os Distritos não aparecem. Nele, a cidade de Uberlândia é apresentada como o foco principal e o seu potencial comercial e industrial parece ser a preocupação primeira⁵³.

Nas falas das pessoas escolhidas para participarem do documentário emerge uma imagem de cidade atrelada às noções de progresso e desenvolvimento. Os uberlandenses que possuem autoridade para falar sobre a cidade, e também sobre as relações comerciais que julgam ser inerentes a ela, são: Odelmo Leão Carneiro, Virgílio Galassi, Luis Alberto Garcia, Aldorando Dias de Souza, entre outros. Estes são nomes de políticos considerados conservadores e membros dos setores dominantes de Uberlândia. Eles são – ou mantêm laços com – latifundiários, empresários, comerciantes e constituem o poder público municipal⁵⁴.

Nas narrativas, imagens e sons veiculados pelo documentário verifica-se as maneiras como grupos políticos e econômicos, detentores do poder, se articulam em prol de interesses que disputam na cidade. Buscam reforçar a idéia de que Uberlândia é por tradição histórica e por vocação uma cidade de comércio e de indústria, ou seja, a noção de que ela é naturalmente a cidade do progresso e do desenvolvimento⁵⁵. Nota-se que os elementos veiculados neste vídeo são baseados nos valores, interesses e

⁵³ A pesquisa de Célia Rocha Calvo contribui para estas reflexões. Ver: CALVO, Célia Rocha. Discutindo a produção da memória e revendo a cidade. In: _____. **Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos. Uberlândia 1938-1990**. 2001. Tese (Doutorado em História)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

⁵⁴ O grupo de pessoas autorizadas nesse vídeo a falar sobre a cidade é composto por políticos ligados ao MDU (Movimento Democrático de Uberlândia) e à Associação Comercial e Industrial de Uberlândia e que se alternam na administração pública municipal há alguns anos. Os períodos de suas gestões como prefeitos são as seguintes: Renato de Freitas (1967-1970 e 1974-1977); Virgílio Galassi (1970-1973, 1978-1982, 1989-1992, 1997-2000); Paulo Ferolla (1993-1996), além de Odelmo Leão (atual). Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/pmu>>. Acesso em: 04 fev. 2007.

⁵⁵ A idéia de que Uberlândia é por tradição histórica e por vocação uma cidade de comércio e de indústria é apresentada, sobretudo nas falas das pessoas que, no vídeo, têm voz: Virgílio Galassi, Prefeito de Uberlândia por vários mandatos e Luis Alberto Garcia, empresário local, proprietário de empresas que atuam desde a comunicação, segurança, lazer até a informação entre outras. A idéia de tradição histórica e vocação de Uberlândia ao comércio tem sido utilizada também pela imprensa local, sobretudo pelo jornal Correio de Uberlândia (pertencente ao grupo ALGAR, de Luis Alberto Garcia, jornal que representa a classe dominante) ao disputar interesses e o direito à memória da cidade. O comércio aparece, quase que como sujeito, como o responsável pelo crescimento da cidade e não os trabalhadores, evidenciando a articulação de disputas no presente. Evidencia-se como esses sujeitos dialogam entre si. Os grupos econômicos são destaques no filme, pois são seu público alvo e membros do mesmo grupo no poder. Tentam mostrar a imagem de que esta cidade tem hoje projeção nacional, como foi no passado. Ver: SANTANA, Leonardo Henrique. **1988: Uberlândia fez 100 anos: uma leitura da cidade aniversariante**, nos cadernos do centenário do jornal Correio de Uberlândia. 2007. Monografia (Graduação em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007. p. 51.

significados que vão se instituindo e norteiam as concepções dos seus idealizadores, produtores e financiadores.

Apesar de o documentário ser direcionado a um público específico, ele também se destina aos trabalhadores e moradores da cidade/município. A sua veiculação é compreendida como uma tentativa de fixar uma versão de história. Isso se dá através da repetição de alguns termos, tais como, tradição, desenvolvimento, indústrias e trabalho, e também pela utilização de narrativas intensas como, por exemplo, a fala do narrador ao iniciar o filme afirmando, veementemente, que o que se verá em seguida é o retrato do trabalho das pessoas que fizeram Uberlândia. Assim, a primeira pessoa escolhida a falar é o ex-prefeito da cidade Virgílio Galassi, que diz ter acompanhado o desenvolvimento de Uberlândia e a história daqueles que a construíram.

O vídeo constitui uma tentativa de anular outros modos de pensar a cidade, se apegando ao modo como o seu grupo a concebe e institui, sem admitir a pluralidade de abordagens⁵⁶. Os momentos, os espaços e as pessoas são eleitos por este grupo como aqueles que compõem e têm direito à cidade. Desse modo, as pessoas comuns moradoras de bairros afastados, ou dos Distritos e da zona rural, não têm presença no vídeo, sugerindo que essa cidade disputada por aqueles (que se pretendem dominantes) não deve pertencer aos trabalhadores que ali vivem. Também os espaços escolhidos ou destinados a estas pessoas e os modos como são experimentados por elas não foram selecionados.

Numa dinâmica de tensão expressada em interesses que se conflitam, buscaram silenciar os viveres dos moradores/trabalhadores nos Distritos, bem como em outros bairros, por meio de uma estratégia que visa anular as diferenças sociais, instituir e difundir uma imagem de cidade ordeira, harmoniosa e sem conflitos, ocultando a exploração da mão de obra trabalhadora.

Ao apoiar e produzir este documentário, esses sujeitos, ou seja, as elites que querem fazer-se dominantes, disputam o direito à memória da cidade, buscando produzir uma que a represente. O quê e quem devem ser lembrados e destacados na construção da cidade são pautados na seleção de sujeitos, acontecimentos e momentos passados.

⁵⁶ MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004. p. 17.

A partir do entendimento de que o diálogo entre os vários segmentos sociais faz emergir contradições, e que a experiência social compreende “*a luta cultural para configurar valores, hábitos, atitudes, comportamentos e crenças*”⁵⁷, problematizo os modos como as pessoas se colocam nessas relações conflituosas, a partir dos viveres de trabalhadores em Tapuira, vistos por meio de diferentes linguagens do social. Nesse sentido, o desafio encontra-se em analisar as falas da imprensa, dos memorialistas e dos trabalhadores, entendendo o como e o porquê das suas elaborações, as formas e os significados das suas narrativas.

Ao entrecruzar as fontes, várias leituras acerca de Tapuira foram descortinadas. Os modos de vida nos Distritos de Uberlândia são apresentados no jornal *Correio de Uberlândia* a partir do entendimento do lugar onde há “*conversas de compadres sobre terras boas para pastagens e plantações, cabeças de gado vistas pastando indiferentes ao barulho de um motor de ônibus velho, muito acostumado aos caminhos que levam ao passado*”⁵⁸. Os Distritos são caracterizados como lugares tranquilos e em harmonia com a natureza, onde as pessoas parecem vivenciar um tempo em que não há mudanças, contradições ou conflitos⁵⁹, como já sugeriam os memorialistas. O passado parece ser, simultaneamente, ponto de partida e de chegada.

Essa imagem passada pelos jornais é veiculada pelos seus produtores e financiadores com finalidades políticas. Trata-se de um periódico pertencente a um grupo econômico atuante na cidade. Este defende os interesses dos grupos sociais e políticos aos quais é vinculado. O jornal **Correio** possui a Prefeitura Municipal de Uberlândia como um de seus clientes, sendo que esta extrapola este papel passando a atuar também como apoiadora deste periódico, por saber que também os editores do jornal coadunam com os projetos da administração municipal⁶⁰.

⁵⁷ FENELON, Déa Ribeiro. **Cidades**. São Paulo: PUC/Programa de Estudos Pós-Graduados em História: Olho D’ água, 1999. p. 7.

⁵⁸ ÔNIBUS faz diariamente uma viagem no tempo. **Correio do Triângulo**, Uberlândia, 06 nov. 1994, p. 7. A notícia também ganhou destaque na capa do jornal com o seguinte título: “A bela paisagem do coletivo da roça”. Àquele que passa os olhos por este periódico é impossível não se ater a esta reportagem. Ocupando um espaço considerável na folha do jornal ela ainda traz uma fotografia que indica harmonia e sossego, condizente com o que o título sugere.

⁵⁹ Renata Silva, no seu estudo sobre o Distrito de Martinésia também sugere interpretações neste sentido. Ver: SILVA, Renata R. **Proprietários rurais do distrito de Martinésia** (Uberlândia/MG): viver e permanecer no campo – 1964-2005. 2007. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

⁶⁰ No jornal, os lugares, os momentos e as memórias que se buscam afirmar se distanciam muitas vezes da realidade vivida pelas pessoas comuns, pelos trabalhadores na cidade, como acontece nas obras dos memorialistas e nas falas dos políticos. Ao investigar as relações sociais instituídas encontram-se, sim, sentidos para a imagem de cidade harmônica que a imprensa busca elaborar (não somente junto ao seu grupo, mas também junto às pessoas comuns, aos trabalhadores), pois estes são agentes sociais e suas

Trazer as relações entre agentes sociais antagônicos e as múltiplas linguagens que se produzem no social significa conceber o momento de registrar aquilo que pôde ser apreendido durante a pesquisa como oportunidade de colocar em prática o nosso compromisso com as questões sociais, e também com a auto-reflexão sobre a escrita da história que produzimos. E, nesse sentido, cabe pensar se também ela não tem implicações nos processos de lidar com as diferenças e sobre o quanto essa escrita tem explorado, ou não, os processos de constituição da história e da memória em suas relações mútuas⁶¹. Por este motivo, a preocupação central é investigar as maneiras como os trabalhadores/moradores de Tapuirama se fazem no processo histórico e atribuem significados à experiência vivida, sem perder a dimensão dos conflitos, das lutas, do exercício do poder e das disputas presentes nas diversas dimensões da vida.

A partir disso, o Distrito de Tapuirama é entendido aqui como um espaço de cidade em que os habitantes se deslocam e se situam, onde seus referenciais vão sendo construídos conforme usos culturais, ou seja, sentidos para as utilizações dos espaços públicos conforme estratégias instituídas pelos sujeitos em suas múltiplas relações, entendendo que:

*Por esse processo, ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações e lembranças compartilhadas, que passam a fazer parte da experiência ao se transformarem em balizas reconhecidas de identidades, fronteiras de diferença cultural e marcos de pertencimento.*⁶²

Ao compartilhar da perspectiva empregada por Antonio Arantes, percebi a relevância de pensar Tapuirama a partir das experiências vividas pelos sujeitos nos espaços sociais, sem me restringir à simples descrição da sua estrutura urbana – apesar

idéias/attitudes compõem a cultura urbana. Porém, nessa relação também se enxerga os modos de vida dos trabalhadores enquanto parte dessa cultura. Ao compreender que a imagem de cidade é definida e delineada pelas relações sociais que se desenvolvem, Fenelon busca investigar os “*modos de viver, de morar, de lutar, de trabalhar e se divertir dos trabalhadores que, com suas ações, estão impregnando e constituindo a cultura urbana*”. Sobre a idéia de cultura urbana, ver: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). Introdução. In: _____. **Cidades**. São Paulo: PUC/Programa de Estudos Pós Graduated; Olho D’água, 1999, p. 6.

⁶¹ Em um texto que discute diversidade cultural e inclusão social, Khoury coloca reflexões sobre o atual momento político e sobre as responsabilidades sociais que nós historiadores temos nesse processo. A autora trata do desafio de admitir e destrinchar as questões da diferença e da multiplicidade, buscando vê-las engendradas por embates de forças sociais, sem negar a contradição e o conflito. Ver: KHOURY, Yara Aun. Diversidade cultural, inclusão social e a escrita da história. In: Congresso Nacional de História Oral, 14., 2005, Rio Branco-Acre, **Anais...** 2005. p. 1-8.

⁶² Ao refletir sobre os aspectos políticos e culturais da produção social do espaço público a partir das transformações ocorridas na cidade de São Paulo nos últimos cinquenta anos, Arantes explora os processos por meio dos quais se forma o lugar político no espaço urbano. Ver: ARANTES, Antonio A. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000. p. 106.

da necessidade de fazê-lo em alguns momentos para uma melhor compreensão do leitor – ou me prender à visão do poder público municipal. O exercício da reflexão em torno das maneiras como o espaço social se apresenta aos moradores reflete a compreensão de lidar com a noção de “sujeitos” enquanto sujeitos sociais, que compartilham experiências e, portanto, transmitem, através de suas narrativas, a dimensão da sua cultura, do lugar social em que vivem e se relacionam⁶³.

Na tentativa de mapear as maneiras como os moradores do Distrito interpretam seus modos de viver, procurei ouvir os sujeitos nas suas percepções sobre a cidade/Distrito. Depois de eu ter questionado se Tapuیرama seria um bom lugar para se viver, incitando o Sr. Anderson a narrar suas experiências enquanto morador do lugar, na expectativa de ouvir a justificativa de sua resposta, qualquer que fosse ela, ele fez a seguinte afirmação:

*É, é legal. Como você acabou de dizer né, é bom [mas] em termos [porque é] tranquilo, lugar sossegado longe ainda da violência [...]. Só que emprego, o emprego aqui, cê sabe que a mão de obra aqui ainda não mecanizada ainda, mais o principal é... digamos assim, é... a principal economia na nossa região é a agricultura e ultimamente você sabe como que tá a agricultura né, havendo muito desemprego, muito desemprego agora. Então pra morar aqui hoje, falar só morar, é maravilhoso mais na realidade nós estamos começando a ter problemas com o emprego aqui. [...] Até então era a pecuária né, mais já tem bem uns dez anos pra cá ou mais! Eu tô dizendo dez porque...mais, mais, acho que mais... que isso. É a agricultura e agora tamos começando a ter o desemprego, e o lugar que não tem emprego logicamente não é um lugar bom pra morar. Isso eu tô dizendo social porque na...particularmente pra mim ainda é um ótimo lugar, financeiramente, sossegado, eu tô dizendo numa maneira ampla sabe? Social.*⁶⁴

Por meio da sua narrativa o Sr. Anderson elege momentos, constrói temporalidades, atribuindo sentidos para os espaços e as transformações sociais. Através de sua fala percebi significados e imagens da cidade em movimento. Sobretudo, notei como se aproximam e/ou distanciam as ditas “memórias hegemônicas” e aquelas produzidas no diálogo com pessoas comuns que, na maioria das vezes, vivem da venda da sua força de trabalho e têm como referência espaços sociais que compartilham nos seus viveres.

⁶³ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004. p. 116-138.

⁶⁴ Anderson Gomes Gonzaga, 33 anos, solteiro, tem um filho. Atualmente é proprietário de um sacolão localizado na esquina com a Praça Said Jorge. Nasceu em Uberlândia e sempre morou no Distrito de Tapuیرama. Antes de possuir o sacolão ele trabalhava como carregador de cargas de carvão, por empreito, prática de trabalho comum entre os moradores do lugar. Entrevista realizada em 30 jul. 2006.

Assim, num primeiro momento, ele parece concordar com a afirmativa colocada por mim. Mas, sua fala evidencia diferenças, destacando processos de percepções presentes no momento da produção da entrevista. Ele se mostra um observador atento, identifica o seu lugar e o meu e, dessa forma, ele dá autoridade a mim enquanto pesquisadora: “*como você acabou de dizer né, é bom*”, “*o emprego aqui, cê sabe*”, “*você sabe como que tá a agricultura*”, esperando que eu reconhecesse e confirmasse os sentidos instituídos por ele.

A sua narrativa segue um sentido contrário ao da afirmativa elencada por mim, e é até mesmo contraditória com os seus próprios argumentos. Num trabalho de elaboração de consciência à medida que narra, ele explicita as relações vividas e apresenta os conflitos que estão por detrás da imagem de tranquilidade e sossego dos Distritos, normalmente destacados pela imprensa e pelos memorialistas. Na leitura que o Sr. Anderson faz acerca das experiências vividas no lugar, onde não há emprego não é bom para morar, a sua contradição é um importante elemento de análise. A sua primeira afirmativa, de que viver em Tapuیرama é “*legal*”, foi feita porque ele atribui um status à figura do pesquisador, supondo que este tem conhecimento do que diz, buscando não me contradizer. Mas, no conjunto das explicações, percebem-se as maneiras como os viveres dos trabalhadores no município de Uberlândia são perpassados por desigualdades e problemas sociais vividos em decorrência da falta de trabalho.

Os modos de viver dos trabalhadores/moradores do Distrito apresentam conflitos, embates e acomodações. Ao questioná-lo quanto às alternativas dos moradores que se vêem desempregados, o Sr. Anderson coloca que Tapuیرama é:

Um lugar que... mais ou menos assim, você não vai encontrar aquele emprego só que cê não vai ficar sem serviço, entendeu? Serviço você vai encontrar, só que o emprego às vezes demora, tem colega meu... meu aí, colegas, até não só um, que perdeu o emprego aí com setenta anos, onde essa pessoa vai trabalhar agora, aonde e pra quem, cê entendeu? Fica difícil! Tem amigo, outro amigo meu também perdeu o emprego com 55 anos, vai procurar serviço onde? O serviço braçal? Ele, cê acha que ele consegue depois de 55 anos, ele ainda... encarar um caminhão de bóia-fria, é... chuva, sol, cê tá entendendo? É difícil, começa, a coisa começa a afunilar. Aí você começa a perceber assim, ‘ah, Tapuیرama é um lugar muito bão’, até então, mais e d’agora pra frente, essa pessoa vai fazer o quê? Quem é novo se vira! Ele não encontrou aqui, ele vai pra Uberlândia, ele vai pra outro lugar e essa pessoa de idade, o quê que ela vai fazer?⁶⁵

⁶⁵ Sr. Anderson Gomes Gonzaga. Entrevista realizada em 30 jul. 2006.

Os referenciais que o Sr. Anderson traz em sua narrativa permitem pensar as transformações político-econômicas dos últimos anos, levando em consideração as mudanças que se apresentam nos modos de viver das pessoas com as quais ele se relaciona. Para os trabalhadores, o que significa o viver em sociedade, e quais são as possibilidades de vida e de trabalho encontradas na cidade?

O viver dessas pessoas é composto por relações de trabalho que passam pelas atividades como bóia-fria, por outras realizadas a mercê de sol e chuva e pela necessidade de buscarem fora do lugar onde moram outras oportunidades. A fala do Sr. Anderson evidencia um sentimento de inconformismo ao ver seu amigo chegar aos 55 anos de idade e não encontrar serviço, já que, como diz ele, um emprego em Tapuirama seria algo difícil. Se por um lado isso é percebido por alguns trabalhadores como indignação com a organização social vigente, ou seja, com as situações experimentadas, por outro também existem os momentos de conformismos, caracterizando parte do modo como outros se inserem na dinâmica social.

As observações do Sr. Anderson me permitem analisar as relações sociais, ponderando sobre as dificuldades impostas pelo mercado de trabalho às pessoas com mais de cinquenta anos. Essa situação não é específica dos Distritos, mas mostra uma das faces da exclusão social que se intensifica em períodos onde o desemprego é mais elevado. A falta de qualificação é apresentada, nas publicações especializadas, como uma causa dessa exclusão, como se a qualificação pudesse colocar no mercado, em condições satisfatórias, todos os trabalhadores.

Ao investigar a transformação política e econômica do capitalismo nos últimos anos e a importância da experiência do espaço e do tempo no seu dinamismo, Harvey notou que o mercado de trabalho passou por uma radical reestruturação: *“A atual tendência dos mercados de trabalho é reduzir o número de trabalhadores ‘centrais’ e empregar cada vez mais uma força de trabalho que entra facilmente e é demitida sem custos quando as coisas ficam ruins”*⁶⁶.

Essa tendência na organização do mercado de trabalho acompanha as mudanças na organização capitalista pautada, hoje, na idéia da flexibilidade. Nessa atual organização social, especialmente os trabalhadores de mais idade enfrentam o problema do desemprego, não somente em Tapuirama ou no Brasil, mas nas sociedades

⁶⁶ HARVEY, David. A transformação político econômica do capitalismo do final do século XX. In: _____. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 144.

capitalistas como um todo⁶⁷. Os princípios organizadores dessa sociedade, regulados pela obtenção de lucro, exigem das pessoas cada vez mais atualização com relação às tecnologias e o desempenho de múltiplas funções no seu ambiente de trabalho. Nesse sentido, o perfil ideal deste trabalhador definido pelo mercado de trabalho é encontrado em pessoas com idade até 35 ou 40 anos.

A narrativa do Sr. Anderson me indica os significados da experiência através dos fatos vividos. O meu olhar transforma a sua subjetividade em fato histórico, fornecendo interpretações acerca dos modos de vida da classe trabalhadora, das pessoas comuns que habitam e disputam o direito à vida e a valores. Nesse sentido, questiono-me sobre como os trabalhadores se posicionam frente a essas dificuldades.

Apesar de em Tapuiriama a maioria dos habitantes residirem no espaço urbano, eles se deslocam diariamente para a área rural onde trabalham nas fazendas, sítios e empresas agrícolas. O serviço braçal, possibilidade mais acessível aos trabalhadores do Distrito, é geralmente feito sem registro em carteira e as atividades são temporárias, pois, nas justificativas dos patrões, este geraria despesas elevadas com funcionários, e se a produção no campo é instável, manter um trabalhador registrado em tempos de produtividade baixa é interpretado como prejuízo.

Os trabalhos realizados no campo⁶⁸ geralmente apresentam uma remuneração abaixo daquela esperada, eles são irregulares. As pessoas encontram trabalho em fazendas nos arredores do Distrito, nas lavouras de soja, café e milho, em empresas ligadas ao campo, tais como a *Caxuana* e a *Plantar* (empresas que atuam na área de reflorestamento); na *Jurandir Proença Lopes Resinas (JPL Resinas)*, produtor rural que atua na área de extração de resinas; e na *Indústria Resinas Tropicais Indústria e Comércio Ltda.* Alguns empregos são gerados pelos estabelecimentos comerciais locais,

⁶⁷ Vale ressaltar também as dificuldades de jovens se inserirem no mercado de trabalho. Existem pesquisadores que afirmam que o desemprego cresceu tanto entre os jovens quanto nas demais faixas etárias. Ver: POCHMANN, Márcio. Demografia juvenil e trabalho desemprego. **Revista Forum**. São Paulo, Editora Publisher, ano V, n. 49, abr. 2007, p. 21.

⁶⁸ Nos outros três Distritos também são as atividades agrícolas as maiores empregadoras de mão-de-obra. Alguns trabalhos passaram pela discussão dos modos de viver nos outros Distritos. Ver: OLIVEIRA, Hélio C. M.; SILVA, Renata R.; PAULA, Dilma A de. Entre o rural e o urbano: modos de vida no distrito de Cruzeiro dos Peixotos no município de Uberlândia (MG). In: SOARES, Beatriz R et al. (Org.). **Ensaio geográficos**. Uberlândia: UFU/PET Geografia, 2006. p. 73-92; MONTES, Silma Rabelo. **Entre o campo e a cidade**; as territorialidades do distrito de Tapuiriama (Uberlândia/MG) 1975 a 2005. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Instituto de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006; SILVA, Renata R. **Proprietários rurais do distrito de Martinésia** (Uberlândia/MG): viver e permanecer no campo – 1964-2005. 2007. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

porém em quantidade inferior, já que se trata de pequenos comércios e muitas vezes o trabalho é realizado em família e o proprietário não contrata ajudantes⁶⁹.

Como esses trabalhadores têm convivido com as transformações nas relações de trabalho? Narrativas como a do Sr. Anderson oportunizam pensar sobre as implicações das utilizações de tecnologias, seja no campo ou na cidade. Pois, por vezes, a implantação de tecnologias, ao contrário de facilitar o trabalho do homem, vem gerando cada vez mais desemprego e retirando dos trabalhadores o direito de viver com dignidade. Como as pessoas estão experimentando este tempo/espço e fazendo uso, ou não, das tecnologias? É fundamental pensar a tecnologia para além dela mesma e refletir a quem ela está servindo, e como está servindo, e pôr em movimento a idéia de como as relações estão sendo modificadas⁷⁰. Até que ponto a utilização de tecnologia no campo tem a ver com o desemprego de tantos trabalhadores? Como isso tem impactado os viveres desses sujeitos?

Quando perguntado sobre o seu dia-a-dia de trabalho, o Sr. Anderson redimensiona, a partir de suas interpretações, as suas atividades como trabalhador:

Olha, o meu dia... eu gosto muito do que eu faço, uma porque eu trabalho 365 dias no ano, né? É que o sacolão é uma coisa é perefível, então você tem que trabalhar todo dia. [...] Até então eu vivia do quê? Eu num sei se vocês lembram, eu vivia da mão de obra mesmo, serviço bruto, braçal. [...] teve uma época aqui que o serviço em Tapuira, emprego eu nem falo, porque aqui é péssimo de emprego, o emprego que eu digo é aquele que é decente sabe que te oferece... te dá uma cesta básica, hora extra, entendeu, isso aí que eu digo. Agora o serviço, é...é, o serviço é a mão de obra mesmo, você fica com o emprego ou serviço. Eu diferencio porque o serviço é aquela coisa que você vai batalhá, mão de obra mesmo, agora o emprego é aquela coisa que você tem, você recebe todos os encargos sociais, hora extra, sexta básica, essa coisa mesmo sabe?

Nessa ocasião eu tinha, eu tinha um carro fundido e financiado, fundido! Cês lembram? Eu tinha um Kadet ele tava fundido e financiado. Eu comentei com os meus amigos: 'olha, eu tenho que arrumar um serviço pra mim que eu trabalho todos os dias!' porque ocê é... é... você só... você... é, pensa comigo assim, se você trabalha vinte, quinze dias por mês, você vai receber referente a quinze dias por mês, né? Só que se você trabalhar trinta, cê tem que receber referente a trinta dias, então foi isso que...eu falei. Eu vou dar uma melhorada

⁶⁹ No Distrito existem os seguintes estabelecimentos comerciais: uma marcenaria, duas auto-elétricas, um posto de gasolina, dois sacolões, três armazéns, um restaurante, cinco lojas de roupas, duas lojas de móveis, uma loja de artesanato, duas lojas de produtos agropecuários, uma loja de materiais elétricos, duas lojas de materiais de construção, cinco oficinas mecânicas, uma bicicletaria, duas borracharias, três depósitos de gás, uma sorveteria, uma lanchonete, três açougues, uma farmácia, uma academia de ginástica, uma pastelaria, uma loja de utensílios e utilidades, duas panificadoras, duas barbearias e três salões de beleza.

⁷⁰ VIRILIO, Paul. Os motores da história. In: ARAÚJO, Hermes Reis (Org.). **Tecnociência e cultura**; ensaios sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 127-148. Entrevista concedida a Hermes Reis Araújo.

na minha vida, eu vou arrumar, eu vou montar pra mim um comércio que eu trabalhe trinta, trinta dias no ano, no mês, desculpa. E foi assim que eu comecei, cê tá entendendo? Foi por causa disso. Teve uma fase muito ruim de serviço, de emprego aqui em Tapuirama e eu tava trabalhando dois, três dias por semana, inclusive teve a última semana que eu trabalhei um único dia só. Aí eu falei ‘ah eu não agüento’, eu nem saía na rua de vergonha... então num dá, vamos supor, das duas uma: ou eu teria que ter mudado daqui, como de fato [...] é o que acontece com a maioria das pessoas, ou eu vou ter que mudar daqui, ou eu vou ter que abrir um comércio, alguma coisa pra mim pra que eu trabalhe todos os dias. Foi onde, graças a Deus, eu fui muito bem sucedido. Eu agradeço a Deus todos os dias por isso, graças a Deus, mais nem todas as pessoas pensam assim, nem... e às vezes vai ela... eu fiquei com medo porque comércio onde, onde emprego é péssimo igual Tapuirama...

Juliana: é arriscado...

*Anderson: o comércio é muito arriscado, entendeu?*⁷¹

O tom de voz e as maneiras como o Sr. Anderson escolhe as palavras fez-me refletir sobre o movimento de sua narrativa como um processo, uma interpretação da relação presente-passado em construção, enquanto fruto das compreensões que o narrador elabora no momento da entrevista ao ser questionado. As tensões recompostas na sua fala não estão dadas nos espaços físicos ou explicitados nas ruas, mas nas maneiras de viver e atribuir sentidos às suas ações.

Hoje ele é dono de seu próprio negócio, um sacolão localizado na Praça Said Jorge. Esta condição – ainda que o seu estabelecimento seja pequeno e que o retorno financeiro seja imprevisível, por depender da procura por mercadorias e do poder aquisitivo das pessoas que vivem num lugar caracterizado por ele como ruim em termos de ofertas de emprego – se apresenta a ele como bem sucedida.

Ao se recordar de um período em que esteve desempregado, o Sr. Anderson distinguiu os significados das expressões emprego e serviço para a realidade que ele compartilha, a partir da noção de trabalho formal que se tem. Ao sinalizar uma dicotomia entre emprego e serviço, ele aponta as maneiras como o mundo do trabalho se organiza, se divide, em função dos interesses do capital, levando-me a questionamentos sobre a importância da configuração do trabalho na sociedade capitalista. Pude notar como as pessoas expressam suas interpretações de parte da realidade social vivida no município de Uberlândia. O emprego é visto por ele como o que proporciona ao trabalhador segurança, reconhecimento e garantia dos seus direitos sociais. Essa noção aparece pautada na expectativa de que o trabalhador seja registrado junto ao Ministério do Trabalho, órgão que teria por função resguardar o trabalhador. A noção de serviço elencada por ele remete a uma idéia contrária a essa. O serviço é

⁷¹ Sr. Anderson Gomes Gonzaga. Entrevista realizada em 30 jul. 2006.

caracterizado a partir da sua experiência com “serviços braçais”, realizados nas fazendas próximas ou em pequenos negócios dentro do Distrito; vincula-se à idéia de atividades instáveis, que não oferecem garantias e um tipo de relação de trabalho em que o sujeito nunca sabe se no dia seguinte terá trabalho, portanto se terá dinheiro.

A experiência vivida pelo Sr. Anderson foi traduzida por ele no sentimento de angústia e de vergonha, pois ele interioriza a culpa por estar nessa situação. Assim, o fato de trabalhar todos os dias, poder comprar um carro e ser um pequeno comerciante aparece como o que lhe proporciona um sentimento de dignidade, compartilhando a idéia de que é pelo trabalho que as pessoas melhoram sua condição de vida, sendo o trabalhador responsabilizado por sua situação social.

O Sr. Anderson repensa as relações vividas no passado a partir de experiências presentes, relacionando-se *com* e *no* tempo, na busca de meios que expliquem e instituem sentidos para sua trajetória. Ele está falando de direitos, como hora extra e cesta básica, que não estão garantidos no presente. Tive a impressão de que ele idealiza um passado, no qual ele pode ter vivido sem ter acesso a certos direitos constituídos em leis, mas que garantiam seu sustento pelo modo como a vida era ordenada e pelos laços de amizade e de família que foram alterados pela expansão das “fazendas empresas”, que inseriam uma outra lógica de trabalho, expulsando essas pessoas do campo. Sobretudo, a partir de sua narrativa, transformações sentidas nos viveres dos trabalhadores podem ser percebidas. O conflito nos modos de viver de alguns trabalhadores aparece quando a insegurança e o receio por não possuir um emprego fixo se estabelecem.

A narrativa do Sr. Anderson sugere pensar como várias experiências constituem a cidade e não são somente experiências isoladas de uma realidade social maior. Sua subjetividade me aproxima dos processos vividos por trabalhadores e indica-me possibilidades de compreensão de relações compartilhadas, da dimensão das experiências vividas por múltiplos segmentos sociais. Elementos das transformações sociais são manifestados pelos trabalhadores nos seus modos de viver e dizem respeito aos seus direitos. A maneira como o capitalismo se articula, criando diferentes situações para os diferentes grupos sociais, demonstra como este sistema econômico não é algo abstrato, constitui e transforma as relações vividas, ao passo em que as pessoas criam estratégias de resistência e/ou acomodação a esse processo nas suas vivências.

A manifestação do desejo de trabalhar todos os dias, num outro aspecto, indica ainda maneiras pelas quais os sujeitos vão encontrando meios para interpretar a posição

na qual sentem pertencer à sociedade, diferenciando-os em relação aos segmentos sociais que não dependem do salário mensal para garantir o direito de possuir bens e serviços. Nas relações vividas, eles vão se identificando com um grupo. As considerações de Hoggart, ao analisar as transformações na cultura dos trabalhadores, contribuem para a percepção dos modos como estes vão se identificando e se diferenciando, não apenas pelos espaços físicos, mas pelas maneiras como se percebem nas relações experimentadas. Para Hoggart:

Quando se analisam as atitudes das classes proletárias, é costume falar do sentido de grupo, que consiste na convicção, partilhada pelos membros dessas classes de que cada um deles não é um indivíduo isolado, mas sim um membro de um grupo constituído por indivíduos bastante semelhantes pouco sujeitos a diferenciações futuras.⁷²

As falas do Sr. Anderson ganham relevância neste estudo porque suas elaborações explicitam a racionalização dos processos vividos na sua história individual, mas também na história da “comunidade” já que suas narrativas são representativas da trajetória de outros trabalhadores. A vontade de que o Distrito cresça e gere oportunidades de “empregos dignos”, constituída num ambiente de relações sociais desiguais, sugere a não garantia de direitos, ou a vinculação destes à noção oficial de trabalho. Assim, os sujeitos, a partir do lugar social onde se identificam, esperam por alternativas, expressam desejos e necessidades⁷³.

Os viveres das pessoas comuns se entrecruzam *com* e *na* cidade pela qual os grupos lutam através de atitudes que expressam sentimentos múltiplos, contraditórios, permeados de resistências e acomodações. Mas, sobretudo, esses se compõem na relação histórica por estarem em diálogo com memórias, histórias, momentos e interesses diferentes. Dessa forma, as percepções sobre a cidade, expressadas pelo poder público municipal, pelos memorialistas e pela imprensa local, estão também presentes nas falas dos moradores. A imagem de que, apesar do crescimento e do desenvolvimento, Uberlândia ainda é um bom lugar para se viver, uma cidade de oportunidades para todos, é uma das imagens de cidade que estes sujeitos vão

⁷² HOGGART, Richard. “Nós” e “Eles”. In: _____. **As utilizações da cultura**. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973. p. 97.

⁷³ Alessandro Portelli traz reflexões sobre os usos da história oral ao discutir como o depoimento oral vai além de ser fonte de informação sobre eventos históricos, pois ele nos permite analisar não apenas o acontecido, mas também a atitude do narrador frente a eles, seus desejos e pontos de vista. Ver: PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos; memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC, n. 10, p. 41-58, 1993.

instituindo ao se relacionarem. Essa imagem oculta, muitas vezes, as desigualdades e explorações vividas.

O desejo de trabalhadores/moradores de que o Distrito cresça, construído a partir das imagens de cidade elencadas pelos grupos dominantes, é também sinônimo de que os direitos sociais, o viver com dignidade, é sentido como algo ameaçado. Os sujeitos redimensionam as explicações do processo a partir de suas vivências, levando às imagens de cidade construídas pelos grupos representantes do poder e às maneiras como estes dialogam com uma condição de vida real experimentada pelas pessoas. Os trabalhadores desejam qualificar-se, e esperam que seus pares façam o mesmo, para que exista interesse por parte dos grupos econômicos e políticos em investir no lugar onde eles possam atuar. Ou seja, as pessoas esperam que as indústrias e o desenvolvimento propagandeado sejam os elementos que transformarão suas vidas. Essa expectativa evidencia as tensões sociais. A noção de progresso desejada pelo Sr. Anderson e por outros trabalhadores significa que eles querem ser incluídos nos projetos de cidade elaborados pelos grupos dominantes, evidencia a contradição social e as maneiras como as imagens produzidas por estes grupos circulam entre a “população”.

A escassa possibilidade de ter um emprego fixo com carteira assinada em Tapuirama, juntamente com os dilemas vividos em torno da dificuldade de acesso aos aparelhos de serviços públicos mostradas nas falas de outros moradores, sugerem como o modo de viver desses trabalhadores é permeado por tensões sociais. Isso faz com que as pessoas criem estratégias para contornar os problemas presentes no seu modo de viver. Ao elaborarem consciência acerca das suas experiências, a cidade de Uberlândia é vista por alguns como saída possível, uma forma de resistência às dificuldades enfrentadas. Os sentimentos em relação aos seus modos de viver fazem com que algumas pessoas vejam em Uberlândia, na sede, a expressão de segurança e estabilidade.

A experiência social do Sr. Anderson indica que essa situação não é vivida somente por ele, mas compartilhada com os demais moradores de Tapuirama bem como com os dos demais Distritos. No entanto, sua narrativa é representativa das “ambições” não somente dos moradores dos Distritos, mas também daqueles que vivem nas pequenas cidades vizinhas.

É nos modos de viver desses trabalhadores que se caracteriza a relação com Uberlândia. A interação entre os moradores/trabalhadores de Tapuirama pode ser percebida nos deslocamentos que muitos fazem para a cidade sede à procura de

sobreviver e viver com dignidade. Alguns vão e voltam diariamente a Uberlândia porque trabalham nas mais diversificadas profissões, em diferentes ramos como indústrias, lojas, supermercados, escolas, escritórios, entre outros. No entanto, outros trabalhadores fazem a opção de se mudarem para Uberlândia.

Conversando com os moradores do lugar ficamos mais próximos dos modos como o município de Uberlândia é vivido por eles. O Sr. Odinei⁷⁴ mora em Tapuirama há oito anos, ele chegou com dezessete anos de idade e se recorda que sempre ajudou seu pai nas atividades da fazenda e que as outras experiências de trabalho no Distrito também foram com serviços rurais. Quando pedi a ele que me falasse sobre o momento em que deixou de trabalhar com o pai, ele afirmou: *“Aqui em Tapuirama geralmente é roça, daí quando eu comecei a procurar outro serviço tive que ir pra Uberlândia, porque aqui não atende... se você não quer trabalhar na roça você tem que ir embora daqui. Então aí eu tive que ir pra Uberlândia”*. O lugar social onde estas pessoas estabelecem relações de trabalho e constituem famílias é disputado pelos sujeitos sociais nos seus viveres cotidianos. A clareza de que estão nesse processo de disputa os move a buscarem alternativas além daquelas direcionadas a eles. Logo depois, quando perguntado sobre o emprego no Distrito, ele disse o seguinte:

*Tapuirama tem bastante serviço, só que nada de carteira assinada, só mais trabalho informal mesmo. Igual quando eu voltei pra cá, tá com oito meses, nove meses, até hoje não consegui arrumar um emprego de carteira assinada, mais eu não fiquei nenhum mês parado, sempre estou trabalhando, mais nada de carteira assinada. Agora eu num sei se é por ser um local pequeno mesmo, a cultura das pessoas não é assinar a carteira, eu acho que trabalho tem bastante, tem muito trabalho, só que... os famosos bicos, né? É o trabalho informal, geralmente curtos períodos, mais sempre quando termina um trabalho já tem outro aí pra você fazer, né?*⁷⁵

As relações de trabalho que permeiam os modos de viver dessas pessoas não se restringem àquela noção de trabalho formal, na qual têm direitos assegurados somente aqueles que pagam impostos. As suas experiências fazem ver as relações contraditórias que convivem no social e os sentidos que as pessoas elaboram para elas. Na narrativa do Sr. Odinei, um sentimento de indignação por trabalhar e não ter reconhecimento social gerou a expectativa de que os serviços em Uberlândia lhe ofereceriam melhores

⁷⁴ O Sr. Odinei veio de Ipuã-SP quando seu pai, o Sr. Ilton, se mudou com sua família atraído pelo desejo de ter outras oportunidades de vida e estar mais próximo dos seus parentes, que residiam em Uberlândia. Seu pai veio com a esperança de trabalhar na cidade e acabou encontrando um emprego estável na roça, porém desta vez para lidar com gado, diferente do que fazia no estado de São Paulo onde trabalhava nas plantações de cana.

⁷⁵ Sr. Odinei da Silva Fonseca, casado, 25 anos, um filho. Entrevistado em 02 jul. 2006.

condições em relação às aquelas experimentadas em Tapuirama. As possibilidades de trabalho oferecidas nos Distritos não atendem as expectativas de alguns sujeitos, e estes, ao se mudarem para Uberlândia, vão imprimindo as suas marcas no município. Quando perguntei ao Sr. Odinei sobre suas expectativas, depois que ele deixou o emprego em Uberlândia e retornou ao Distrito, ele nos deu a dimensão da experiência vivida por ele na cidade:

*Eu voltei pra cá mesmo por causa da casa, porque eu [inaudível] da Sadia fui pegando o seguro desemprego e lá eu ia pagar aluguel. Aqui saiu a casa pra mim e aí eu fiz um empréstimo pra fazer a casa e pagando aluguel lá, e pagando o empréstimo, não ia dá, né? Aí eu tive que vim mais por causa da casa.*⁷⁶

A cidade constituiu-se de relações que fizeram do viver dos trabalhadores um campo de disputas. Se por um lado nos Distritos muitas vezes os embates vividos em torno da busca de um emprego digno os compromete, privando-os do acesso a bens materiais e fazendo com que as pessoas se sintam envergonhadas por viverem esta situação, por outro lado, o viver em Uberlândia foi para o Sr. Odinei mesclado por dificuldades para ter condições de se manter com sua esposa, pagar aluguel, contas de água e luz. Uma disputa pelo direito de pertencer, explicitando os conflitos enfrentados e as lutas dos trabalhadores em função de que as oportunidades não são oferecidas em caráter de igualdade a todos.

As narrativas trabalhadas enquanto linguagens, práticas sociais, nos dão dimensão das experiências vividas pelos sujeitos e da realidade na qual eles estão inseridos, pois trazem a dimensão cultural e histórica em que foram produzidas. Este entendimento despertou-me o interesse em analisar algumas letras de músicas compostas pelo Sr. Adonel Ventura de Lima, trabalhador vindo da Bahia. Ele reside em Tapuirama há 10 anos e eu o conheci em 2004, quando realizava a pesquisa de graduação, através de um casal de amigos meus que moram em Tapuirama. Havia informado a eles que precisava entrevistar um trabalhador da *JPL Resinas*, que fosse baiano e que não morasse mais na chamada “vila dos baianos”. Ao visitar sua residência, localizada na área do Distrito que a Prefeitura Municipal de Uberlândia destinou ao programa de habitação Casa Fácil, tomei conhecimento das experiências vividas por este trabalhador em várias cidades do país onde ele exerceu trabalhos diversificados com o objetivo de, como ele diz, “*buscar uma melhora na vida*”. As

⁷⁶ Sr. Odinei da Silva Fonseca. Entrevistado em 02 jul. 2006.

muitas histórias que ele me contava fizeram-me voltar a entrevistá-lo, desta vez com preocupações mais amplas trazidas pela proposta de pesquisa no curso de mestrado. Nas vezes em que o visitei, conversamos, juntamente com sua esposa e seus filhos, sobre diversos assuntos antes e depois das gravações das entrevistas, quando eles sempre ofereciam um cafezinho e se sentiam mais à vontade com o gravador desligado. Em uma dessas oportunidades ele me disse que gostava de compor e tocar músicas. No momento fiquei surpresa e feliz. Surpresa porque havia feito várias visitas ao Sr. Adonel, porém ele nunca havia dito que tocava, muito menos que compunha músicas. Feliz quando vi o conteúdo das composições, pois com um olhar atendo de historiadora sabia que aquilo viria a ser fonte de pesquisa. Uma das letras que mais me chamou a atenção é a seguinte:

*Brasil, querida nação querida
Nós não podemos acreditar em político
De desculpa esfarrapada*

*Eles dizem ser bonzinhos
Pra eles mesmos
Pra nação não valem nada
Vivem empurrando a nação com a barriga
Levando o público na base da enrolação*

*Pobre do Brasil passando fome
E as crianças brasileiras abandonadas*

*Não acredito na conversa desta gente
Fazendo promessas que não são realizadas
É por isso que eu digo
Minha gente não acredite
Políticos não valem nada*⁷⁷

O conteúdo dessa música me permite pensar sobre o lugar onde ele se vê na sociedade, mediante o juízo que ele faz dos políticos enquanto aqueles que não são merecedores da confiança dos trabalhadores, fazendo somente promessas que não são realizadas. A idéia de “Nós e Eles”, posta por Hoggart⁷⁸ na tentativa de explicar o modo como a classe trabalhadora se identifica, auxilia a entender as maneiras como o Sr.

⁷⁷ Música composta pelo Sr. Adonel Ventura Lima (sem data). A seu pedido os erros ortográficos foram corrigidos. O Sr. Adonel possui dois cadernos com letras de músicas. Pedi a ele que me mostrasse uma letra que tivesse um significado especial, a que ele mais gosta. Ele fez referência a três delas que falam sobre política e também a algumas letras românticas. Desse modo, a música citada acima é considerada por ele uma de suas preferidas, mas a escolha de introduzi-la ao trabalho foi feita por mim por considerar a aproximação de seus conteúdos à realidade social vivida por ele e por outros trabalhadores.

⁷⁸ HOGGART, Richard. “Nós” e “Eles”. In: _____. **As utilizações da cultura**. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973. 87-119.

Adonel se coloca na sociedade e institui significados a ela, me remetendo à noção de relações de disputas. Ao viver as relações de dominação os próprios trabalhadores vão construindo a idéia do “Nós” e do “Eles”. O Sr. Adonel se identifica na relação com os políticos a partir das experiências vividas, nas relações de poder experimentadas. Através da sua subjetividade podemos passar do individual ao social e pensar na relevância do seu enredo para o entendimento dos modos de viver dos trabalhadores e nas resistências que vão se articulando, pois ele justifica que escreve estas músicas “*pra chamar mesmo a atenção, né? Porque se por acauso ela sair no ar vai adverti qualquer pessoa, alguém de lá de dentro vai se sentir, vai doer na pele dele! Com certeza, né?*”⁷⁹.

A afirmativa feita pelo Sr. Adonel de que os políticos “*empurram a nação com a barriga levando o público na base da enrolação*” me leva às histórias produzidas durante a realização das entrevistas. A referência que ele faz na música a questões sociais, como direitos das crianças e a fome vivida por pessoas pobres, também puderam ser compreendidas ao investigar formas e significados presentes nas suas narrativas, criados a partir de seu modo de viver. Movida pela referência feita por ele à política, perguntei sobre os trabalhos da Prefeitura junto à população do Distrito, o Sr. Adonel discorreu por vários minutos acerca desse assunto:

[...] Tem uns aí [...], só vem aqui em tempo de política, e num sai na casa de ninguém [...] Prefeito pra mim é a mesma coisa. Agora o Zaire não, o Zaire eu assinava pra ele, eu tô dentro de uma casa eu agradeço ele, tá certo que tô pagano, mais por ele [que possui a casa]. Se num fosse ele eu num tinha uma casa! Esse outro aí [Odelmo Leão] fez meio mundo de chão aí, eu lhe pergunto, onde é que tem uma casa feita encima do chão que eles fizeram? Porque tá só no papel! [...] Todas essas casinha que tá aqui feita e as que tão fazeno é do comando do Zaire, porque o chão ficou tudo marcado, o Zaire deixou tudo marcadinho aí. Mais esse outro prefeito aí? [...] Também num sei se é gordo ou se é magro, se alto, se é baixo se é preto se é branco, só sei que ele é péssimo mesmo! [...]

Aquí essa escola aí, se você vê o tanto que essa escola mundou pra pior! Porque antigamente os atendimento era outro, as pessoa, pelo que eu vejo falar aí ta péssimo. Até o tratamento das criança aí mudou muito pra bem pior. Num sei como é menino briga lá dentro e num tem nada, num tem problema, menino grande bate nos menor e fica por isso mesmo.

Então isso tudo, isso aqui, essa justiça sanitária tinha que tá aqui todo fim de mês, num é? Que distância tem de Uberlândia? Aqui o povo só falta jogar lixo das casa dentro do quintal dos outro, porque as pessoa tem a capacidade de pegar lixo e jogar nas porta dos outro. E eles botaro esses trem aí, a prefeitura botou, aquelas lixeira, caça uma na rua vê se você vê? Num tem nenhuma o povo panharo pra botar fazer vivero dentro dos quintal. [...]. [A placa] tá explicano ‘num jogue lixo é susceptível uma multa’ eu num sei de quê... pra quê? Ninguém vai multar ninguém não! Num tem fiscalização, quer dizer, é por

⁷⁹ Sr. Adonel Ventura de Lima. Entrevistado em 26 mai. 2007.

isso que eu lhe digo, isso aqui tá que nem um deserto, o povo tá vivo aqui do jeito que quer e gosta.

A polícia vai no carro, vê o bandido ali passano erva pros outros, pros de menor, ele faz isso ó?! Vira a cara pra num tê problema de descer do carro e ter trabalho com aquele bandido, vê o bandido [inaudível] aqui no meio da rua, ele vira a cara.⁸⁰

Em Tapuiriama os trabalhadores vindos da Bahia, juntamente com aqueles considerados do lugar, tornam-se parte constitutiva da cidade ao disputarem oportunidades de trabalho, acesso à educação, saúde, moradia e lazer, instituindo diferentes modos de se relacionar neste espaço social. Quais são as dimensões da afirmação de que o “*povo tá vivo aqui do jeito que quer e gosta*”? Pode-se ler, pelo conjunto do depoimento do Sr. Adonel e da música composta por ele, os modos como alguns trabalhadores se sentem incomodados com transformações que compartilham. Por exemplo, o fato de a direção escolar lhe parecer “sem autoridade” frente aos alunos “indisciplinados” é algo que lhe preocupa, porque impede a escola de cumprir a função que se espera dela: a educação e também o respeito ao próximo. Nessa percepção, políticas públicas e práticas localizadas se misturam na avaliação de que a disciplina, os relacionamentos, os hábitos mudaram, como também as formas de convivência entre as pessoas.

Ele identifica na pessoa do Prefeito o responsável pelas transformações experimentadas, mas a administração Zaire Rezende (2001-2004) é vista pelo Sr. Adonel com bons olhos, porque através dela ele pôde construir a casa própria, assim como ocorreu com outros trabalhadores⁸¹. A partir de um acontecimento que o beneficiou, ele distingue e avalia a administração atual, que entende trabalhar somente para a sede. Nesse sentido, sua narrativa sugere como os viveres nos Distritos são instituídos conforme interesses conflitantes, pois muitos trabalhadores ainda aguardam o direito à moradia, explicitando o espaço social como palco da diferença e da disputas.

Ao dizer que não sabe se o atual Prefeito “é gordo ou magro” e que este não sabe se ele “está vivo ou não”, ele insinua a existência de um sentimento de distância de interesses entre a atual administração municipal e os trabalhadores, marcando relações *de* e *entre* classes. As interpretações construídas a partir da fala do Sr. Adonel,

⁸⁰ Sr. Adonel Ventura de Lima. Entrevistado em 26 mai. 2007.

⁸¹ Em 2002 foram construídas 26 casas em Tapuiriama, bem como em outros bairros da cidade através do Programa Casa Fácil. Banco de Dados Integrados. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/pmu>>. Acesso em: 04 fev. 2007.

analisadas em conjunto com outras narrativas, permitem pensar nas maneiras como estes sujeitos se percebem na relação com os políticos a que se referem.

O Sr. Jaílton, veio de Jacobina-BA para Tapuira no ano 2000, e desde então vive na “vila dos baianos”, na “vila de baixo”⁸², para ele nos anos eleitorais as coisas mudam:

*Ah, aí muda muitas coisa quê... tudo que você precisa tá aí, mais quando dá... só promete, só promete, quando passa a eleição que eles conseguem ganhar aí se a pessoa não sair do meio eles passa é por cima da gente aí agora. Eles só precisa da gente só pra se eleger, né? É, aí quando acaba que eles ganha nem pra cara da gente eles olha. Aqui é assim que eu vejo, muitas vezes, que eu tenho já sete anos aqui vejo aí o movimento como é aí. Aqui é assim, eles só precisa de você pra poder ganhar, depois que eles ganha, pronto!*⁸³

A maioria destes trabalhadores, vindos de outras regiões, retirou ou transferiu o título de eleitor para Tapuira. Eles, juntamente com os demais moradores do lugar, geralmente têm recebido a preocupação dos políticos não pelas suas condições de cidadãos, mas na sua condição de eleitores⁸⁴. Isso significa pensar como os viveres dos trabalhadores vindos da Bahia encontram-se com outros, diferentes. Nesse lugar onde suas vidas cruzam com outras é que se localizam os conflitos, as contradições.

Na sua narrativa, ainda preocupado com política, o Sr. Adonel destaca o seguinte, ao se referir à segurança disponibilizada em Tapuira:

*É o caso de eu dizer pra você, num tem como você viver sossegado, satisfeito, você anda no mundo assustado! Pisa o pé no chão pra olhar o lado como é que tá as coisa. Quê num tem, se num tem sossego dentro de sua casa, cê sai de sua casa, sai ali no portão cê tá com medo de morrer, porque ninguém tem medo mais de matar ninguém no meio da rua não, porque cadeia é três dia.*⁸⁵

A referência que ele faz acerca da segurança pública em Tapuira remete a problemas e transformações presentes no modo de viver dos moradores do lugar. A partir de embates que emergem no cotidiano de trabalhadores, é possível desconstruir a idéia de cidade harmônica propagada inclusive por estes sujeitos e identificar mudanças. Para alguns, o costume de conversar com vizinhos nas portas das suas casas, ou nas

⁸² Ver Anexo 02 - Mapa 2 - Uberlândia: **Mapa de Tapuira**. Mai. 2006. Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia.

⁸³ Entrevista com Sr. Jaílton Pereira Costa, 32 anos, casado, três filhos, há sete anos se mudou da Bahia para Tapuira e é um dos trabalhadores da extração de resinas. Entrevistado em 17 mar. 2007.

⁸⁴ Outros pesquisadores que lidaram com as vivências de trabalhadores “migrantes” contribuem para esta reflexão. Ver: FERNANDES, Vanusa A. Viana. **Cultura e relações de trabalho na Fazenda Santa Cruz – Município de Araguari, MG (1985-2005)**. 2005. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

⁸⁵ Sr. Adonel Ventura de Lima. Entrevistado em 26 mai. 2007.

ruas, deixar as residências semi-abertas ao sair, ou os veículos estacionados sem os devidos cuidados com relação à segurança é algo que está mudando. Os modos de viver de algumas pessoas são expressos por um sentimento de insatisfação e de medo. No entanto, outros trabalhadores, apesar de perceberem a violência – sobretudo pelos assaltos que ocorrerem nas fazendas localizadas na região – transmitem uma sensação de segurança e sentimentos de tranquilidade, enxergando outras transformações e contradições. Isso pode ser percebido ao analisar a maneira escolhida pelo Sr. Adonel para finalizar a entrevista, quando questionado por mim se desejava falar algo mais:

Aonde muitos coitado trabaia o dia todinho, o mês todinho e num tem condições de comer um prato de comida e se deitar pra descansar, quando acaba de engolir bebe água e já tá virando pro serviço e num tem valor! Quando entra na rua é um pé rachado é um bunda mole matuto, né? Que trata: ‘olha lá o caipira’, né? E o homem da cidade tá vivendo por causa do homem do campo, mais homem do campo num tem valor.⁸⁶

As experiências das pessoas permitem o diálogo com as noções de exploração e de direitos. O que é o valor e o reconhecimento reclamado por trabalhadores ao falarem das suas relações de vida e de trabalho? A percepção de que o tempo de descanso do trabalhador é menor, como indica o Sr. Adonel, parte do presente para o passado em que provavelmente o idealiza como um tempo onde o descanso poderia ter uma duração maior. Levando em consideração que em outros momentos da narrativa ele expressou um nível de relações de trabalho semelhante ao vivido hoje, ou seja, permeado de exploração, inferi que o que sua fala está sinalizando são elementos que caracterizam experiências diferenciadas, transformações nos seus hábitos. O valor que os trabalhadores reivindicam é expressão das maneiras como lidam com a relação presente e passado, a partir da elaboração de sua experiência, criando expectativas de futuro. São ainda valores que se encontram em disputa, que implicam relações contraditórias experimentadas pelos sujeitos sociais.

No entanto, a menção que o narrador faz ao fato de os sujeitos trabalharem longos períodos sem oportunidade de descansar, é visto como uma estratégia de luta e não de acomodação. A idéia de que são vistos a partir de adjetivos negativos expressa as maneiras como os sujeitos convivem com as diferenças e dão dimensão de um campo social em constante transformação. A experiência social dessas pessoas é composta por estratégias elaboradas no sentido de fazer com que a sua sobrevivência seja garantida. No entanto, as memórias dos trabalhadores não se restringem à idéia de sobrevivência.

⁸⁶ Sr. Adonel Ventura de Lima. Entrevistado em 26 mai. 2007.

Mais que sobreviver, as pessoas querem viver com dignidade, possuir um trabalho que lhes ofereça tais condições, usufruir de serviços públicos com qualidade, ter direito à cidadania, à diversão.

Ao analisar o jornal Primeira Hora, no período de 1982 a 1988, evidencia-se os interesses da imprensa local neste momento histórico, bem como os modos como ela atribui sentidos para a realidade ao apoiar e representar o governo do Prefeito Zaire Rezende (PMDB), já que o periódico era de propriedade de membros deste partido.

Na perspectiva das transformações políticas e econômicas ocorridas naquele momento no nosso país, o governo do PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro – é caracterizado como de oposição e considera inviável o projeto político vigente naqueles anos, o autoritarismo do governo militar, que geria a administração do município através do apoio de grupos políticos ligados à elite local⁸⁷.

A proposta da Democracia Participativa, veiculada pelo PMDB em âmbito nacional, foi trazida a Uberlândia em 1982 pelo então candidato a Prefeito da cidade, Zaire Rezende. Seu projeto era que *“todas as categorias sociais, todas as camadas da população, todas as entidades de classe – patronais e populares – [...] chamadas para, através de um diálogo permanente, participar de alternativas que respondam satisfatoriamente as necessidades mais prementes...”*⁸⁸. A Democracia Participativa era

⁸⁷ Renata Silva refletiu sobre como no período em que os militares governaram o país houve intervenções estatais no campo com o objetivo de transformar as atividades agrícolas e pecuárias tornando-as mais rentáveis. As ações do governo federal beneficiaram determinados grupos de produtores a partir da concentração fundiária e da expulsão de trabalhadores rurais do campo. Essas transformações sociais, ocorridas em âmbito nacional emergem nas atitudes do governo Zaire Rezende em Uberlândia nos anos 1980, devido ao fato de o crescimento urbano ser uma realidade que, ao mesmo tempo em que era o desejo dos políticos, ameaçava o desenvolvimento da cidade. A partir desse momento, muitos pequenos proprietários deixaram o campo por não terem condições adequadas para nele se manterem, outros simplesmente perderam suas terras por não conseguirem quitar dívidas contraídas em bancos. A autora analisa como pequenos proprietários rurais do Distrito de Martinésia continuam lutando para permanecer no campo e como encontram alternativas para manter suas terras, seus modos de viver e trabalhar. Ver: SILVA, Renata R. **Proprietários rurais do Distrito de Martinésia (Uberlândia/MG): viver e permanecer no campo – 1964-2005**. 2007. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007. Os anos 1970 e 1980 foram um tempo onde autoridades militares participaram com e no rearranjo de projetos em prol daquilo que eles denominavam modernização do campo e desenvolvimento industrial. Num período marcado por (re)ordenamentos econômicos, as pessoas se deslocavam de seus lugares de origem buscando condições mais dignas de vida. Sobre tudo houve um aumento significativo, neste período, da população considerada urbana, pois o governo tendia a direcionar indústrias e serviços públicos para as cidades, em detrimento do campo, e as políticas direcionadas ao meio rural atendiam somente os grandes produtores. CUNHA e BAENINGER discutem a partir de dados populacionais do IBGE a “migração” no Brasil nos últimos 30 anos. Ver: CUNHA, José M. P.; BAENINGER, Rosana. A migração nos estados brasileiros no período recente: principais tendências e mudanças. In: HOGAN, Daniel J. (Org.). **Migração e ambiente em São Paulo**; aspectos relevantes da dinâmica recente. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2000. p. 17-57.

⁸⁸ TOLEDO, José Maria. **Uberlândia: a prática da Democracia Participativa**. Uberlândia: Secretaria Municipal do Trabalho e Ação Social, Prefeitura Municipal de Uberlândia, 1984. p. 1. O Documento

traduzida por aquele grupo na idéia de fazer com que a população participasse da vida política, sendo as suas necessidades ouvidas pelos administradores, visando transformar o quadro social e político vivido. Um dos caminhos para essa participação foi o incentivo dado à criação de Associações de Moradores, buscando um elo de ligação entre a Administração Municipal e as classes populares.

Na visão de Nizia Maria Alvarenga, as Associações de Moradores de Uberlândia criadas neste período se definiam por seu caráter reivindicatório em que a “*relação estimulada era de troca de serviços urbanos por votos*”⁸⁹. Assim, garantir a participação popular e atender as necessidades urgentes das classes populares seria uma condição para consolidar o apoio nas eleições. A participação dos moradores quando convocados para assembléias era limitada e as Associações seriam, portanto, uma instância de restrição à participação direta dentro do sistema de representação política que já era vivido. No entendimento de Alvarenga, as organizações populares em Associações foram um mecanismo de controle e de apoio na viabilização da estratégia de consolidar o poder de um setor emergente dos setores dominantes que se expandia em nível federal, estadual e municipal.

Com vistas a esta consolidação, o objetivo do governo, apresentado no documento produzido pela Secretaria Municipal do Trabalho e Ação Social, era dar prioridade à população trabalhadora, porém sem deixar de lado a idéia de promover o desenvolvimento e o progresso da cidade. Partindo dessa proposta, ao ser eleito Prefeito da cidade de Uberlândia, Zaire Rezende buscou reformular a administração pública municipal. Nesse sentido, ele ainda criou novas secretarias e realizou o desdobramento de outras. Interessou perceber o dito incentivo dado por parte deste governo para a formação do Conselho Municipal de Entidades Comunitárias⁹⁰ das Associações de Moradores e da Secretaria de Administração dos Distritos, deixada, naquele momento,

consta nos arquivos do CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia).

⁸⁹ A autora discute o surgimento das Associações de Moradores no governo PMDB, articulando a sua constituição à Administração Municipal e aos movimentos presentes na sociedade, utilizando-se de entrevistas, publicações da Prefeitura, jornais e observação participante. Ver: ALVARENGA, Nizia Maria. Movimento popular, Democracia Participativa e poder político local: Uberlândia 1983/88. **História & Perspectiva**. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, n. 4, p. 103-129, jan./jun. 1991.

⁹⁰ No documento, produzido pela Secretaria Municipal do Trabalho e Ação Social sobre a prática da Democracia Participativa em Uberlândia, verifica-se que no entendimento daquele grupo político o Conselho havia sido criado na perspectiva de ser “*uma estratégia mais apropriada para garantir um contato permanente e dotado de mais eficácia do Executivo com a população*”. Sua finalidade seria, então, discutir “*problemas comuns à maioria da população (transportes, água, saúde, educação, etc.)* [...]” (TOLEDO, José Maria. **Uberlândia: a prática da Democracia Participativa**. Uberlândia: Secretaria Municipal do Trabalho e Ação Social, Prefeitura Municipal de Uberlândia, 1984. p. 8).

sob o comando do vice-prefeito da época Durval Garcia. Ao investigar o documento formulado pelos administradores peemedebistas a respeito da prática da Democracia Participativa na cidade de Uberlândia, observei as seguintes considerações sobre os Distritos:

*O desenvolvimento de trabalhos na zona rural se faz no intuito de oferecer condições ao homem do campo para que ele lá permaneça, impedindo que se intensifique a urbanização e avolumem-se as migrações para as cidades. A Administração dos Distritos, com a preocupação da migração do homem do campo e das pequenas e médias propriedades, procura conhecer suas necessidades, buscando soluções com o povo e nunca sobre ou simplesmente para ele, ajudando-o a inserir-se no processo da participação popular, propondo-lhe a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, suas responsabilidades e seu papel político.*⁹¹

Na justificativa elaborada pela administração pública municipal para a criação da Secretaria de Administração dos Distritos aparecem a valorização do homem e o trabalho do governo junto às camadas da população de baixa renda, os chamados marginalizados, e aqueles que vivem nos lugares periféricos sem equipamento social. Nessa perspectiva, buscar soluções com o povo pressupunha incluir os Distritos nos assuntos administrativos o que, segundo os representantes do governo Zaire, não ocorrera nos governos anteriores. No entanto, essa inclusão se daria na discriminação dos lugares que os grupos ocupam, ou seja, os “homens do campo” não deveriam buscar na cidade aquilo que necessitavam. Dessa forma, os Distritos apareciam nessa proposta de gestão que se dizia ser democrática.

Ao investigar um documento, assinado pelo então presidente da Câmara de Vereadores de Uberlândia, Dorivaldo Alves do Nascimento, notei as maneiras como os trabalhadores e os pobres, incluindo os trabalhadores dos Distritos, foram vistos pela administração municipal naquele momento. Este documento foi produzido, segundo o autor, a partir de “*um cuidadoso levantamento das famílias de favelados, conseguindo um quadro social e econômico*” da cidade. Sua finalidade era de “*com base nesses dados e na intenção de colaborar com o bom andamento da Secretaria de Ação Social, ofereço estes estudos como subsídio, para que eles sirvam de auxílio na resolução do problema de favelados de Uberlândia*”⁹². A visão é válida tanto para aqueles que chegam à cidade, considerados “migrantes”⁹³, quanto para aqueles que nela já viviam.

⁹¹ TOLEDO, José Maria. **Uberlândia**: a prática da Democracia Participativa. Uberlândia: Secretaria Municipal do Trabalho e Ação Social, Prefeitura Municipal de Uberlândia, 1984. p. 22-23.

⁹² Dorivaldo Alves do Nascimento foi vereador municipal nos anos 1985-1990 e ex-presidente da Câmara Municipal, ocupando o cargo de vereador na cidade por três vezes. Este estudo fora, segundo ele, divulgado por toda a imprensa e teria sido um dos motivos para a criação da Secretaria de Ação Social.

A justificativa para a produção deste registro por parte de seu idealizador se encontra na necessidade urgente de resolver o problema dos “favelados”. Observa-se que a diferença é vista pela Prefeitura Municipal como algo determinado, como um problema social do qual os valores e interesses do poder público municipal e dos grupos econômicos locais pareciam retirar-se das dificuldades geradas⁹⁴. Eles buscavam – assim como a atual administração municipal também procura fazer – colocar em prática a idéia de controlar a vinda de pessoas do campo para a cidade, pois elas seriam na sua identificação, as causadoras dos problemas urbanos. Além disso, às noções de favelado, marginalizado e migrante eram atribuídos um sentido depreciativo, sendo vistos como um entrave ao desenvolvimento socioeconômico da cidade. Esses são alguns dos sentidos criados para o social a partir da dicotomia entre rural/Distrito e urbano/cidade de Uberlândia, engendrados nessas relações de poder.

No entanto, foram exatamente os adjetivos: “*industrial, possibilidades, estudos, comércio em amplitude nacional, canais de TV*”, componentes dos projetos de cidade defendidos pelos grupos políticos e econômicos dirigentes, que atraíam trabalhadores dos Distritos e da região. Isso sugere que a “*cidade grande e desenvolvida*” devia ser vivida pela minoria, e aqueles que não pertenciam a segmentos sociais dominantes, aqueles que não possuíam capital para investir na cidade, eram vistos com maus olhos. A favela era entendida como “*um dos problemas derivados da irracionalidade do fenômeno migratório*”, e os trabalhadores que vinham em busca daquilo que fora propagandeado eram considerados os causadores da criminalidade, ganhando estereótipos negativos, taxados de semi-analfabetos, problemáticos. E ainda que se percebesse a presença dos latifúndios no campo, a maneira como a sociedade está

Ver: NASCIMENTO, Dorivaldo Alves. **O drama da favela e do favelado**. Uberlândia: Câmara de Vereadores, Prefeitura Municipal de Uberlândia, s/d, p. 1. Este documento consta nos arquivos do CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia).

⁹³ Para além das explicações pautadas no campo do econômico, geralmente oferecidas para se compreender os movimentos populacionais, Célia T. Lucena realizou um estudo que indaga os significados simbólicos que permeiam os universos culturais de “migrantes”. A autora busca pensar a mobilidade social levando em consideração as representações do rural e do urbano nas diferentes fronteiras culturais elaboradas. Sua pesquisa auxiliou-me a refletir sobre os valores culturais e sobre as trajetórias vividas por aqueles que se deslocam geograficamente, tanto os trabalhadores que vieram do estado da Bahia quanto os moradores de Tapuirama que realizam estes movimentos para a cidade de Uberlândia. Ver: LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

⁹⁴ Como por exemplo, o processo de empobrecimento da população, favorecido pela especulação imobiliária, justificadas por empresários como meio de se defenderem da crise econômica vigente no país. Essa questão foi discutida por Leonardo Santana ao investigar o jornal Correio de Uberlândia. Ver: SANTANA, Leonardo Henrique. **1988: Uberlândia fez 100 anos: uma leitura da cidade aniversariante**, nos cadernos do centenário do jornal Correio de Uberlândia. 2007. Monografia (Graduação em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007. p. 33-35.

organizada e as suas atuações não eram identificadas como as causas dos problemas sociais. Isso evidencia como o governo da Democracia Participativa dialogava com os seus iguais, não se preocupando efetivamente com medidas racionais e viáveis para a superação de desigualdades sociais⁹⁵.

O jornal *Primeira Hora* trouxe, em título destacado, uma reportagem sobre a aprovação do cargo de administrador dos Distritos. Na matéria, logo abaixo da foto do Prefeito lê-se a inscrição “*Zaire Rezende pretende desenvolver os Distritos*”⁹⁶. As notícias que o jornal apresenta sobre os Distritos de Uberlândia vão de acordo com os interesses e preocupações da administração municipal. O jornal não é entendido como portador de um discurso sobre a realidade, mas enquanto um agente social que não é neutro. Assim, em 1983, os editores deste periódico estavam preocupados em discutir a pretendida Reforma Administrativa da Prefeitura Municipal de Uberlândia, proposta pelo Prefeito Zaire Rezende, que criara órgãos de assessoramento ao seu governo.

Nesse sentido, encontram-se com facilidade, nas primeiras páginas deste jornal, notícias que apresentam as ações da Prefeitura “trabalhando pela cidade”: “*Bairro Lagoinha ganha creche e centro social*”; “*Zaire fez várias inaugurações em Miraporanga*”⁹⁷; “*Em Tapuirama primeiro passo para casa própria*”; “*Creche Santa Terezinha foi inaugurada ontem*”⁹⁸; “*Escola de Martinésia terá reformas inauguradas hoje*”⁹⁹; “*Cruzeiro dos Peixotos ganha Quadra Poli esportiva*”¹⁰⁰.

O governo Zaire Rezende, bem como os editores do jornal **Primeira Hora**, nas atitudes que dizia tomar em prol de concretizar a Democracia Participativa, dialogava

⁹⁵ Nesse sentido, tem-se um vereador/empresário da construção civil, reivindicando a “*perfeita urbanização de nossa grande cidade, de nosso rico e incomparável município*”. Para pôr em prática esse projeto de grande cidade, a solução, sugerida por ele enquanto representante do governo, era então o desfavelamento. Isso se daria através da criação da Secretaria Municipal de Ação Social, preocupada em evitar o surgimento e o aumento das favelas, juntamente às ações mais urgentes, tal como a organização de um Centro de Triagem e Fiscalização. Na verdade, essas medidas constituem-se em sistema de controle e dominação social, pois se por um lado as pessoas têm o direito de habitar, por outro suas residências devem ser construídas em conformidade com o que a Prefeitura planeja. Esse objetivo vinha em sintonia com medidas tomadas pelo governo federal que visava “*estancar a fonte dos amontoados urbanos desorganizados, criando dificuldades para os migrantes*” através de programas próprios por meio de Secretarias do Interior. Conforme informações contidas no documento elaborado por Nascimento, o governo federal tinha o intuito de solucionar “o problema” através do Programa PROMORAR. Ver: NASCIMENTO, Dorivaldo Alves. **O drama da favela e do favelado**. Uberlândia: Câmara de Vereadores, Prefeitura Municipal de Uberlândia, s/d, p. 1; e ainda: ZAIRES Rezende pretende desenvolver os Distritos. **Primeira Hora**, Uberlândia, 29 mar. 1983, p. 3.

⁹⁶ Ibidem.

⁹⁷ BAIRRO Lagoinha ganha creche e centro social; Zaire fez várias inaugurações em Miraporanga. **Primeira Hora**, Uberlândia, 28 ago. 1984, p. 1.

⁹⁸ EM TAPUIRAMA primeiro passo para casa própria; Creche Santa Terezinha foi inaugurada ontem. **Primeira Hora**, Uberlândia, 14 set. 1984, p. 5.

⁹⁹ ESCOLA de Martinésia terá reformas inauguradas hoje. **Primeira Hora**, 19 jun. 1985, p. 1.

¹⁰⁰ CRUZEIRO dos Peixotos ganha quadra Poli esportiva. **Primeira Hora**, Uberlândia, 07 jan. 1986, p. 1.

com condições sociais reais vividas nos Distritos e na cidade como um todo, ao construir e reformar escolas e postos de saúde entre outros. A Creche Comunitária de Tapuira, construída num terreno doado pela Prefeitura para a Associação dos Moradores do Distrito de Tapuira (AMDITA) foi, conforme informações obtidas, construída pela Associação através de um mutirão, com utilização de material de construção doado também pela Prefeitura, o que faz pensar que o direito das crianças à educação não era algo garantido à população. Hoje, a creche conta com o apoio da administração municipal, mas sobrevive principalmente em função dos trabalhos da Associação dos Moradores que direciona parte de suas ações em apoio a essa instituição¹⁰¹.

As relações dos moradores de Tapuira com a Creche Comunitária têm sido expressas em parte nas ações da Associação dos Moradores de Tapuira. Ao investigar as atas da AMDITA chamou-me a atenção o seguinte:

*A instituição não tem condição de arcar com todas as despesas, por isso estamos com uma carta de doação em cada família [pedindo doações] e passamos a arrecadar todos os fins de mês, para que possamos ajudar os mais necessitados, e assim o que está ao alcance da Associação. O fôro da creche está precisando urgente ser colocado. [...] O dinheiro da Associação está servindo para comprar carnes, refrigerantes [...]. Os pais que têm crianças na creche precisariam dar uma pequena quantia porque está precisando de muita coisa.*¹⁰²

Conforme Ata de 2001, a reunião, promovida para tratar de assuntos relacionados à creche e outros problemas relativos à Associação, contou com a presença de várias pessoas da “comunidade”. A mobilização dos moradores do Distrito, por meio da Associação, a fim de proporcionar melhorias às crianças que freqüentam a creche, evidencia a existência de sentimentos de ajuda mútua e estratégias criadas pela população em torno de suprir algumas faltas, delineando os conflitos presentes nos modos de viver no Distrito.

No entanto, nem todas as famílias têm recursos para atender à solicitação da Associação e contribuir com os seus trabalhos junto à creche. Dessa forma, encontra-se um sentido específico para a realização de festas, como as juninas, por parte da

¹⁰¹ A Creche Comunitária de Tapuira está sob a coordenação da Sra. Dirley de Fátima Carneiro Cardoso, 45 anos, esposa do vice-presidente da Associação dos Moradores de Tapuira, Carlos Donizete Cardoso, 46 anos. A creche atende quarenta crianças em período integral e parcial. Conta com seis funcionários remunerados pela Prefeitura Municipal de Uberlândia.

¹⁰² ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO DISTRITO DE TAPUIRA (AMDITA). Ata da reunião realizada no dia 26 mar. 2001. Tapuira, 2001. Livro 2, p. 22.

Associação “*em benefício a creche deste Distrito e das pessoas carentes*”¹⁰³. Eventos como esses são comuns em Tapuira e vistos pela população como sendo “uma boa causa”, e por este motivo contam com apoio através da sua participação e envolvimento nessas ocasiões, doando prendas, entre outros. Percebi que este apoio se manifesta através do desejo de ajudar o próximo (e não propriamente a Associação) que vai se instituindo através dos laços de solidariedade à medida que se relacionam e convivem entre si. Talvez o fato de o lugar ser pequeno, e de as pessoas se conhecerem e aos problemas vividos, desperte nos sujeitos o sentimento de solidariedade. O que notei é que nessas promoções apoiadas pela Associação há uma participação relevante, inclusive de moradores da zona rural e daqueles que hoje residem em Uberlândia e possuem parentes e amigos lá.

Estes eventos não acontecem aleatoriamente, existe uma comunicação entre os moradores e os membros da Associação que atua no sentido de desenvolvê-los quando há necessidade. Por exemplo: aquisição de remédios para alguma pessoa que ficou doente; cestas básicas para algum pai de família desempregado; e assistência à creche no que diz respeito à alimentação e quaisquer outras soluções que sejam necessárias. Na ata da Associação registrou-se o seguinte: “*Será realizado no dia 14 de outubro de 2001 a festa para comemorar o dia da criança com bala, guaraná, pipoca e brincadeira e a cavalhada infantil*”¹⁰⁴. A Associação dos Moradores de Tapuira desenvolve um trabalho considerado por muitos como relevante junto às pessoas no Distrito. Mas, os bailes, bingos e sorteio de prendas, além de caracterizar-se como busca por ajudar as famílias carentes do Distrito, são espaços que trazem uma noção de tempo vivido pelos moradores. Esses eventos passam a constituir o modo de viver das pessoas. A festa do dia das crianças, bem como a festa junina, são (re)significadas por realizadores e participantes, sendo parte daquilo que é vivenciado por eles.

Ainda com relação ao projeto do governo Zaire Rezende que, segundo o grupo, pretendia revitalizar os Distritos e dar vida nova ao meio rural, este trazia consigo uma estratégia que continuava pautando-se pelos interesses dos órgãos públicos¹⁰⁵. Nesse

¹⁰³ ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO DISTRITO DE TAPUIRA (AMDITA). Ata da reunião realizada no dia 01 jul. 2001. Tapuira, 2001. Livro 2, p. 22.

¹⁰⁴ ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO DISTRITO DE TAPUIRA (AMDITA). Ata da reunião realizada no dia 02 set. 2001. Tapuira, 2001. Livro 2, p. 22.

¹⁰⁵ O conceito de progresso elaborado pelas elites locais e pelo poder público municipal é trabalhado com a finalidade de concretizar os seus projetos para a cidade, projetos que atendam os seus interesses, no sentido de gerar confiabilidade para grandes indústrias investirem, acumular capital e exercer preponderância político-econômica na região. O jornal **Primeira Hora**, considerado o porta-voz deste governo, descreveu as ações do poder público municipal para melhorias urbanas nos Distritos, seguido da

sentido, o governo municipal utiliza da noção de democratizar a participação nas decisões administrativas e a idéia de que estava trabalhando junto às populações consideradas marginalizadas, enquanto um mecanismo de consolidação de seu poder no quadro político, socioeconômico e junto aos eleitores da cidade¹⁰⁶. A Secretaria de Administração dos Distritos deixou de existir em julho de 2003, durante a segunda administração de Zaire Rezende, sendo que existe agora uma Coordenadoria de Administração dos Distritos que funciona junto com a Secretaria de Governo. A Secretaria de Administração dos Distritos proporcionou algumas melhorias em Tapuirama, tal como o apoio à criação da creche, a reforma da escola municipal, a ampliação do posto de saúde, entre outros, que, de certa forma, alteram o modo de viver e são vistos pela população como algo positivo, pois não precisam mais se deslocar até Uberlândia em busca do básico para viverem. Mas, nas falas dos moradores, prevalece um sentimento de que alguns direitos não estão garantidos, localizando as contradições. Possivelmente, a Secretaria deixou de existir porque não possuía reconhecimento junto a população, nem junto a Associação dos Moradores, que quando precisava, procurava as Secretarias específicas, buscando solucionar seus problemas¹⁰⁷.

A fala do Sr. Anderson: *“por ser distrito aqui... num cresce! Não... não chega um emprego legal pra você, num... num cria aquela perspectiva de vida qualificada que todo mundo... [quer]”*¹⁰⁸, auxilia a compreender os modos como as pessoas passam a reivindicar sua participação nos planos e visões de cidade difundidos pela imprensa. Mas, ao elaborarem as suas experiências eles deixam entrever que a qualidade de vida – esperada por muitos na confirmação de um emprego – é algo a se conquistar no dia-a-

afirmação do então vice-prefeito da cidade que confiante no *“progresso e desenvolvimento da população rural uberlandense”* disse: *“Queremos criar possibilidades para que as pessoas que saíram dos Distritos possam voltar”*. Ver: DISTRITOS terão segundo grau em 1984. **Primeira Hora**, Uberlândia, 05 out. 1983, p. 5.

¹⁰⁶ Ao investigar a criação e as atuações do Conselho Municipal de Entidades Comunitárias, proposto pelo governo Zaire, Santos percebeu que estas eram um meio de consolidar a hegemonia do governo (fração dissidente e emergente dos governos municipais) perante demais grupos políticos e a população. Segundo este autor, o poder público *“procurou estabelecer no município, um cânone de participação popular. Estabeleceu um padrão aceitável de atuação social e procurou cristalizar as práticas sociais em um modelo sectário e conformista”* que não satisfazia os interesses da população, havendo distorções entre as intenções destes e das instituições municipais. Ver: SANTOS, Carlos, M. S. **Democracia Participativa e tensão social em Uberlândia**: experiências de moradores do bairro Nossa Senhora das Graças. Monografia (Graduação em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006, p. 63.

¹⁰⁷ Informação obtida com o Sr. Carlos Donizete Cardoso, vice-presidente da Associação dos Moradores de Tapuirama.

¹⁰⁸ Sr. Anderson Gomes Gonzaga. Entrevista realizada em 30 jul. 2006.

dia. Essa leitura indica como a cidade não é vivida com tranquilidade, mas sim como um espaço de embates¹⁰⁹.

Quando perguntei ao Sr. Clacídio, trabalhador vindo da Bahia, proprietário de um açougue em Tapuira e ex-trabalhador da *JPL Resinas*, como ele vê o Distrito, ele destaca a saúde como o setor que precisa melhorar:

*A saúde, principalmente na saúde. Que o postinho, esse postinho de saúde de Tapuira ele deixa muito a desejar, né? Eu mesmo e minha esposa, é... tem uns... quinze dia tava com uma dor de dente chegô, tava viajano chegô, com dor de dente, chegô no postinho tinha dentista e num atendero ela, ela teve que ir na medicina [Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia]. Mandou esperá porque é só quem tava marcado, então é por isso que eu digo, quando é, a pessoa num vai marcar pra adoecer, então eu acho que é muito a desejar.*¹¹⁰

Embora a imprensa, comprometida com as elites locais, se esforce no intuito de criar uma imagem positiva de Uberlândia, algumas vezes assumidas nas narrativas, no diálogo com os trabalhadores é possível perceber outras imagens, sentidos e visões elaborados nos modos como essa cidade é vivenciada pelos trabalhadores que nela disputam seus direitos, inclusive à saúde¹¹¹.

No entanto, a imprensa também permite outras leituras sobre o Distrito:

A população que mora nos quatro Distritos da zona rural de Uberlândia não está satisfeita com a rede pública municipal de saúde. Apenas um médico

¹⁰⁹ Algumas pesquisas discutem os modos de viver e os embates de trabalhadores pelo seu direito de pertencer à cidade. Ver: MEDEIROS, Euclides Antunes de. **Trabalhadores e viveres urbanos:** trajetórias e disputas na composição da cidade –Uberlândia- 1970-2000. 2002. Dissertação (Mestrado em História Social)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002; MORAIS, Sérgio P. **Trabalho e cidade:** trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia – 1970-2000. 2002. Dissertação (Mestrado em História Social)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002; PETUBA, Rosângela M. S. **Pelo direito a cidade:** experiência e luta dos trabalhadores ocupantes de terra do bairro Dom Almir – Uberlândia 1990-2000. 2001. Dissertação (Mestrado em História Social)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001; BATISTA, Sheille S. de Freitas. **Buscando a cidade e construindo viveres:** relação entre campo e cidade. 2003. Dissertação (Mestrado em História Social)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

¹¹⁰ Sr. Clacídio Souza de Andrade, casado, 52 anos, sete filhos, nascido no estado da Bahia, está em Tapuira há onze anos. Entrevistado em 25 jan. 2007.

¹¹¹ O Posto de Saúde conta com a presença de um médico clínico geral e um odontólogo, ambos atendem no Distrito, duas vezes por semana, com as consultas agendadas, exceto casos em que alguns pacientes chegam passando mal ou ocorrem pequenos acidentes com leves ferimentos. Segundo informações obtidas com a técnica em enfermagem que trabalha no posto há 35 anos, a Sra. Terezinha, os atendimentos podem totalizar de 25 até 30 consultas por dia, incluindo as emergências. O Posto de Saúde de Tapuira mantido pela Prefeitura Municipal de Uberlândia presta os seguintes serviços à população: vacinação, aferição de pressão, curativos, medicação de diabetes, prevenção contra câncer do colo do útero, marcação de consultas, encaminhamentos, pré-natal. Na área de odontologia são feitas extrações, restaurações e prevenções.

*responde pelo atendimento em Miraporanga, Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia e Tapuirama. [...] Diante das dificuldades, os moradores resolveram reivindicar melhorias para os Distritos e reclamam que a presença de um único profissional, uma vez por semana em cada região, não é suficiente para atender todas as necessidades dos habitantes que vivem distantes do centro urbano [...].*¹¹²

O jornal também permite uma maneira de apreender o Distrito nos modos de viver das pessoas, nas suas reivindicações e necessidades. As tensões experimentadas por eles surgem em convivência com outras lógicas que permeiam o município como um todo, o que permite entrever Tapuirama como um lugar social constituído por uma multiplicidade de experiências e de leituras de sujeitos sociais antagônicos.

Nessas múltiplas linguagens do social, nas entrevistas dos trabalhadores, na imprensa e no “discurso” de pessoas vinculadas ao poder público municipal, emerge como os viveres de pessoas comuns se entrecruzam com outros, sendo expressão de contradições. Entrecruzar as fontes possibilita compreender que a leitura dos setores dominantes não é a única, mas pelo contrário, se constitui nos embates de interesses. Na página da internet da Prefeitura Municipal de Uberlândia constam informações sobre o projeto que ela está desenvolvendo junto ao “homem do campo”, através de parcerias com escolas técnicas, centros universitários e universidades. O projeto *Saúde no Campo* tem o objetivo de, segundo seus idealizadores, “*capacitar o professor da zona rural para que ele possa ser um multiplicador das ações de prevenção, promoção e proteção à saúde*”¹¹³. A fala do Secretário Municipal de Saúde, Gladstone Rodrigues da Cunha, chamou minha atenção. Segundo ele, “*as Secretarias, além de promover a saúde, estarão preservando o ambiente rural e evitando o desgaste com o meio ambiente, afastando o êxodo do homem do campo para a cidade*”. A orientação desse projeto passa por fazer com que o homem que vive no campo lá permaneça.

O jornal *Correio de Uberlândia*¹¹⁴, ao compartilhar os interesses da Prefeitura Municipal e dos representantes da cidade de Uberlândia, comerciantes, industriais e

¹¹² MORADORES reclamam da falta de médicos: único profissional atende em Martinésia, Miraporanga, Tapuirama e Cruzeiro dos Peixotos. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 05 mai. 2007, p. B1.

¹¹³ PREFEITURA lança Projeto Saúde no Campo. Prefeitura Municipal de Uberlândia. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/pmu>>. Acesso em: 02 jun. 2007.

¹¹⁴ O jornal **Correio de Uberlândia** compartilha das interpretações do poder público municipal e entende que o crescimento econômico da cidade está dentro do esperado e que ele não é um dos geradores de desigualdades sociais, mas sim aqueles que vêm do campo ou de outras cidades e estados. Estes são rotulados de criminosos, não vêm para contribuir com o progresso da cidade, portanto disputam com eles o direito à cidade, como veremos no segundo capítulo. “*Basta dar uma volta pela periferia de Uberlândia para constatar as conseqüências do crescimento populacional acelerado registrado nos últimos quatro anos. Nesse período, o Município cresceu 13,7% o total de habitantes saltou de 501,2 mil para 570 mil índice bem superior à média nacional e o maior entre as grandes cidades mineiras. O resultado direto é*

empresários, também se mostra interessado nas discussões sobre “a qualidade de vida no campo”, se posicionando sobre esse assunto:

Para o sociólogo e professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Antônio Ricardo Micheloto, o êxodo no Triângulo Mineiro é tão grande que praticamente não existe mais zona rural. “Aqui em Uberlândia”, declara, “somente 5% da população ainda vive no campo.” Segundo ele, a transformação econômica e tecnológica, que chegou rapidamente ao campo, aliada ao agribusiness, foi, e hoje ainda é, desencadeadora dessa migração. Foram essas mudanças que fizeram o lavrador José Aparecido Silva, 47 anos, engrossar a fileira dos retirantes. Ele trabalhava numa fazenda no Distrito de Tapuira, em Uberlândia, mas o campo foi cedendo o lugar dos caboclos para as máquinas agrícolas e isso o forçou a vir para Uberlândia. Na cidade, por não ter qualificação profissional, José fez de tudo: foi carregador de mercadorias, arriscou-se em outros ofícios mais simples, almejou melhorar de vida e foi para a construção civil. Hoje é pedreiro e mesmo tendo uma profissão definida ainda sonha em voltar para o antigo pedaço de chão.¹¹⁵

O pano de fundo para o periódico discutir “o bem viver do homem no campo” guarda semelhanças com a intenção do poder público municipal de controlar a vinda de pessoas do meio rural para a cidade. Eles elegem alguém que consideram autoridade para falar sobre o assunto, um professor universitário. A presença de tecnologias no campo e os usos que dela se faz são apresentados de maneira reducionista como uma estratégia para explicar o desencadeamento da “migração”, ao relatar a trajetória de um ex-morador do Distrito de Tapuira. Nas entrelinhas desta notícia configura-se uma tendência, que se intensifica ao longo do texto, em favor de que os trabalhadores não deixem seus lugares de origem rumo à cidade. A justificativa apresentada é a de que aqueles sujeitos que vieram, ainda que tenham uma profissão definida na cidade, conservam um sonho antigo de retornar a sua terra.

*o aumento dos índices de criminalidade e déficits na educação, saúde e habitação.” Ver: CRESCIMENTO é motivo de preocupação. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 28 nov. 2004. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/pmu>>. Acesso em: 02 jun. 2007. A questão do deslocamento populacional é algo recorrente nos meios de comunicação local. Tanto o jornal **Correio de Uberlândia** quanto o jornal **Primeira Hora** se preocupam com esta temática, pois ambos possuem vínculos, representam e compõem o poder na cidade. Em uma das matérias tem-se a seguinte afirmação: “É, minha gente, a marcha migratória tem que ser controlada”. Ver: CIDADE sente reflexos do crescimento acelerado. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 31 dez. 2004; VEM que Uberlândia tem?... **Correio de Uberlândia**. 05 jan. 2005. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/pmu>>. Acesso em: 02 jun. 2007.*

¹¹⁵ ÊXODO rural mantém esperança e saudade. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 26 mar. 2006. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/pmu>>. Acesso em: 02 jun. 2007. Essa reportagem traz um texto subdividido em quatro partes intituladas: Êxodo rural mantém esperança e saudade; Uberlândia perdeu 95% dos seus moradores da zona rural; Produtor diz que população rural há 30 anos era de 80%; Experiência agrária obtém êxito em assentamento; Cidades buscam melhorias para zona rural. Percebe-se que há um esforço em mostrar a necessidade de que o homem do campo lá permaneça.

No entender dos dirigentes municipais, viver nos Distritos significa viver no campo, homogeneizando as relações experimentadas nesses lugares. Isso se passa em função dos viveres destes sujeitos estarem imbricados na relação com o campo pelo fato de a maioria ali trabalhar. Desse modo, os demais elementos de seus modos de viver instituídos no espaço urbano dos Distritos são ocultados.

O serviço público de saúde é visto pela maioria dos entrevistados como ineficiente, e é com essa condição que o projeto *Saúde no Campo* desenvolvido pela Prefeitura foi elaborado. Nas fissuras encontradas ao analisar os próprios jornais, nota-se como a cidade não é homogênea. Em outras matérias do jornal **Correio de Uberlândia**, lê-se: “*Exército ajuda Distritos com equipe médica*”¹¹⁶, “*Vida difícil nos Distritos*”¹¹⁷. O jornal enquanto veículo de comunicação, expressão de categorias sociais com interesses bem definidos na sociedade, não pode negligenciar certos fatos porque tem receio de ser cobrado pelo seu próprio público leitor que vive a realidade da cidade e tem acesso a outros meios de informação.

No ano de 1994, esse jogo de articulações fica claro: “*Nas ruas sem asfalto, os moradores convivem diariamente com a poeira, um dos maiores problemas enfrentados pela população*”¹¹⁸. A notícia que apresenta esta frase foi trazida pelo jornal em uma coluna intitulada Cidade Reclama, no entanto, três dias depois aparecem as seguintes afirmações: “*O pequeno Distrito de Martinésia tem sofrido muito com a falta de estrutura do povoado, mas a educação vai muito bem*”¹¹⁹. E, dois dias depois desta, o jornal traz outra reportagem sobre o Distrito de Martinésia para mostrar que “*a Prefeitura tem consciência do problema*” e desenvolve projetos para solucioná-los bastando que “*os moradores procurem a secretaria e exponham seus problemas*”¹²⁰.

Entretanto, também nos momentos em que a imprensa silencia a respeito de determinadas práticas, o silêncio precisa ser problematizado e relacionado aos interesses dos proprietários dos jornais (o grupo Algar) e aos interesses dos grupos dominantes da cidade aos quais são vinculados. Há uma tentativa de minimizar os problemas fazendo

¹¹⁶ EXÉRCITO ajuda Distritos com equipe médica. **Correio do Triângulo**, Uberlândia, 09 mar. 1993. Cidades/Judiciário, p. 10.

¹¹⁷ VIDA difícil nos Distritos. **Correio**, Uberlândia, 11 nov. 1997. Cidades, p. 9.

¹¹⁸ FALTA de infra-estrutura tira o sossego de Martinésia. **Correio do Triângulo**, Uberlândia, 19 abr. 1994. Cidades, p. 10. Essa notícia ganhou destaque na capa: “Martinésia: o bucólico cheio de problemas”.

¹¹⁹ MARTINÉSIA ganha curso de segundo grau e ensino alternativo. **Correio do Triângulo**, Uberlândia, 22 abr. 1994. Cidades, p. 7.

¹²⁰ MARTINÉSIA terá novos benefícios em breve. **Correio do Triângulo**, Uberlândia, 24 abr. 1994. Cidades, p. 10. Sendo que esta notícia também ganhou destaque na capa: “Martinésia pede segurança e saneamento”.

com que a cidade apareça como um lugar ideal para se viver, para investir em negócios e, portanto, com amplas oportunidades de trabalho. Ou seja, as preocupações refletem a idéia de projeto de cidade que eles assumem, por quem este projeto é feito e para quem, e é nesse sentido que não se evidencia a preocupação em discutir os problemas sentidos nos modos de viver dos moradores dos Distritos.

Utilizando-se de conceitos, tais como progresso e desenvolvimento, os jornais elaboram uma imagem de cidade ao mesmo tempo em que disputam memórias sobre ela. É nessa construção que a notícia sobre a produção da fábrica *Resinas Tropicais Indústrias e Comércio LTDA*, publicada em 2002, se insere:

Resina Tropical vai ampliar produção em 20%. Investimentos em novas áreas de coleta vão elevar produção para 12 mil toneladas este ano. “A Resinas Tropicais Indústrias e Comércio, empresa instalada em Uberlândia, no distrito de Tapuira vai ampliar a produção em 20% este ano [...]. A fábrica investiu US\$ 2 milhões e atualmente gera 35 empregos diretos e mais 150 indiretos, incluídos os trabalhadores rurais, responsáveis pela coleta de resina e pessoal do transporte. A ampliação da produção e da área de extração deve promover a geração de novas vagas, mas, por enquanto, isso irá ocorrer apenas nas áreas de extração de resinas que serão abertas.

*O gerente geral da empresa, José Jorge Ferreira, afirma que o aumento da produção deve acompanhar a abertura de novos mercados tanto no País quanto no exterior. Hoje, 40% do material processado na fábrica é exportado para a Europa.*¹²¹

A fábrica se localiza nas proximidades do Distrito de Tapuira e processa a goma de resina, material coletado nas florestas de pinus pelas mãos de trabalhadores, fazendo uma primeira preparação da matéria prima a ser transformada posteriormente nos mais diversificados produtos, tais como derivados de plásticos, tintas, entre outros.

A importância dessas mercadorias no mercado e o valor de consumo que adquirem na sociedade possibilitaram ampliar a área de extração de resinas por parte dos produtores rurais, que por intermédio dos trabalhadores, desencadeiam as primeiras etapas deste ciclo voltado para a comercialização de produtos. A fábrica *Resinas Tropicais Indústrias e Comércio LTDA* possui outras cinco fábricas no Brasil, sendo três delas no estado de São Paulo, uma no Paraná e uma no Rio Grande do Sul. A *JPL Resinas* (produtor rural que extrai a matéria prima nas florestas de pinus) mantém frente de trabalho no município de Uberlândia e em Indianópolis-MG¹²² e ainda arrenda áreas

¹²¹ RESINA Tropical vai ampliar produção em 20%. **Correio**, Uberlândia, 19 jun. 2002. Economia, p. 4. A notícia ganhou destaque também na primeira página do jornal: “Fábrica de Tapuira exporta breu e terebentina”.

¹²² Dados obtidos junto aos funcionários do escritório da *JPL Resinas* que funciona na cidade de Uberlândia. Os números são referentes ao segundo semestre de 2006.

para extração de resinas em Padre Carvalho-MG, Francisco Sá-MG, Montes Claros-MG, Estrela do Sul-MG e Itapetininga-SP.

Parte dos trabalhadores que emprega se mudaram da cidade de Jacobina no estado da Bahia. Eles começaram a chegar a Tapuira desde 1993 quando a JPL Resinas inicia suas atividades nesta região. A maioria deles tem moradia garantida pelo produtor rural nas chamadas “vilas dos baianos”, localizadas no espaço urbano do Distrito.

A notícia acima destaca os aspectos positivos da presença de uma fábrica no município de Uberlândia. A ampliação da produção e geração de emprego é apresentada para o município e região como um todo, guardando semelhanças com outras publicações desse jornal, que enfatizam o desenvolvimento. Entender este jornal enquanto agente das relações sociais, pertencente a um grupo capitalista com interesses definidos na sociedade, possibilita o entendimento do modo como a notícia é dada, os aspectos que privilegia, através da análise dos conceitos que ela utiliza, tais como emprego, fábrica, produção, exportação e a noção de desenvolvimento. A imprensa, entendida enquanto um dos lugares privilegiados para a construção de sentidos para o presente e uma das práticas de memorização do acontecer social, faz uso de conceitos que possuem relevância junto à população, pois as pessoas anseiam por melhorias. Existe uma tentativa de legitimar a necessidade de projetos para obter junto à população apoio necessário para sua implantação.

Ao ler essa notícia me pergunto: Quem são os trabalhadores “rurais” citados pelo jornal na matéria tratada? Como essa cidade/município é vivida por sujeitos que nela chegaram há pelo menos dez ou onze anos vindos do estado da Bahia? Como estes sujeitos entendem suas trajetórias de vida? O segundo capítulo tem como objetivo pensar os modos de viver de trabalhadores vindos da Bahia, as maneiras como significam suas trajetórias de vida, abordando as condições de moradia, os viveres que estabelecem no Distrito a partir das relações de trabalho e as maneiras como se movimentam no tempo, construindo memórias sobre a sua mudança para Minas Gerais e as expectativas de futuro.

Assim, no capítulo seguinte tomo a história oral como instrumento metodológico para refletir sobre as maneiras pelas quais os sujeitos experimentam e constituem as relações sociais vividas através da sua cultura, procurando articular o espaço e o lugar social de onde falam a uma dinâmica social maior. Dessa maneira, serão utilizados ainda jornais e fotografias com os quais busco apontar alternativas para o entendimento

das relações de poder que se desenrolam e as maneiras como se dão as elaborações de sentidos para o viver e trabalhar, considerando que à medida que os sujeitos narram eles dimensionam os processos sociais vividos pela classe trabalhadora e sugerem possibilidades alternativas para a compreensão de história e memória.

CAPÍTULO II

“TÁ NESSA RESINA, TÁ AQUI DENTRO DE TAPUIRAMA, QUE TÁ TRABAIANO, TÁ DE BARRIGA CHEIA”¹²³: RELAÇÕES DE TRABALHO E EXPERIÊNCIAS DOS TRABALHADORES DA ATIVIDADE DE EXTRAÇÃO DE RESINAS

*É uma coisa que a gente tem que sentar o joelho no chão e agradecer a Deus todo dia, porque quem dizer assim, “tá nessa resina, tá aqui dentro de Tapuira, que tá trabaiano, tá de barriga cheia”, [se] não [é] porque não quer, [pois] dentro de Tapuira tá passano fome é porque quer, porque não tem só a resina, tem vários pra todo mundo trabaia ...*¹²⁴

*Eu acho que não, quando a gente põe uma coisa na cabeça a gente quer mais é fazer aquilo, né. É minha coisa [situação], quando eu estou aqui na hora que dá vontade, não só eu, todos nós né, que na hora que dá vontade de ir embora num... pensa na situação que está lá, né? E hoje lá pra gente hoje tá muito ruim de serviço, tá difícil mesmo, então a gente não pode negar, a gente tem que ficar onde tem serviço, né? Principalmente os que tem família.*¹²⁵

Uma multiplicidade de expectativas e visões de mundo foi expressa pelos sujeitos sociais com os quais estabeleci diálogo durante a realização da pesquisa. O desafio de compreender as práticas sociais vividas em Uberlândia, através das narrativas de trabalhadores/moradores do Distrito de Tapuira, colocou-me frente a pessoas que lutam cotidianamente para assegurarem seus direitos sociais, expressando seus valores e suas atitudes.

Ao elaborar interpretações para as trajetórias vividas e para as relações culturais compartilhadas, os sujeitos apontam estratégias que nos fazem refletir sobre as contribuições dos nossos trabalhos para a construção de um mundo diferente, com

¹²³ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos, 39 anos, casada, tem três filhos. Ela se mudou de Jacobina-BA para Tapuira há dez anos onde sempre trabalhou na atividade de extração de resinas. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

¹²⁴ Idem.

¹²⁵ Sr. José Carlos Escolácio de Jesus, 36 anos, casado, duas filhas, está em Tapuira há dez anos. Entrevista realizada em 01 mai. 2006.

igualdade¹²⁶. Ao narrarem, as pessoas expressam como travam uma luta a seu modo em torno do reconhecimento social, dando-nos indícios para compreendermos criticamente o processo histórico vivido e as maneiras como as transformações se apresentam a eles nos seus modos de ser.

Na busca por esmiuçar as formas como os sujeitos se vêem nas transformações sociais, tomo como foco, neste capítulo, as experiências de trabalhadores vindos de Jacobina-BA para o município de Uberlândia-MG, atraídos pelo apoio de familiares que viviam no Distrito de Tapuirama, buscando oportunidades de vida nessa região.

Estas pessoas vieram executar uma atividade específica, a extração de resinas, e foram empregadas pela empresa *Jurandir Proença Lopes Resinas (JPL Resinas)*. Os trabalhadores possuem a carteira assinada como trabalhador rural braçal, são filiados e cadastrados no Sindicato do Trabalhador Rural de Uberlândia¹²⁷. A *JPL Resinas* atua como produtora rural no município de Uberlândia desde 1993. Ela tem licença para atuar no município e possui cadastro na Secretaria Estadual da Fazenda. Geralmente, de dois em dois anos a empresa faz contratos de arrendamento para explorar as áreas onde atua. Nessa região de Minas Gerais, ela possui atualmente contrato de subarrendamento com a fábrica *Resinas Tropicais Indústria e Comércio Ltda* em que é pago 20% da produção ao proprietário da PinusPlan – companhia de reflorestamento, proprietária da área subarrendada. Conforme informações obtidas com o Sr. Ari Martins, gerente de campo da empresa, a *JPL Resinas* teria um contrato de subarrendado dessa área até o ano de 2008. Sabe-se que este ramo de atividade, a silvicultura, acompanha um ciclo natural e a expectativa é que esta região terá suas áreas praticamente esgotadas num prazo de até dois anos. As expectativas dos trabalhadores em relação a essa possibilidade são analisadas mais minuciosamente no terceiro capítulo.

A *JPL Resinas* conta, em 2006, com cerca de 85 funcionários na Floresta do Lobo e 58 em Indianópolis-MG¹²⁸, mas no final da década de 1990 o empregador chegou a empregar 180 trabalhadores somente em Tapuirama, sendo a maior parte deles vindos do estado da Bahia. Ela ainda arrenda áreas para extração de resinas em Padre

¹²⁶ FONTANA, Josep. Por uma história de todos; em busca de novos caminhos. In: _____. **A história dos homens**. Bauru-SP: EDUSC, 2004. p. 439-490.

¹²⁷ O Sindicato do Trabalhador Rural de Uberlândia mantém arquivadas as fichas de cadastro dos trabalhadores registrados pela *JPL Resinas*. No Cadastro do Trabalhador Rural constam: uma foto do trabalhador; seus dados pessoais; a atividade que executa; o local de trabalho e os dados do empregador, tais como, nome completo e o número de cadastro junto a Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. No entanto, os trabalhadores não têm participação ativa junto ao Sindicato.

¹²⁸ Dados obtidos junto aos funcionários do escritório da *JPL Resinas* que funciona na cidade de Uberlândia. Os números são referentes ao segundo semestre de 2006.

Carvalho-MG, Francisco Sá-MG, Montes Claros-MG, Estrela do Sul-MG e Itapetininga-SP. Atualmente o empregador não prioriza mais a busca de trabalhadores em outra região, nos últimos anos nota-se uma redução significativa no número de contratações em decorrência da demissão de alguns empregados, devido à diminuição da área arrendada.

Grande parte do material coletado nas florestas é vendido para a fábrica *Resinas Tropicais Indústria e Comércio Ltda*, fábrica de origem portuguesa que processa a matéria prima para ser vendida, sendo boa parte preparada para exportação. As duas empresas não possuem sociedade, mas são parceiras, ou seja, uma coleta, a outra processa e prepara o produto para a venda. Os produtos extraídos, o breu e a terebentina, são processados e utilizados na produção de gomas de mascar, tintas, solventes e materiais plásticos entre outros.

A extração de resinas é um processo de trabalho feito manualmente em meio às florestas de árvore de Pinus. No mapa¹²⁹ se pode visualizar a localização da Floresta do Lobo na qual os trabalhadores entrevistados atuam.

O serviço consiste em estimular a árvore à produção de um resíduo conhecido como goma de resina que ficará armazenada em saquinhos pelo tempo que estes comportarem a matéria-prima. O trabalho é feito em equipes, sendo que cada uma é responsável por executar diferentes etapas do processo, que são: raspa de casca, raspa de goma, risca, estria e coleta.

As etapas são organizadas de modo a constituir um ciclo em que as árvores produzam por um período de dois anos. Primeiramente, faz-se a raspa de casca para retirar a parte grossa do lado externo do tronco preparando-o para a risca e estria. Esta parte é realizada por uma turma constituída por homens, em sua maioria, que desenvolvem outras etapas além dessa, como por exemplo, a raspa de goma, a coleta e a risca. A risca é o primeiro corte feito na parte inferior da árvore deixando-a pronta para a estria, ela dá início a todas as outras atividades. A imagem abaixo é do Sr. Jaílton fazendo a estria:

¹²⁹ Ver Anexo 03 – Mapa 3 - **Plano Rodoviário do Município de Uberlândia**. Abr. 1999. Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia.



Imagem 01: Sr. Jaílton no processo de extração de resinas.
Floresta do Lobo. Município de Uberlândia, nov. 2004.

Na foto acima, observa-se que a estria é feita com o uso de uma ferramenta cortante e tem a finalidade de alcançar a parte interior da árvore para extrair o resíduo. O Sr. Jaílton leva consigo um vasilhame, preso abaixo da sua cintura por um cinto, que contém uma pasta ácida utilizada no estímulo à produção da goma de resina. A estria é considerada pelos trabalhadores a parte mais cansativa de ser executada, porque o trabalhador deve utilizar força suficiente para cortar a árvore.

Em visita feita a Floresta do Lobo em dia de trabalho, observei uma movimentação intensa por parte dos trabalhadores ao executarem a estria. Eles se deslocam de uma árvore a outra para cumprir sua tarefa com agilidade e procuram estriar as árvores de duas em duas fileiras. Como as árvores estão dispostas¹³⁰ em filas paralelas, formando as chamadas ruas, os trabalhadores fazem a estria na árvore de uma rua e posteriormente na rua ao lado, caminhando para dentro da floresta e, depois, fazendo o movimento de retorno. Chama a atenção o ritmo intenso e corrido que os próprios trabalhadores impõem ao trabalho. Nesse sentido, o cansaço reclamado por alguns trabalhadores vem tanto desta correria, quanto da força que é necessário ser despendida para fazer o corte na madeira.

Quando existe uma quantidade de goma em excesso, o que atrapalha a produção de mais quantidade de material, uma turma faz a chamada raspa de goma colocando-a

¹³⁰ Com relação à disposição das árvores é importante observar que elas foram plantadas em filas para facilitar a organização e a movimentação dos trabalhadores em qualquer tipo de atividade, seja na estria ou no corte de madeira para venda. Estas “ruas” de árvores são paralelas e distam aproximadamente de um a dois metros uma da outra. A floresta possui uma divisão parecida com os quarteirões existentes na cidade, planejada para facilitar o acesso e locomoção das pessoas.

dentro dos saquinhos que irão retê-la. A coleta é a última etapa, nela os trabalhadores passam recolhendo o material que ficou acumulado nos saquinhos. Os saquinhos que contém o material são depositados pelos trabalhadores em latões nos corredores que existem em meio à floresta, chamados carregadores, por onde os caminhões circulam para apanhá-los posteriormente. Em todas as etapas, a maioria dos trabalhadores são homens, inclusive na coleta. As mulheres atuam somente na fase da coleta, pois esta é a etapa considerada mais leve.

Para estas tarefas o tempo não é marcado pelo relógio, mas pela necessidade de sua execução. Desse modo, o momento correto de amarrar saquinhos pode ser logo após a coleta, quando será necessário um novo saquinho que continue recolhendo a goma, ou depois de ser feita a raspa da casca quando a árvore já está pronta para a estria e, portanto, se faz necessário um novo saquinho para armazenar o resíduo.

O tempo para este trabalhador começar a executar determinado serviço será quando houver necessidade e, da mesma forma, o tempo de mudar de atividade e, até mesmo de lugar de trabalho, irá variar de acordo com a quantidade de serviço que está pendente, ou seja, de acordo com o tempo determinado pelo trabalho e não pelo tempo marcado por horas. A duração de cada tarefa e o seu tempo para execução pode ser reduzido ou prolongado de acordo com a demanda de serviço a ser feito.

Apesar de divididos em equipes, os trabalhadores exercem suas funções individualmente, pois o pagamento é feito por produção. Ao questionar a Sra. Ivaneide sobre o serviço que realizava, ela afirmou que não o considera pesado:

Sabe por que menina? É bom você ir, trabalhar com liberdade, ocê vai fazer pra você, quanto mais você faz você ganha. Não, vai dizer 'ah você tem que fazer é esse tanto que você tem que fazer' não, lá chega lá diz 'olha aqui você tem que trabalhar é aqui'. Se você ganhou vinte e disser 'não, eu vou tentar ganhar mais dez pra fazer vinte e cinco, pra fazer trinta' o esforço é teu, se você disser 'óh, tirei cinco real vou parar com cinco real', o problema é teu.¹³¹

A construção dessa narrativa indica-me que o pagamento por produção é, no entendimento da Sra. Ivaneide, uma liberdade concedida pelo patrão ao funcionário. Pareceu-me que a narradora enaltece essas condições de trabalho, que para ela são novas, devido à possibilidade de o trabalhador multiplicar os seus ganhos. A entrevistada expressou, nas entrelinhas, um olhar peculiar em relação aos salários fixos normalmente pagos aos trabalhadores rurais, permitindo visualizar um campo de

¹³¹ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Ela atuava na equipe responsável pela coleta. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

experiências próximas às suas, no entanto, diferenciando-se destes naquilo que ela chamou de liberdade. Ela identifica uma dura realidade, na qual se percebe inserida, e elabora sentidos sobre as relações de trabalho. Essa é uma das maneiras como a narradora expressa consciência dos processos vividos.

Mas a liberdade no trabalho, à qual alguns trabalhadores se referem, pode significar o seu aprisionamento. Eles possuem metas a serem cumpridas e os resultados devem aparecer ao final de cada dia. O pagamento por produção constitui-se em uma das estratégias mais utilizadas por empresas na atual organização do mundo do trabalho, em que o indivíduo passa, ele próprio, a se disciplinar e a se vigiar, e não o seu patrão. Sozinhos em meio à floresta, eles buscam produzir a tarefa do dia, pois dependem dessa realização para garantirem seus ganhos ao final de cada mês¹³².

O pagamento feito aos trabalhadores diversifica-se conforme a atividade que realizam, no entanto, ele é ordenado de forma a existir um equilíbrio em que o trabalhador de uma determinada equipe não ganhe um valor demasiadamente superior à outra. Nesse sentido, a coleta é vista por alguns como a etapa que lhes proporciona melhores rendimentos, mas essa percepção é construída em função de que ela é considerada a atividade mais fácil de ser executada, onde se faz menos esforço físico. A primeira risca é uma das etapas que exige mais do trabalhador por incidir próximo ao chão, exigindo que ele se abaixe, provocando-lhe dores por todo o corpo. No entanto, ela é uma das fases do processo pela qual os trabalhadores recebem um valor menor. Quando a risca é feita numa altura mediana, os ganhos podem ser um dos maiores entre as demais etapas. Portanto, os rendimentos são proporcionais e existe uma média salarial que, ainda que o trabalhador produza bastante, ele não a ultrapassa. Isso contradiz a fala da Sra. Ivaneide e é uma pista para a investigação em torno das maneiras como elementos de acomodação perpassam as atitudes dos trabalhadores.

Conheci a Sra. Ivaneide, trabalhadora com quem mantive mais contato durante a pesquisa, através da Sra. Antonia – esposa do Sr. José Carlos, a quem conheço desde a realização da graduação – quando havia pedido a ela que me indicasse uma trabalhadora baiana com quem eu pudesse gravar entrevista. A Sra. Ivaneide está em Tapuirama há dez anos, onde sempre viveu na chamada “vila dos baianos”. Atualmente ela está

¹³² Segundo alguns trabalhadores, os seus ganhos giram em torno de 450 a 600 reais. Todas as informações referentes ao processo de trabalho foram obtidas com o gerente de campo Sr. Ari Martins e com trabalhadores que trabalham ou já trabalharam na *JPL Resinas*, além da minha observação referente à visita realizada ao local de trabalho. O Sr. Ari Martins é casado, tem dois filhos e reside em Uberlândia-MG. Entrevistado em 09 nov. 2006.

afastada do trabalho por motivo de doença. Quando perguntei a Sra. Ivaneide como ela entende seus viveres em Tapuira, ela narrou:

Aqui menina tudo é legal aqui trabalha, a gente vai trabalha, vortá pra dentro de casa à noite, sossegado, todo mês tem seu salarinho, o serviço quase, como é que se diz pobre não tem serviço bom, mais nós como pobres que não sabe lê nem escrevê, pra nós o serviço é ótimo, né? É bom, que é um serviço certo, ninguém manda em ninguém. Trabalha hora, para hora que quer, é um serviço assim é bom apesar que lá fora tem tantos estudado num tá tendo nenhuma chance desse, não é não?! Que nós é... pelo menos aqui a nossa família é toda analfabeta e nós todo mundo trabalha direitinho recebe, recebe décimo, férias. Aqui só paga o quê? A água e a luz, tem a morada sossegada, os filho que tá aí tá na escola, todo mundo aqui eles paga direitinho, tem uma férias daí eles paga, tem horas paga, até adiantado. Você diz assim: ‘ah, falta dois mês mais eu tenho um problema pra resolver, não eu vou pagar depois você tira trabalhando’, você vai receber, tira quando for o dia certo de você parar. Você para, o dinheiro já recebeu, eu acho muito importante e acho muito bom! Apesar de 39 anos que eu tenho de experiência, eu acho que a firma lá pela aqui e até muitos lugar, até vamos supor Uberlândia, outras coisa a exigência não tem essa exigência grande assim que nem essas outras firma grande tem, né? Então eu acho bom. [pausa]. Não é todo mundo que encara, mais é um serviço também que [...].¹³³

Mesclada ao que me pareceu uma acomodação no que diz respeito às relações de trabalho, a fala da Sra. Ivaneide girou em torno do conhecimento da sua condição de trabalhadora. Os significados atribuídos às relações vividas no Distrito foram traduzidos por um sentimento de segurança, em relação às experiências vividas anteriormente. Ela valoriza as relações estabelecidas aqui em detrimento das relações vividas na Bahia, identificando que pagar o trabalhador “em dia” não era próprio do seu modo de viver lá, apontando elementos de mudanças experimentadas pelos sujeitos. Assim, o lugar para morar, o acesso à escola para matricular os filhos e o recebimento de seus direitos enquanto trabalhadores são aquilo que ela valoriza na sua narrativa.

A Sra. Ivaneide identifica a si e a sua família como pobres que não sabem ler nem escrever. Na consciência acerca do lugar social que ocupa, o trabalho que possui é visto por ela com bons olhos, pois “*tem tantos estudado num tá tendo nenhuma chance desse, não é não?!*”. A visão de mundo expressa por ela a partir de um lugar específico refere-se a uma sociedade permeada de desigualdades sociais e às transformações vividas por “pobres e analfabetos”. Muitos se sentem satisfeitos por receberem aquilo que lhes é de direito, como o décimo terceiro salário e férias, comparando-se a outros, com estudo, que não têm nem mesmo essa chance. Assim, ela articula as suas

¹³³ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

experiências às de outros com quem compartilha um campo de possibilidades comuns, ainda que em determinados momentos estas se distanciem e se diferenciem.

Ao entender que os materiais da história são organizados pelas pessoas no processo de construção de seus enredos, é relevante levar em consideração que os narradores também dão uma interpretação à realidade, situando-se nela¹³⁴. Desse modo, a fala da Sra. Ivaneide, composta por expressões por meio das quais ela identifica e diferencia relações vividas, abre-me caminhos para perceber as dimensões das relações de classe experimentadas por aqueles trabalhadores, ou seja, um campo onde a luta de classes se forja. Nesse sentido, a luta de classe não está revelada de maneira direta ou determinada, mas, pelo contrário, ela vai se constituindo na relação presente/passado, nas experiências de agentes sociais antagônicos, conflitando valores e interesses, ora transformando-os, ora negando-os, conforme as pessoas se identificam numa classe, ou seja, numa dinâmica ativa e construída diariamente.

Apesar de a narradora fazer referência ao dia-a-dia de trabalho caracterizado pela liberdade do trabalhador, este adquire outras dimensões para outros trabalhadores do grupo com o qual ela se relaciona. O cotidiano de trabalho dessas pessoas é perpassado por horários de embarcar no ônibus que os transporta, pelo almoço realizado no local de trabalho e pelo cansaço. A partir do entendimento dessa organização, notei que a narrativa da Sra. Ivaneide é contrária à realidade vivida, o que não significa que as suas afirmativas sejam falsas, ou que o processo de constituição do seu enredo, em que emergem elementos do viver valorizados por ela, devam ser desconsiderados.

Os trabalhadores são transportados de Tapuiriama para a floresta em um ônibus da empresa. Eles saem de casa por volta das seis horas da manhã e aguardam o veículo em pontos determinados dentro do Distrito – sendo que pelo menos dois deles localizam-se próximos às “vilas” onde moram – e começam a trabalhar às sete horas. Pela manhã um fiscal lhes dá a tarefa a ser cumprida e o horário do término da jornada dependerá do desempenho de cada trabalhador. No entanto, se ela for terminada mais cedo o trabalhador deve aguardar o ônibus que deixa a floresta somente às dezesseis horas, chegando a Tapuiriama às dezessete horas.

Ainda que este trabalho tenha a característica de ser realizado individualmente pelos trabalhadores, por eles trabalharem sozinhos em meio à floresta, sobretudo devido aos rendimentos estarem sujeitos à quantidade de produção de cada um, eles constroem

¹³⁴ Ver estas reflexões em KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC, n. 22, p. 79-103, jun. 2001.

maneiras de se aproximar e se relacionar. No local de trabalho, é comum escutar os trabalhadores falando num tom alto para que o companheiro consiga ouvi-los. O ônibus também constitui um espaço de convivência. O Sr. João foi questionado por mim acerca dos momentos em que estão no ônibus:

*É de lá pra cá nós vem brincando de dominó é, só daqui pra lá que é [inaudível] de noite nós vai durmino. [Risos]. [...] Tem um radinho lá que é bom, na hora que nós para, assim umas três horas, três e meia, aí os cara, nós vai fica esperando o ônibus lá, os cara liga o rádio, nós fica lá zoando e ouvindo música [...] Dentro do ônibus não tem como não, por causa da zoadá, é não dá pra ouvir a música, que o radinho é daqueles pequenininho assim.*¹³⁵

Depois de finalizadas as tarefas do dia, o momento de aguardar o horário e retornar às suas casas é mesclado por brincadeiras, músicas e conversas entre os trabalhadores, constituindo-se assim em um espaço de convivência elaborado por eles próprios. O rádio não é utilizado dentro do ônibus devido ao barulho, mas é um elemento que reúne os trabalhadores enquanto aguardam a chegada do veículo. Pela manhã, durante a viagem de ida ao trabalho, o ônibus também é utilizado como um lugar onde é possível dar continuidade ao sono e descansar um pouco antes de começar o serviço.

Sobre o horário de almoço, alguns trabalhadores afirmam:

*La é se o cara num... o cara tem que andar, se o cara num andar num, o cara num ganha nada. O cara chega, no caso tem que chegar, sentou, abriu a malmita, comeu e pronto, cai voltá pro serviço.[...] É isso é dez minuto. O cara não pode perder tempo não, se o cara perder tempo, chega no fim do mês se não tiver a produção o cara...*¹³⁶

Apesar de alguns trabalhadores afirmarem almoçar rapidamente para retornar ao trabalho, devido as metas que precisam cumprir – o que remete aos significados das relações de trabalho experimentadas, aos modos como trabalham e recebem por isso – também o horário de almoço constitui um espaço de convivência dos trabalhadores. Quando tive a oportunidade de visitá-los na Floresta do Lobo, alguns deles, deitados aos pés das árvores, conversavam enquanto descansavam ou escutavam músicas no rádio de pilha que levam para o serviço. O almoço acontece em meio à floresta e não tem um lugar fixo, geralmente os trabalhadores escolhem um lugar limpo. A comida é preparada em casa pela madrugada ou na noite anterior e acomodada em marmitas térmicas.

¹³⁵ Sr. João Batista de Jesus, 23 anos, casado, tem um filho e está em Tapuiriama há sete meses. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

¹³⁶ Sr. João Batista de Jesus. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

Quando chegam ao trabalho eles reservam um lugar próximo e de fácil localização para deixá-las até o horário do almoço, quando geralmente a comida já não está quente.

Como e por que estes trabalhadores escolheram Tapuirama para viver? Como eles experimentam as relações de trabalho e elaboram sentidos para elas? Em meio às formas como a sociedade e o mundo do trabalho estão organizados, como as classes trabalhadoras vivem, compreendem e reagem, ou não, às relações de poder?

Quando conversava com o Sr. João, trabalhador recém chegado a Tapuirama no momento da entrevista, a respeito dos motivos de sua mudança para o município de Uberlândia, ele elencou múltiplos sentidos para sua mudança:

Eu sempre assim, eu sempre tinha vontade de vim pra cá mais só que... eu tinha vontade e ao mesmo tempo eu num tinha, que eu já, eu já tava né, aí eu só queria vim junto de minha esposa, aí sempre os menino [irmãos] telefonava pra lá [para a Bahia] pr'eu ir, mais aí... aí agora eu resolvi vim. Pra trabalhar, lá tava ruim de serviço, eu tava parado tinha uns cinco mês que eu tava, que eu num tinha... tava sem trabalhar, aí eu resolvi vim.¹³⁷

As justificativas de alguns trabalhadores para a sua mudança sugerem escolhas desenhadas de acordo com suas prioridades, revelando como as pessoas não são passivas nos movimentos de mudança. Apesar de afirmarem a escassez de emprego na Bahia, em que as condições vividas possivelmente não eram fáceis, as relações familiares são postas em primeiro plano. No caso do Sr. João, ele só aceitaria a proposta de seu irmão para se mudar para Minas Gerais se pudesse vir juntamente com a esposa e o filho.

No momento em que a entrevista foi gravada, o Sr. João e a sua família estavam vivendo em Tapuirama há sete meses. Na sua fala nota-se que, apesar do convite de seu irmão que já residia em Tapuirama, o apoio de sua esposa parece ter sido fundamental para a tomada de sua decisão. Quando perguntei a Sra. Jaiane o que pensava a respeito da oportunidade de se mudar para o Distrito, ela responde:

Eu que mais incentivava ele pra vim pra cá, e ele sem querer vim, eu disse 'não João vamo', que ele tem parente aqui e eu também tinha, 'tenho parente aqui', eu disse 'vamo, lá a gente vai tá no meio da nossa família é bom'. Aí ele sem querer vim, aí o irmão dele ligava ele só ficava enrolando. Aí ele mudou de idéia.¹³⁸

¹³⁷ Sr. João Batista de Jesus. Entrevista realizada em 16 set. 2006. No processo de extração de resinas o Sr. João faz a estria. Sua esposa Sra. Jaiane dos Santos Oliveira, 21 anos, participou da entrevista. Ela não trabalha nesta atividade. Na ocasião da entrevista ela estava desempregada, mas tinha esperanças de trabalhar no corte de cana, nas proximidades do Distrito.

¹³⁸ Sra. Jaiane dos Santos Oliveira, 21 anos, casada, tem um filho, está em Tapuirama há sete meses. Participou da entrevista realizada com seu esposo João Batista de Jesus realizada em 16 set. 2006.

A fala da Sra. Jaiane expressa as suas expectativas em relação à mudança. Mudar para um lugar onde tem parentes foi traduzido por ela pelo sentimento de segurança e é utilizado como um argumento para convencer o marido dos benefícios dessa mudança. Suas expectativas são compartilhadas por outros trabalhadores que fizeram a opção de buscar seus direitos em outros espaços, os quais, na maioria das vezes, são aqueles onde possuem familiares e enxergam, por este motivo talvez, maiores possibilidades de assegurarem condições mínimas necessárias para o viver. Nesse sentido, os laços de amizade e de solidariedade que constituem os modos de viver destes trabalhadores são importantes elementos na investigação em torno dos processos de escolhas, das mudanças e atitudes das pessoas. No entanto, isso não exclui as necessidades dos trabalhadores em relação a essa mudança, assim como também não elimina as condições difíceis em que vivem.

Quando solicitei ao Sr. João que me falasse sobre o que seus irmãos, que já viviam no Triângulo Mineiro, lhe diziam a respeito do modo de vida em Tapuirama, ele narrou o seguinte:

*Eles contava pra mim que aqui era bom de morar, porque, em termos de serviço que era bom de serviço. Aí que a hora que a gente chegasse quase num ficava parado e eu lá parado eu disse ‘então vou pra lá’. Eles ajuntaram o dinheiro aí e eu vim, aí eu vim e gostei, eu tô gostando, tem sete mês que eu tô aqui, eu não tenho o que reclamar de Tapuirama.*¹³⁹

No interior da organização capitalista, a conduta voltada para a expansão dos negócios e obtenção de lucros tem “desestruturado” as relações de trabalho na medida em que o capital investe em determinadas regiões – principalmente as regiões localizadas ao Sul do país – “mantendo” outras como fornecedoras de força de trabalho disponível para a exploração capitalista¹⁴⁰. O viver desses sujeitos, nos espaços para onde se deslocam, passa a ser permeado de tensões, embates e exploração, sem que, nesse ambiente, leituras de mundo e ensaios de resistências deixem de ser delineados. Nesse sentido, a narrativa do Sr. João dá-nos dimensão dos modos como os trabalhadores reestruturam, à sua maneira, as relações vividas, contando com a família, os amigos e os laços de solidariedade que o ajudaram a se mudar e a permanecer no

¹³⁹ Sr. João Batista de Jesus. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

¹⁴⁰ PÓVOA NETO, Helion. A produção de um estigma: nordeste e nordestinos no Brasil. **Travessia - Revista do Migrante**. São Paulo, CEM (Centro de Estudos Migratórios), ano VII, n. 19, p. 20-22, mai./ago. 1994.

lugar. Isso significa que as pessoas se movimentam em sociedade, dando uma lógica distinta a ela, no interior dos processos de dominação que vão se forjando na disputa.

Além do convite feito por familiares que já viviam em Tapuirama, também a presença de agenciadores intermediou a vinda desses sujeitos, apontando como o desejo desses migrantes em contornar as desigualdades sociais experimentadas encontra-se com interesses de outros agentes sociais e organizações. Quando questionei o Sr. Hélio quanto às expectativas que ele possuía em relação à vinda para Tapuirama e sobre o trabalho que realizaria, ele narrou situações vividas por trabalhadores:

*Aí chamaram, foi um cara lá passear e chamou os cara pra vim que tava precisando lá pra serraria. Aí o irmão dela disse ‘eu vou’, aí ele veio por aqui ficou nessa serraria, dessa serraria foi e entrou nessa resina. Aí depois que entrou nessa resina, depois precisou de gente, ele foi e mandou pra mim vim.*¹⁴¹

Ainda nos anos 1990, a presença dos agenciadores de mão-de-obra permeia as relações de trabalho. Neste caso, a mesma pessoa que foi “*lá passear e chamou os cara pra vim que tava precisando lá pra serraria*” trouxe também os trabalhadores para esse outro ramo de serviço, a silvicultura, arregimentando a força de trabalho. O agenciador em questão é o Sr. Clacídio que já trabalhou na atividade de extração de resinas e hoje possui um açougue em Tapuirama. Por conhecer muitas pessoas em Jacobina, sua terra natal, o Sr. Clacídio foi, para a empresa, aquele a quem se recorria quando precisavam de força de trabalho. Ele conhecia um gerente da *PinusPlan*, empresa proprietária da floresta arrendada, desde quando vivia em São Paulo, na década de 1980, e primeiramente ajudou a trazer pessoas para o trabalho nas serrarias e depois para a extração de resinas. Na primeira metade dos anos 1990, ele ia pessoalmente até a Bahia e buscava os trabalhadores em um caminhão que, segundo ele, o empregador dizia ter autorização para trafegar. Com o passar dos anos, principalmente entre 1995 e 1997, a empresa passou a mandar dinheiro – que, conforme informações obtidas, seria descontado depois em seus salários – para que as pessoas viessem de ônibus em linhas comerciais, talvez porque eles começaram a vir em maior número, o que dificultaria aquele tipo de transporte utilizado. Por outro lado, neste mesmo período, houve mudanças no código nacional de trânsito o que também pode ter alterado essas relações.

Além da presença dos agenciadores, também os jornais são relevantes na análise do processo da vinda desses sujeitos. Levando em consideração as narrativas dos trabalhadores e as elaborações da imprensa local, percebe-se a maneira como se deu o

¹⁴¹ Sr. Hélio dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov. 2006.

deslocamento dos trabalhadores vindos da Bahia para a região de Uberlândia e evidenciam-se contradições vividas.

Ao se mudarem, as pessoas geralmente se direcionam para regiões que transmitem imagens de prosperidade e riqueza. Estas imagens algumas vezes são incorporadas por pessoas comuns, despertando o desejo de se aventurarem em busca de oportunidades. Quando a fábrica *Resinas Tropicais Indústria e Comércio LTDA* se instalou no município de Uberlândia em 1999, a notícia foi destaque no jornal **Correio**. Este se preocupou em enfatizar que a implantação da fábrica se deu devido à existência de grande quantidade de florestas de Pinus na região e pela geração de “50 empregos diretos e 600 indiretos, a maioria operários que trabalharão nas florestas de Pinus – matéria-prima essencial para a indústria – de onde se extrai a resina”¹⁴².

Ainda que a imagem de Uberlândia enquanto uma região desenvolvida – que atrai indústrias e gera empregos – possa talvez não chegar a Jacobina-BA por meio do jornal, considero que na cidade e no Distrito, as noções divulgadas por ele são percebidas pelos moradores. Ao narrar como surgiu a oportunidade de se mudar para Uberlândia, a Sra. Ana Paula frisou que ouvia “as pessoas falando: ‘ah, a gente vamos para Uberlândia. Pro Uberlândia, tem um trabalho lá, é bom’. Ah! fez aquela coisa, né, ‘bom demais ganha bem, eu vou. Vamos Anaílton? Eu digo vamos’”¹⁴³. A idéia de que em Uberlândia teriam empregos e ganhariam dinheiro é, algumas vezes, articulada e difundida entre os próprios trabalhadores que convidam familiares a se mudar, considerando que aqui teriam melhores oportunidades de vida.

Desde 1993, quando a *JPL Resinas* iniciou as atividades no município e começou a trazer trabalhadores do estado da Bahia, estes sujeitos passaram a viver e compartilhar memórias que estão em disputa na cidade. As memórias que vão sendo elaboradas pela imprensa são projetadas para fora, ao mesmo tempo em que são vividas por pessoas comuns que, partilhando algumas vezes delas, repassam estas noções para outras pessoas que eventualmente se interessam em mudar para essa cidade.

Tomando a imprensa como um espaço no qual se percebe as relações sociais, analiso os jornais entendendo-os no fazer-se da sociedade. Os editores dos jornais, enquanto agentes sociais, disputam e expressam interesses que possuem na cidade e, nessa direção, as notícias que trazem dialogam com uma condição real vivida pelas

¹⁴² GRUPO português terá fábrica em Tapuira. **Correio**, Uberlândia, 14 jul. 1999. Rural, p. A7.

¹⁴³ Entrevista concedida pela Sra. Ana Paula dos Santos da Silva, 29 anos, casada, tem uma filha e está há dez anos em Tapuira. Entrevista realizada em 20 ago. 2006.

peessoas. Qual a dimensão da instalação de uma fábrica no Distrito de Tapuirama para as pessoas que lá vivem? Qual o significado de dizer para as pessoas que a Prefeitura Municipal trouxe uma empresa portuguesa? Não seria oportunidade aquilo que os trabalhadores almejam?

A respeito dos trabalhadores da fábrica que se instalaria, a imprensa os apresenta por números porque o seu foco é a presença de uma multinacional no município. Isso é lido enquanto uma tentativa de silenciar sujeitos, práticas sociais e interesses que não condizem com os sentidos que a imprensa e o poder público municipal imprimem à cidade, implicando em tensão pelo direito de pertencer a ela.

Nesse sentido, o jornal **Correio** divulgou em 1997 uma matéria sobre como a escolha de viver em Uberlândia – por parte de uma família de gaúchos que está aqui há quatro anos – “*se deu em função da melhor oportunidade de trabalho, melhor qualidade de vida e tranqüilidade*”¹⁴⁴. O casal ao qual o jornal se refere é de classe média: eles trabalham com relações públicas ou exercem a profissão de engenheiro agrônomo. Nas entrelinhas, percebe-se a maneira como a imprensa atribui significados para as relações sociais por meio da exaltação de algumas práticas e da negligência de outras, dando movimento a interesses que disputam na cidade.

Nove anos depois, em 2006, o jornal reafirma a idéia de que as pessoas que vêm de fora se apaixonam pela cidade porque ela lhes oferece o que eles precisavam: oportunidade¹⁴⁵. É essa a imagem da cidade de Uberlândia que a imprensa elabora, vende para fora e que atrai os “migrantes”. A “*cidade industrial e comercial em grande expansão*”, como é sugerido pelo jornal, deve ser destinada a pessoas que “têm capacidade” de construir o seu progresso e pertencer a ela. Por esse caminho, o jornal sugere o perfil do “migrante” aceito, identificando-o na figura de um sujeito que escolhe Uberlândia pelas oportunidades oferecidas, luta e vence individualmente as dificuldades, conseguindo hoje ter uma boa posição social, como foi o caso do controlador de voo entrevistado pelo repórter.

¹⁴⁴ QUALIDADE de vida atraiu gaúchos: casal de Porto Alegre diz que vive em ‘minicapital’. **Correio**, Uberlândia, 31 ago. 1997. Especial, p. 22.

¹⁴⁵ A matéria trata de “migrantes” que vêm do Nordeste do país atraídos pelas “*oportunidades que a cidade oferece*” e que conseguiram vencer todas as dificuldades encontradas nessa região, constituindo, portanto, o perfil de pessoas que dão orgulho a cidade. O jornal transmite a idéia de que aquelas pessoas que são esforçadas e persistentes conseguem alcançar seus objetivos nessa cidade, pois ela oferece oportunidades iguais a todos sendo, portanto, culpa do indivíduo se o sucesso não vier a ser alcançado. Nesse sentido, não são as relações sociais que justificam as más condições vividas por grande parte da população. Ver: UM PEDACINHO do Nordeste está aqui: migrantes imprimem seu sotaque e sua cultura em Uberlândia. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 28 mai. 2006. Revista, p. C2.

Ao longo dos anos 1990 o jornal **Correio** veiculou várias reportagens sobre a vinda de pessoas para Uberlândia. Quando se trata de pessoas pobres, a imprensa os taxa de “*deficientes mentais, idosos e alcoólatras*”¹⁴⁶, além de mendigos e vagabundos. Para estes sujeitos sociais, aquelas oportunidades oferecidas pela “capital do Triângulo Mineiro” são negadas. Sobre estes trabalhadores, o jornal coloca que “*a maioria retorna à cidade de origem porque poucos são aqueles que conseguem emprego*” e “*uma das conseqüências do aumento da migração é o agravamento do quadro social*”¹⁴⁷. O jornal indica que aqueles que vêm de fora fazem agravar os problemas sociais e os aponta como os culpados pelos problemas da cidade propondo, portanto, que serão bem vindos somente aqueles que “têm capacidade”, porque os que não têm estão retornando para seus lugares de origem. Exceção feita aos trabalhadores que vêm suprir a necessidade de mão-de-obra das empresas que empregam trabalhadores não qualificados nas suas atividades.

O viver de trabalhadores perpassado pelo sentido dessa imagem pública que agentes, como os jornais, ajudam a construir sobre eles, vai se conformando em busca de estratégias para a superação das desigualdades e contradições sociais, da dificuldade de acesso às condições mínimas de sobrevivência e pela sua luta que órgãos do poder desejam apagar.

Se, por um lado, na voz da imprensa, esses “migrantes” são considerados os culpados pelos problemas urbanos, por outro eles têm constituído a força de trabalho indispensável à acumulação de capital e têm se insurgido ou se calado nas condições de vida que se configuram para além daquilo que esperavam encontrar.

Ao entrevistar pela segunda vez a Sra. Ivaneide, questionei sobre os modos como se relaciona com as pessoas em Tapuirama. Ela utilizou de uma experiência constrangedora, em que afirma que uma mulher ofendia os trabalhadores vindos da Bahia enquanto uma outra a rebatia, como um modo de identificar-se como trabalhadora e provendo-se de uma oportunidade para falar de si mesma. Eles estariam no ponto aguardando o ônibus, quando alguém se queixou dos baianos e foi retrucada por um dos presentes:

Olha, num é porque essa mulher que é baiana que tá aqui que eu tô defendendo não, mais os baiano sai de lá, claro que tem baiano que briga, tem baiano que

¹⁴⁶ AUMENTA número de migrantes: mais de mil pessoas chegaram este mês vindas de São Paulo. **Correio** 30 abr. 1996. Cidades, p. 9.

¹⁴⁷ MIGRAÇÃO é monitorada pela PMU: maioria dos migrantes é itinerante e boa parte não tem renda. **Correio**, Uberlândia, 04 fev. 1997. Cidades, p. 9.

*rouba, tem baiano que bebe, tem todos do mesmo jeito, mais num é os baiano não! Os baiano num tá saindo da resina pra ir roubar nas fazenda não, num teve esses roubo tudinho dentro de Tapuirama, num foi preso um bocado, quantos baiano tinha no meio preso? Num tinha nenhum! Tava tudo na resina trabalhando! Igual esses roubo, você tá pensando que tá havendo o quê? Que os baianos que tá roubando? [...] Até quando os baiano tá na resina trabalhando, tá levando a fama de ladrão!*¹⁴⁸

No espaço social onde se relacionam, os trabalhadores convivem com imagens negativas sobre eles, construídas a partir da idéia de senso comum de que “baianos são preguiçosos” e daquelas elaboradas pela imprensa, a partir de uma visão de classe, que veicula uma não aceitação daqueles que vêm de fora, pois eles retirariam as oportunidades dos “naturais da cidade”. Nesse sentido, as pessoas constroem estratégias de afirmação de seus lugares sociais e de seus valores, buscando desconstruir os modos como são vistos por outros no espaço público no qual se relacionam. A Sra. Ivaneide, no diálogo que estabelece comigo, traz essa vivência e identifica-se enquanto trabalhadora com as experiências dela e dos demais companheiros.

Os modos como vivem, a simplicidade da moradia, da alimentação, de suas vestimentas e as atitudes de alguns que, como sugeriu a Sra. Ivaneide, bebem ou se envolvem em brigas, são elementos que corroboram as maneiras como são vistos pela sociedade. Alguns moradores de Tapuirama, em conversas informais, afirmam que depois da chegada dos “baianos”, como denominam aqueles trabalhadores, eles deixaram de freqüentar os bares do Distrito com amigos ou com a família porque estes os transformaram em lugares de confusão e de brigas. Mas relações de confiança também são vividas por eles:

*Que eu acho a pior coisa do mundo, num é a pessoa ser pobre não, a pior coisa do mundo que eu acho é a pessoa sair dessa rua aqui, que eu sou assim se eu, tenho certeza que se eu precisar agora de cem real, eu tenho certeza se eu agora digo como eu tô aqui eu tenho dez ano, se eu precisar agora de cem real, eu tenho certeza agora, agora eu arrumo!*¹⁴⁹

O Sr. Hélio aponta relações que para ele são importantes, como o estabelecimento de confiança entre as pessoas no espaço social em que convive, explicitando que são os valores e as atitudes que instituem sentidos para o lugar onde vive. Assim, ao conversar com a Sra. Guiomar, trabalhadora aposentada e ex-proprietária de uma mercearia em Tapuirama, ela sugeriu relações que perpassam os viveres destes trabalhadores:

¹⁴⁸ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevistada em 26 nov. 2006.

¹⁴⁹ Sr. Hélio dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov. 2006.

*Olha, eu tenho os baianos como umas pessoas da minha família. Olha, eles me tratam muito bem, eles são completamente educados com a gente, são pessoas muito legal. Os outros falavam assim pra gente que Tapuira ia piorar por causa que o ritmo de vida deles são outro. Eles tem um ritmo de vida igual do da gente, são humildes, mais muito legal. [...] São pessoas honestas, são pessoas boas.*¹⁵⁰

Apesar de alguns trabalhadores terem feito referência à desconfiança com que eram observados por alguns comerciantes ao entrarem nos mercados, sobretudo quando se mudaram para o Distrito, eles construíram uma relação de confiança e de credibilidade junto aos moradores do lugar e aos donos das mercearias. Os adjetivos utilizados pela Sra. Guiomar, como por exemplo, educados e honestos, trazem outros aspectos dos modos como são vistos e outros elementos que caracterizam seu viver neste espaço social. As compras do mês realizadas pelos responsáveis pela família são muitas vezes feitas a prazo, prática comum entre os moradores de Tapuira. Isso traz outra dimensão das relações instituídas pelos trabalhadores, sugerindo que elas não são determinadas *a priori*, mas que são refeitas a partir da consciência e dos valores das pessoas.

Nesse sentido, em vários momentos das entrevistas, os trabalhadores se mostraram dispostos a justificarem suas presenças no lugar. Nas duas vezes em que tive a oportunidade de entrevistar a Sra. Ivaneide, o Sr. Hélio, seu esposo, esteve presente e participou da conversa. Em certa ocasião questionei a Sra. Ivaneide sobre como surgiu a oportunidade de se mudar para Tapuira, mas foi o seu esposo quem respondeu:

Hélio: eu pensava assim, que eu digo eu vou porque assim, eu vou porque aqui só tem esse sisal, não é fichado, ele não é fichado, então lá é fichado, eu vou tentar, se der, bem, se num der, volto, porque eu vim só, ela [a esposa] ficou lá. Chegou aqui [inaudível] chegou aqui foi fichado no primeiro mês. Eu não achei muito bom, quando foi de um mês em diante eu gostei, aí eu mandei buscar ela. Ivaneide: porque quando veio, veio vinte o... o ônibus foi buscar lá, veio vinte e cinco homem, é a empresa que mandou o ônibus pra ir buscar. [...]
Ivaneide: o povo tudo correu,
*Hélio: que os cara desanimou, os [inaudível] foi quase tudo embora, foi aí ficou, só ficou eu o Didi aí, o seu Lilita, aqui só tem uns cinco.*¹⁵¹

A Sra. Ivaneide e o Sr. Hélio buscaram estratégias para justificar a sua presença em Tapuira. Na construção dessa memória, a vinda para Minas Gerais é atribuída ao

¹⁵⁰ Sra. Guiomar Fernandes Rezende, ex-comerciante em Tapuira, é natural do Distrito, tem 61 anos, é casada e tem três filhos. Entrevista realizada em 03 jun. 2006.

¹⁵¹ Entrevista concedida pelo Sr. Hélio dos Santos, 40 anos, casado, três filhos. Ele participou das duas entrevistas realizadas com sua esposa Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov. 2006.

fato de que foi “*a empresa que mandou o ônibus pra ir buscar*”. Em outro momento da entrevista – se identificando como de fora – ela chega a afirmar que eles não estão tirando a oportunidade de ninguém, buscando dessa forma, legitimar a sua mudança. Mas, ao afirmar que veio porque “*tinha muito serviço, aí num tinha gente pra trabalhar*” de certa forma ela assimila a explicação dos donos da empresa para a contratação de mão-de-obra vinda de outras regiões.

Também no caso do Sr. Hélio, a imagem positiva, reforçada por um parente que veio antes, o incentivou a ver a mudança para o município de Uberlândia como algo que proporcionaria melhoras na sua vida e nas de seus familiares.

Ao elaborar memórias sobre sua mudança para Tapuirama, o Sr. Hélio destacou o seu empenho em arriscar a vinda, procurando mostrar que apesar das dificuldades encontradas no primeiro mês, devido ao serviço ser visto como “*ruim de desenvolver*”, no qual “*os cara desanimou*”, ele optou por permanecer. Ele busca construir uma imagem de si enquanto um indivíduo vencedor e permite ler que não buscar outras oportunidades significaria estar sujeito a condições ainda mais difíceis, o que faz perceber como os sujeitos não são passivos frente às transformações vividas. A opção por ficar, ao contrário de ir embora como outros fizeram, constitui estratégia de luta e expressa as expectativas de uma vida mais digna que estas pessoas levam consigo quando se mudam. Emerge nas vivências, e na fala do Sr. Hélio, a condição de classe e a desigualdade social. Será necessário e justo as pessoas se mudarem para terem acesso a direitos? O Sr. Hélio se sentiu instigado a se mudar para outra região movido por esperanças de que a sua vida pudesse ser diferente. Ele traduz suas expectativas na esperança de ser “fichado”.

Em Uberlândia, a realidade encontrada por estes trabalhadores é mesclada por outros elementos que não somente os esperados por eles, como a expectativa de ser “fichado” que move alguns a se mudarem. Por que “*o povo tudo correu*”? Por que hoje “*aqui só tem uns cinco*” daqueles que vieram juntamente com ele? Por que outros tantos permaneceram?

Quando questionei a Sra. Ivaneide sobre os motivos por que não é todo mundo que “encara” o serviço, ela afirmou que os moradores nascidos em Tapuirama entendem que ele é pesado: “*Mais eu acho que é pesado pra quem não tem costume do pesado, mais pra quem nasce no, como é que diz, quem nasce no pesado morre no pesado num*

acha, nunca acha que tá no pesado”¹⁵². Sua narrativa me leva a entender como as classes trabalhadoras não são homogêneas ou uniformes. Pelo contrário, trata-se de relações de poder, relações contraditórias, nas quais as pessoas ora resistem, ora se acomodam. Hoggart coloca que *“por vezes a vida é aceita como algo de muito duro, cujas condições não podem ser melhoradas; é necessário agüentar e fazer por não piorar o que já é mau”*¹⁵³. Nesse sentido, não podemos esperar dos membros da classe trabalhadora somente o sentimento de resistência, pois trazem consigo também um sentimento de conformismo. Em alguns momentos, eles se conformam com a “dureza” da realidade em que vivem e a luta empreendida cotidianamente muitas vezes se dá mais pelo receio de que a situação vivida se agrave do que pelo desejo de ascensão social. Os elementos da situação vivida, desigualdades sociais, privações nas relações de trabalho, moradias precárias, condições financeiras instáveis e dificuldades para adquirir remédios, alimentação e bens materiais, algumas vezes se apresentam a eles como elementos naturais e geralmente são reduzidos a uma aceitação fatalista.

Ao considerar as formas e os significados da narrativa de trabalhadores como a Sra. Ivaneide, percebi estratégias criadas por eles com o intuito de evitar problemas com o empregador e, ao mesmo tempo, maneiras de deixar claro para mim que não têm problemas com a “firma”, evidenciando sentidos que vão sendo elaborados no processo de produção da entrevista, visto que eles sabem que estão falando para uma pesquisadora. Mas, talvez eles não tenham se sentido seguros com relação aos desdobramentos da pesquisa, apesar de eu ter me apresentado e falado as intenções dessa investigação.

Esses questionamentos me aproximam das reflexões de Portelli e me levam a compreender que enquanto nós pesquisadores estudamos nossos entrevistados e suas repostas, eles permanecem nos estudando e às nossas perguntas¹⁵⁴. O narrador permaneceu medindo as palavras a me dizer, bem como também o fez a sua esposa:

É uma coisa que a gente tem que sentar o joelho no chão e agradecer a Deus todo dia, porque quem dizer assim, ‘tá nessa resina, tá aqui dentro de Tapuirama, que tá trabaiano, tá de barriga cheia’, [se] não [é] porque não

¹⁵² Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

¹⁵³ HOGGART, Richard. “Nós” e “Eles”. In: _____. **As utilizações da cultura**. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973. p. 111.

¹⁵⁴ PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral; a pesquisa como um experimento em igualdade. **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC, Programa de Estudos Pós-Graduados em História, n. 14, 1997, p. 8.

*quer, [pois] dentro de Tapuira tá passano fome é porque quer, porque não tem só a resina, tem vários pra todo mundo trabaiá...*¹⁵⁵

As narrativas permitem avaliar as maneiras como os sujeitos entendem as suas trajetórias e também os modos como se comportam nas entrevistas. As suas formas e significados permitem explicações históricas para as trajetórias vividas por trabalhadores e para a compreensão das relações sociais de disputas manifestadas, inclusive, enquanto falam. O trabalho “fichado” é expresso por eles por meio de um sentimento mesclado de conformismo, satisfação e gratidão, sugerindo que a empresa oferece oportunidades e que no Distrito só não trabalha quem não quer, consolidando também aquelas imagens veiculadas pela imprensa. Na construção que a Sra. Ivaneide expressa na relação estabelecida comigo e com o lugar social em que ela se identifica, Tapuira é o lugar onde “*todo mundo trabaia*”. Ao ponderar sobre a realidade vivida, eles buscam não se indispor com os patrões e, nesse sentido, ao falarem das relações de trabalho como um todo e, inclusive do momento da mudança, eles procuram passar uma imagem de que as relações vivenciadas são harmônicas.

Estes sentidos, produzidos no diálogo comigo enquanto pesquisadora, indicam nuances das tensões vividas, já que estes sujeitos falam na condição de trabalhadores efetivos e precisam garantir os seus salários mensais para sobreviver.

A relação entre trabalhadores e patrões também se apresenta aos primeiros como algo positivo, porque eles se referem aos segundos exaltando sua humanidade e respeito para com todos os funcionários, independentemente da posição ocupada.

Entendo que minha presença enquanto pesquisadora possa ter influenciado a narradora na construção da imagem de um trabalho que ela considera positivo. Nesse sentido, em determinado momento da entrevista o Sr. Hélio dizia que, apesar de passar por situações difíceis, ele nunca pensou em processar alguém porque “*Deus é quem sabe [...] mesmo na situação difícil que eu passo eu não tenho vontade de pegar na lei*”¹⁵⁶. Isso significa que ele tem consciência de seus direitos, mas por que não buscar garanti-los pela lei? No “teatro” encenado por “dominantes e dominados”, os últimos, em algumas situações, abrem mão de seus direitos e valores para assegurar minimamente condições de sobrevivência, sendo este um aspecto relevante das transformações vivenciadas pelos trabalhadores. Isso indica que em alguns momentos a

¹⁵⁵ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

¹⁵⁶ Sr. Hélio dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov. 2006.

acomodação passa a ser uma estratégia para não terem suas vidas ainda mais comprometidas.

Pedi-lhe que me explicasse melhor a situação difícil à qual se referiu:

Sr. Hélio: [...] Agora eu tenho que comprar remédio direto, a gente faz os exame direto num é fácil! Pra passar tem que ter muito cuidado se não tiver cuidado não dá pra vencer não. Porque a gente passa direito, a pessoa pra ser sério é difícil, é poucos! Porque é assim, tem gente [inaudível] que a vez, eu ganho 500 reais, quer dizer que com esse gasto todinho que nós tem aqui. Se fosse outra pessoa em Tapuirama, ele num comprava, que eu conheço gente aqui, eu num tô falando mau, tem gente que não compra um quilo de açúcar, por que ninguém confia nele, porque, porque mesmo ganhando pouco ele não tem controle, tem que ter controle pra fazer as coisa, se não aqui dentro não faz não! [...]

Tem que ter o controle porque, cê num tem o controle, vamo dizer assim a vez tem casa que, não porque aqui, aqui nós somo cinco, se tiver o feijão e o arroz com ovo nós come, se hoje, que nem agora esse mês mesmo ter, teve um pouco complicado, mais a gente compra um ovo, o que der pra comprar! Pra que? Pra tu vê que tem que dar conta de fazer as coisa certa, se num der conta, se num souber [inaudível].

Sra. Ivaneide: fecha as porta.

Juliana: fica devendo, né.

Sr. Hélio: [...] Então o que vale eu acho é a pessoa, tem que ter muito cuidado se num tiver cuidado pra viver no mundo cê tem que ir mudando de lugar pra lugar porque se não, não dá pra ficar. Que aqui cê fica um cara conhecido aqui, eu não tenho crédito para um quilo de açúcar eu tenho que me mudar daqui! Uai eu tenho que mudar, porque eu sou pobre, pobre num tem dinheiro e ele num tem confiança num quilo de açúcar, ele tem que ir pra outro lugar [inaudível].

Ivaneide: vai esmolar na igreja.

Sr. Hélio: porque senão ele não veve não. É verdade! É verdade, eu tenho quarenta ano mais, mesmo de eu novo, eu, eu toda vida eu trabalhei, mais se a gente não tiver controle, a gente não se controla é no Brasil todo, todo lugar que vai não dá certo.¹⁵⁷

Levando-se em consideração que, ao narrar, as pessoas elaboram consciência sobre a realidade em que vivem, tomo os enredos do Sr. Hélio e da Sra. Ivaneide como um caminho para pensar as relações de classe. Se por um lado a Sra. Ivaneide valorizou os aspectos positivos da mudança, tais como, o salário, a moradia gratuita e o acesso dos filhos à escola, a fala de seu esposo foi articulada em sentido contrário. Ou seja, isso aponta como essas relações não se dão em sentido único, mas na contradição.

Para agir da forma como, segundo os seus valores e a sua cultura, seria o correto, o Sr. Hélio enxerga dificuldades, revelando um campo de disputas, onde a maneira como a sociedade está organizada não permite que as pessoas vivam “sem controle”. Ou seja, passando a dever nos mercados, agindo de maneira contrária a que outros grupos

¹⁵⁷ Sr. Hélio dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov. 2006.

buscam, pautando-se pela obtenção de lucros. O narrador traz atitudes presentes nos seus modos de viver, suas reações frente aos salários que ganham e as desigualdades sociais, tais como acesso aos tratamentos de saúde e as compras do mês nos mercados locais, referindo que comprar o que o dinheiro pode pagar, significa comprar o básico. Na interpretação oferecida pelo Sr. Hélio, com base nas experiências vividas por quem “trabalhou a vida inteira”, ou seja, identificando-se enquanto trabalhador, as opções para aqueles que não honram seus compromissos será um viver precário, justificado pelos grupos dominantes como culpa do indivíduo.

Nas duas vezes em que visitei a residência do casal com a finalidade de gravar entrevista eu estava em busca de um diálogo com a Sra. Ivaneide, procurando diversificar o perfil dos meus entrevistados e incluir na pesquisa as memórias e histórias vividas por mulheres “migrantes” e trabalhadoras da atividade de extração de resinas. Eu desejava uma narrativa que delineasse possibilidades e limites presentes no viver destes trabalhadores em Tapuiriama. No entanto, apesar de as entrevistas terem sempre sido marcadas com a Sra. Ivaneide, o Sr. Hélio se sentiu a vontade para falar sobre questões que o tocavam de alguma forma, talvez porque o homem ainda seja considerado o provedor do lar na nossa sociedade, tomando a palavra para si em vários momentos.

Na ocasião dessa gravação, quando eu e a Sra. Ivaneide conversávamos, o Sr. Hélio havia acabado de chegar do mercado, trazendo alguns alimentos que seriam preparados para o almoço da família e isso é relevante na compreensão do seu enredo. Ao narrar a partir das suas experiências e de sua família, ciente dos seus lugares e das relações que permeiam seus viveres, o diálogo com o Sr. Hélio sugeriu como as coisas boas, vindas com o ato de migrar, não resolvem os problemas. O conjunto da fala do casal permite pensar a não homogeneidade das relações de classe.

A conversa que começou, quando instiguei a Sra. Ivaneide a me dizer os motivos pelos quais considera que sua vida em Tapuiriama é boa, suscitou construções de memórias acerca das relações de trabalho, quando ela prosseguiu narrando o seguinte:

É eles que diz que é pesado, mais pra nós não é pesado não menina. Eu não tenho o que falar. Assim, tem gente que diz assim [inaudível]. Eu falo a verdade, todo dia eu agradeço a Deus, [o marido diz que não acha pesado, é cansativo] primeiramente nosso... primeiramente Deus né, que é nosso pai e depois nós ter, tá aqui arrumano esse serviço que ele não serve nem só pra nós que eu vou dizer. Nós nesse serviço aqui, nós ajuda, nós aqui mesmo dentro de casa, nós já ajudou muito parente nosso na Bahia e ajuda! A quem tá precisando de um remédio... lá, muitas vez a gente, não vou dizer que ‘ah! lá

*eu tava passano fome, lá eu não tinha cumê'. Não, mais muitas vez tinha pai, tinha mãe, 'áh, eu tô precisano de um remédio de 50 real', não tinha chance de dá! E aqui se chegar ele e dizer assim 'não, ó minha filha ali o remédio é 18 reais', nós tem, não? 'Ali eu uma [inaudível: me pareceu ser 'tem conta'] eu vou pegar' não? 'Nóis tá em quatro, aqui vamo fazer a bolsa, um dá 50, outro dá 50 e nós manda'. E lá, nós não tinha essa chance! Uma chance de umas coisa que a gente não tinha, as vez, muitas vez a gente não tinha, ah, não tinha um rádio bom, não tinha televisão, não tinha geladeira boa, não tinha o próprio colchão bom pra dormir, que tem gente que fala. Mais o certo é certo né, que tem que "gavar" aquilo que é e pra nós aqui eu [inaudível] pelo menos nós, dentro de casa, graças a Deus! Eu lovo [louvo] a Deus e agradeço...*¹⁵⁸

A Sr.Ivaneide identifica e diferencia relações no Distrito daquelas do passado, experimentadas na sua região de origem, possibilitando uma compreensão dos sentidos atribuídos pelos trabalhadores para o processo histórico vivido. Ela projeta as relações do presente vividas em Tapuirama como a oportunidade de ter o direito a um trabalho que lhe proporcione condições de acesso a bens que na Bahia eles não possuíam, como um sinal de sua luta por pertencimento, corroborando, por outro lado, a idéia de que através do trabalho é possível melhorar de vida. Ao narrar o que pode e o que não pode comprar, ela expressa seus valores, o que é importante para ela e sua família em termos de bens materiais e são muitas vezes aquilo que eles não tinham acesso. Ao dizer que pode ajudar a família mandando remédio, ela expressa suas expectativas de futuro, pois, se precisar, ela tem segurança de que poderá ajudá-los.

Quando perguntei a Sra. Ivaneide o que ela achou diferente quando chegou a Tapuirama, ela respondeu:

Não, lá eu trabalhava, eu fazia minha compra era na feira. Eu chegava aqui 'quanto esse quilo de açúcar? É tanto, ah não, fulano ali me fez mais barato', ele quer é vender mesmo, eu tenho desconto. E aqui você chega no mercado é isso e é isso mesmo, não tem choração. Você vai comprar um quilo de carne: 'ah quanto é esse quilo de carne? É cinco real. Ah, não! Fulano ali me ofereceu de quatro, ah que ele também quer vender não... não vende! Então faça por quatro'. E aqui não tem jeito, não tem quebra galho. [...] É pra negócio de compra lá é mais melhor, aqui assim, eu achava mais surtido e aqui se você compra muito não é que fica caro, você pode comer, agora pagar o dono não paga não! Quando chegá no final do mês, o salário não dá pra pagar, se você entrar na verdura e dizer assim 'eu vou comprar de tudo que meus menino precisa, de fruta, de verdura' não adianta que não compra! Nós economiza mais... tudo! Todo mês nós paga cem real no sacolão e a gente olha na geladeira não tem nada de novidade, só aquele de precisão mesmo que precisa porque é caro, não tem jeito. E lá não, lá eu catava, catava um maiorzão que havia cheio de tudo, comprava tudo, perdia, era duma semana pra outra 'ah que final de semana, ah esse já tá velho [inaudível]. Outro novo, aquele ali joga fora oh vamo botar lá pros porco do vizinho'. Assim, pra negócio assim de

¹⁵⁸ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

*alimento essas coisa é mais barato, agora pra qui pra dizer assim ah eu vô ter o dinheiro, eu vou comprar isso e eu vou fazer aquilo, não!*¹⁵⁹

Se por um lado a Sra. Ivaneide elogiou os aspectos das organizações capitalistas vividas atualmente, traduzindo-as em pagamento em dia, direito a férias e décimo terceiro salário, por outro ela critica as organizações do mercado. Ela percebe as transformações no seu modo de viver por meio de modificações em experiências cotidianas, como por exemplo, o momento de fazer a feira. Em Tapuirama, as relações são outras, aqui ela não vê oportunidade de pechinchar como fazia na Bahia. Comprar tudo o que a família precisa, em termos de frutas e verduras, implicará, talvez, em não ter condições de pagar o dono do mercado ao final do mês. Na memória que ela vai construindo, as relações de trabalho vividas aparentam ser menos impessoais, como se uma rede de solidariedade vivida antes estivesse sendo alterada pela presença de um mercado diferente. Isso é percebido por eles ao notarem que gastam muito, mas têm pouco em casa.

Ao narrar, criando significados para a vida presente no Distrito, a fala dos entrevistados é mediada por perspectivas passadas e futuras em que deixam ver a dinâmica dessas relações. Ao ser questionada se teria encontrado o que veio buscar em Tapuirama, a Sra. Ivaneide se remeteu ao passado vivido na Bahia, elaborando significados para os seus modos de viver:

*Não! Eu já era acostumada mesmo ser andarino, viver pela roça, por todo canto eu nunca [inaudível] eu pra mim ele ‘óh, é roça!’ [dizendo como o esposo, Sr. Hélio a advertia] eu pra mim que era roça, ‘não nós vai chegar lá, vai armar essa lona que nem nós arma aqui, nós vai trabalhar do mesmo jeito’. O meu importante era trabalhar, eu num tinha exigência ‘ah! É na casa boa, ah essa casa é ruim, é apertada’, não! Eu num tinha... nunca teve isso, não porque lá era acostumado e eu tava com menino de três mês no braço, ou de dois e eu chegava lá e arrumava a minha lona do mesmo jeito.*¹⁶⁰

A memória que a Sra. Ivaneide cria sobre o seu modo de viver antes de vir para o município de Uberlândia é traduzida no ser “*andarino*”. As significações conotadas por ela para o ser “*andarino*” têm como referência implícita aquilo que ela vivencia no presente em Tapuirama, a casa onde mora com a família, os bens materiais que pôde adquirir, a educação dos filhos e o emprego fixo, experiências utilizadas por ela como justificativa para sua permanência nesse lugar.

¹⁵⁹ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

¹⁶⁰ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov. 2006.

Essas elaborações permitem compreender as maneiras como eles dimensionam suas vivências e reconstroem temporalidades. O tempo vivido na Bahia, ou seja, o tempo de “*andarino*” é dimensionado por ela pela necessidade de trabalhar e não pela exigência com as acomodações e com a casa, pois ela demarca uma temporalidade maior: a carteira não era “fichada”, trabalhava até o momento de dar à luz e a casa era visitada somente nos finais de semana, porque o trabalho com o sisal exigia que as pessoas morassem próximas ao motor utilizado no processo de preparação da planta para a comercialização. O que se pode ler a partir dessa fala é que direitos trabalhistas e a moradia no tempo da vida de “*andarino*” não estavam garantidos, sendo parte das transformações experimentadas por eles e, talvez, o que os influencia ao ato de migrar. Isso ainda apresentou-se a mim como algo recorrente no senso comum de que se hoje vivemos mal, antes vivíamos pior ainda. Quando perguntei a Sra. Ivaneide como era a sua vida na Bahia, ela afirmou:

*Lá na Bahia era a mesma coisa porque... ainda era mais puxado, que nessa época eu ainda tava produzindo, como diz o dizer [risos]. Aí quando eu cheguei aqui já tinha acabado e lá eu tava, ainda tava, eu tinha o quê? Tinha a menina com seis ano, tinha um... um com quatro, com três, e outro com... E eu trabalhava com todos eles e eu levava pro serviço, ia lá no meu serviço, eu levava, colocava lá a menina, lá ficava e eu trabalhava. De lá eu tava olhando, lá menino brincava na terra, lá menino pulava é...*¹⁶¹

Ao remeter ao passado, partindo de relações vividas no presente, a narradora não faz referências a datas. O tempo em que viviam “por todo canto” por causa do trabalho é um tempo ao qual ela atribui importância por ser o momento de criar os filhos pequenos, quando um “*tava caminhando o outro já tava pra nascer*”¹⁶², visto por ela como um elemento que tornava o modo de viver mais puxado do que o de hoje, porque que se dividia entre o trabalho e o cuidar das crianças. A questão que coloquei à Sra. Ivaneide foi bastante ampla: “*como era a sua vida na Bahia?*”. Em seguida ela introduziu o tempo e os eventos que lhe interessavam. A maneira encontrada por ela para identificar o tempo, se localizar nele e para marcar as transformações vividas estão relacionadas às relações familiares.

Os trabalhadores vindos da Bahia para trabalhar em Tapuira viveram experiências diversificadas que auxiliam na compreensão de sua mudança. Ao narrarem, eles falam dos modos como viviam nessa região do Nordeste, destacando as relações

¹⁶¹ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

¹⁶² Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov. 2006.

familiares, de moradia e de trabalho. O Sr. Jaílton, que trabalhava em pedreiras na região de Jacobina, ao falar das relações de trabalho, destacou: “*Não, de ter tinha muito, mais eu, pra eu mesmo que estudo não é lá essas coisona, eu digo: eu tinha mesmo que chegar e, e pra tentar naquele mesmo, que era o único mesmo pra mim, que era o mais fácil que eu tinha, que eu sabia também, né?*”¹⁶³. O direito à educação e às condições dignas de vida e de trabalho, que a sua fala permite perceber, dá-nos dimensões dos viveres destes trabalhadores no processo no qual estão inseridos ainda que estes sejam perpassados pela exploração.

Hoje, ao ser questionado se deseja retornar à Bahia, ele diz que sente receio em voltar, alegando que lá o emprego fixo não é garantido. Essa perspectiva trazida por ele aparece articulada às relações vividas, ao alegar que aqui ele tem oportunidade de trabalhar, fazendo “bicos”, mesmo nos períodos em que está de férias.

O Sr. Samuel trouxe outros elementos em sua fala:

*Trabalhava mais minha mãe. Minha mãe lá tem... terra assim, né? Eu ficava mais ela trabalhano lá. [...]. Nós lá, a gente plantava mandioca assim pra... gente fazer farinha, sabe? Fazer farinha, essas coisa assim. Nós criava criação, bode... É, a gente vendia... aí continuava assim: vendeno coisa, plantava mais, fazia farinha vendia, vendia bode.*¹⁶⁴

A experiência de trabalhadores como o Sr. Samuel foi marcada pelas relações vividas no campo. O trabalho feito em família, baseado na agricultura, na engorda e venda de animais, caracteriza o viver dessas pessoas, sendo entendido pelo próprio narrador, em outro momento da entrevista, como um viver simples. Assim como o Sr. Samuel, também o Sr. Adonel era um pequeno agricultor em Jacobina, ele plantava e colhia grãos nas suas próprias terras, sem contar com ajudantes, pois os lucros eram pequenos e a produção era destinada para o sustento da família e para a venda. Ele conta que também já trabalhou como auxiliar de construção civil, como barbeiro, entre outros, em diferentes lugares do país.

O Sr. Hélio e a Sra. Ivaneide sobreviviam por meio daquilo que podiam obter no trabalho com o sisal¹⁶⁵. No modo como o Sr. Hélio constrói a memória “*O sisal é assim, cê só pode habitar ela, lutar com ela perto da casa porque se chover, por exemplo, ela tá de ponto de tirar hoje, se chover tem que guardar [...]* Na casa a gente só vai dia de

¹⁶³ Sr. Jaílton Pereira Costa (conhecido como “Siri”), 29 anos, casado, tem três filhos. Entrevista realizada em 17 out. 2004.

¹⁶⁴ Sr. Samuel de Jesus Silva, solteiro, 21 anos. Entrevista realizada no dia 20 nov. 2004.

¹⁶⁵ Trata-se de uma planta da qual se pode extrair uma fibra utilizada na fabricação de produtos como artigos artesanais, peças de automóveis entre outros.

sábado e domingo”¹⁶⁶. E a Sra. Ivaneide o ajuda “*É, nós fazia, nós carregava a nossa lona menina, nós chegava vamos supor aqui é o campo, aí tem esse lugarzinho aí limpo, nós chegava lá [...] armava a lona enfincava quatro pau [...] eu passava era mês!*”¹⁶⁷. Num tempo em que trabalho e vida se confundiam, os dois expressam dimensões dos viveres, dos modos como moravam, trabalhavam, cuidavam dos filhos. Nas narrativas destes trabalhadores emergem elementos de transformação nos viveres, maneiras como eles as vêem, desafiando a precariedade vivida, sendo a condição de fazerem-se trabalhadores o que os aproxima.

Através das maneiras como fazem pausas e pontuam as frases pronunciadas, percebi que, ao recompor o passado vivido tendo em mente as relações do presente, o casal compartilha um sentimento de que o cotidiano era composto por lutas. Partilhando com o que postula Portelli, constatei que enquanto eu estava interessada em reconstruir o passado vivido por eles na Bahia, eles estavam interessados em projetar uma imagem. Os entrevistados desejam “*buscar e reunir conjuntos de sentidos, de relacionamentos e temas, no transcorrer da sua vida*”¹⁶⁸. O Sr. Hélio e a Sr. Ivaneide procuraram construir a imagem deles enquanto pessoas lutadoras que se esforçam para superar as dificuldades. Isso é estendido para o presente que vivem, quando procuram afirmar-se como pessoas honestas e trabalhadoras, partindo de experiências presentes e desconstruindo a negatividade com que são vistos por algumas pessoas.

Ao analisar o enredo, percebo que essa construção pode ter sido elaborada na perspectiva de afirmarem que a sua mudança e permanência no Distrito foram bem sucedidas. Por um lado, essa estratégia pode configurar uma forma de camuflar os embates vividos, visto que falam enquanto trabalhadores que precisam de um salário para sobreviver e, por outro lado, indica sonhos e expectativas de que o seu viver seja de fato bem sucedido. Ao demonstrar como, por meio das oportunidades encontradas em Tapuirama, eles puderam comprar bens materiais e ajudar os familiares que ficaram na Bahia, eles trazem estratégias instituídas na realidade em que vivem, num diálogo constante com experiências vividas no presente e no passado, tendo em vista o futuro.

Desse modo, o sentido político do sujeito afirmar ser grato por possuir um emprego recai nas possibilidades de explicações para as relações vividas a partir da

¹⁶⁶ Sr. Hélio dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov. 2006.

¹⁶⁷ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov. 2006.

¹⁶⁸ PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D’água, 2004. p. 300.

consciência e dos conhecimentos de mundo dos trabalhadores. Na interpretação do Sr. Hélio, na Bahia “*eles num dão um serviço fichado pra gente*”, porque na Bahia “*lá o governo num dá valor*”, identificando o governo como o culpado pelas privações e pela simplicidade de seu modo de viver. As relações vividas em função do ser “*andarino*” foram clareadas nas suas falas e adquirem formato de resistência e desejo de pertencer, identificando que o importante era ir para onde poderiam trabalhar “*fichados*”.

Alguns sentimentos presentes nas narrativas destes sujeitos são compartilhados por outros trabalhadores. O Sr. José Carlos, apesar de não se identificar como um “*andarino*”, mas como um trabalhador que tem família, explicita os significados atribuídos por ele às relações vividas:

*Eu acho que não, quando a gente põe uma coisa na cabeça a gente quer mais é fazer aquilo, né. É minha coisa [situação], quando eu estou aqui na hora que dá vontade, não só eu, todos nós né, que na hora que dá vontade de ir embora num... pensa na situação que está lá, né? E hoje lá pra gente hoje tá muito ruim de serviço, tá difícil mesmo, então a gente não pode negar, a gente tem que ficar onde tem serviço, né? Principalmente os que tem família.*¹⁶⁹

A justificativa elaborada pelo Sr. José Carlos para a atitude de deixar o lugar de onde veio e procurar meios para se estabelecer, espaços onde enxerga chances de trabalhar e assegurar direitos, remete a elementos de transformações nos modos de viver dos trabalhadores, marcados pelo sentimento de pesar em terem que deixar a sua terra natal e pela desigualdade social.

Ao chegar a Uberlândia, lugar onde a carteira é “*fichada*”, os sujeitos vão reelaborando seus viveres, suas percepções e seus valores. Na medida em que vivem outras experiências e novas relações de trabalho, as pessoas vão significando os processos sociais vividos, estabelecendo, diferenciando relações e deixando na cidade as marcas das suas práticas sociais. Ao ser questionada sobre o momento da chegada ao Distrito e sobre o que teria se apresentado a ela como mais difícil, a Sra. Ivaneide afirmou:

Sra. Ivaneide: o que eu achei mais difícil? Mais difícil foi a casa, é porque não era casa, era um barraquinho bem pequenininho de taba e era só um comodozinho assim... [...]

Sr. Hélio: sete pessoa morava num barraco que não era nem desse tamanho dessa sala aqui...

Sra. Ivaneide: nem desse tamanho... quando a chuva batia e a água caía lá, vortava pra cá, descia dentro da sala. E o meu irmão tinha uma menina de sete meses, ainda ficava mais meu irmão que tinha onze ano, nós nunca pagou

¹⁶⁹ Sr. José Carlos Escolácio de Jesus, 36 anos, casado, duas filhas, está em Tapuira há dez anos. Entrevista realizada em 01 mai. 2006.

ninguém pra olhá menino aqui, nunca paguei pra ficar com esses menino meu nenhum não que tava dentro de casa.

Juliana: quando chovia tinha problema na casa?

*Sra. Ivaneide: tinha problema, aí depois Deus foi abençoando né, que aí foi ajeitando tudo, aí voltô fazendo de bloco. Cada um tem seu banheiro sozinho e pronto, foi sossego! Pronto, só tranquilidade, eu não tenho o que reclamar, eu acho bom, o povo também é bom, tem uns que diz que tem preconceito mais preconceito é em todo canto, se... ali tem ambulância você tá desocupado ou se tá doente, chama, ela vem. Se você precisa da polícia, ela vem, tem o colégio. Ôh menina, eu acho bom, por tudo, por tudo.*¹⁷⁰

Os modos como essas pessoas vivem atualmente e as maneiras como foram recebidas no momento da sua chegada, me fazem pensar que trazer trabalhadores de fora, mesmo que Uberlândia possua pessoas desempregadas, assim como em tantas outras cidades no Brasil, compõe a luta de classes no país. Essa luta não é algo encontrado nas estruturas, mas nas ações de sujeitos antagônicos, seja pelo viés da exploração, da acomodação ou da resistência, porque os seus modos de vida se encontram nas relações de disputa. Nesse sentido, é relevante entender essa luta configurando-se nas experiências das pessoas, não na simples oposição entre classe ou na exploração salarial, ou seja, tomando-a enquanto expressão da consciência dos sujeitos que se forja no dia-a-dia, ela não é pré-determinada e nem se passa somente entre segmentos antagônicos do social. As próprias pessoas, ao identificarem as condições em que vivem, lutam em busca de contornarem os problemas. E se têm consciência de que hoje suas vidas estão relativamente melhores do que antes, isso é tomado como uma pista para deduzir que os trabalhadores entendem que a luta está sendo empreendida. Assim, essa luta se manifesta, muitas vezes, na peculiaridade da invisibilidade no movimento das relações sociais. Dessa forma, é ao relacionar-se com outras pessoas e grupos que emerge a luta de classes, ela não pode ser apreendida a partir de teorias fechadas.

A partir dessa perspectiva, notei que as condições de moradia foram percebidas pelos trabalhadores como a situação mais difícil no momento da chegada. A Sra. Ivaneide ao reelaborar os modos como morava na Bahia expressou um estranhamento em relação ao que encontrou ao chegar ao município mineiro. Mas, ao redimensionar o passado vivido a partir das condições de moradia do presente, o entendimento que ela tem sobre este aspecto é expresso em tranquilidade e em não ter do que reclamar, talvez pela consciência que ela possui acerca das disputas na qual está inserida.

¹⁷⁰ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevistada em 16 set. 2006.

Sendo as entrevistas também constituídas de desigualdades, elas nos trazem o esforço do entrevistado em elaborar explicações para o pesquisador. A Sra. Ivaneide articula a sua fala ciente das nossas diferenças, ou seja, ciente do lugar social de onde cada uma falava. Nesse sentido, o cuidado ao narrar está presente durante toda a entrevista e em alguns momentos ela deixa isso claro: *“muitas coisa foi, já foi tirado tudo da resina, tô afastada, tive meu problema e tudo, mais nunca reclamo dela”*¹⁷¹, me respondendo que tudo o que ela veio buscar em Tapuیرama ela julga ter encontrado. Depois de sugerir problemas com a casa, ela faz questão de dizer que em Tapuیرama ela tem escola para os filhos estudarem, a família é assistida pela polícia e pela ambulância quando precisam.

Apesar de ela explicar que Deus foi *“ajeitando tudo”* e de afirmar que o preconceito existe *“em todo canto”*, e que isso não faz com que ela se sinta insatisfeita com o modo como vive, sua narrativa indica tensões presentes ao relacionar-se com os demais moradores do lugar e que os viveres destes trabalhadores têm sido perpassados por condições precárias de moradia. No entanto, em outras falas percebem-se alternativas elaboradas por eles no enfrentamento dessas situações.

Outros narradores trouxeram dimensões das lutas presentes em seus modos de viver. Conheci o casal Sr. Anaílton e a Sra. Ana Paula por intermédio do Sr. José Carlos, trabalhador que eu já conhecia desde a pesquisa de graduação. Naquele momento, eu buscava um trabalhador que tivesse vivido outras experiências de trabalho no Distrito, além da lida com extração de resinas. Fui até a sua residência, apresentei-me e também a minha pesquisa, e marcamos uma entrevista. A Sra. Ana Paula narra as relações de trabalho:

Sra. Ana Paula: Nossa! O meu dia-a-dia é corrido demais. Levanto cinco da manhã, aí tem que fazer marmitta né, aí vou pro trabalho, chego as cinco da tarde, aí tem a casa pra organizar, a janta pra fazer, dever [de escola] pra ajudar menino fazer. É uma luta.

Juliana: Com quem sua filha fica?

*Sra. Ana Paula: Com a madrinha dela, mas é uma ótima pessoa. É a segunda mãe pra ela. Pra falar a verdade eu acho que ela fica melhor com a madrinha do que comigo. Porque na realidade quem criou a minha filha foi ela, porque desde um aninho e meio de idade ela fica com ela. [...] Aí ela aprendeu a andar com a madrinha dela, nasceu os dentinho com a madrinha dela, então pra ela é a segunda mãe. E eu num fico preocupada de jeito nenhum porque eu sei que ela está em boas mãos, é uma ótima pessoa.*¹⁷²

¹⁷¹ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov. 2006.

¹⁷² Sra. Ana Paula dos Santos da Silva. Entrevista concedida em 20 ago. 2006.

Ao narrar situações comuns ao seu dia-a-dia de trabalho, como, por exemplo, a preparação do almoço que é levado para o trabalho, os serviços domésticos e os cuidados com a filha, a entrevistada mostrou-se preocupada em construir uma imagem dela enquanto mãe, dona de casa e trabalhadora. Nesse sentido, a fala traz alguns valores comuns aos trabalhadores. O ato de deixar a filha aos cuidados da madrinha não é visto por ela como motivo para se envergonhar e, no seu entendimento, não diminui a sua responsabilidade como mãe. Percebe-se os modos como os trabalhadores se relacionam especialmente com familiares, ajudando-se mutuamente, apontando para a existência de um sentimento de pertencimento a um grupo.

As visões de mundo expressas pela Sra. Ana Paula devido a minha presença e às questões colocadas por mim, articuladas ao seu enredo, permitem visualizar brechas e perceber as maneiras pelas quais eles vão dando formas à sua fala e interpretando seus viveres a partir das suas experiências. O viver em Tapuiriama se apresenta a Sra. Ana Paula como um modo de luta, em função de superar os desafios cotidianos. Deixar os filhos aos cuidados de pessoas conhecidas é uma das estratégias criadas em busca de garantir os direitos de trabalhar e educar os filhos. Assim, relações de poder, as quais os sujeitos vivenciam, adquirem um formato quando interferem e transformam o seu modo de viver.

Quando pedi a Sra. Ivaneide que me mostrasse algumas fotografias suas, a foto de seu irmão que ajudava a família no cuidado com as crianças foi uma das escolhidas por ela, e chamou a atenção os comentários que fez a respeito dela:

*Era luta [...] este menino aqui que tomava de conta, tomava de conta dele e de meus três que ficava dentro de casa, essa menina aqui ó, aqui ele que foi ele que cozinava, ele que... eu num sei como era eu num... eu acho que era Deus que olhava porque as outras coisa tudo ficava na mão dele porque, nós saía seis hora da manhã, uma menina de oito meses na mão de outro menino que nunca cuidou de outro menino pequeno, né? Ainda ficava com ela de oito meses, a menina de seis [anos] e o de quatro e o de dois que era esse daqui e ele tomava conta de tudo, nós num pagava pra ninguém!*¹⁷³

A memória elaborada pela narradora gira em torno dos seus modos de viver depois de estabelecidos nas vilas onde residem até os dias de hoje. Deixar as crianças sozinhas em casa – no máximo sob os olhares dos vizinhos, “o vizinho tá do lado, qualquer coisa você chame ele”¹⁷⁴ – compõem os modos como moram e se organizam em função de que todos precisam sair para trabalhar. Nas peculiaridades dessas

¹⁷³ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov. 2006.

¹⁷⁴ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

vivências, pagar alguém para cuidar das crianças provavelmente desequilibraria o orçamento doméstico das famílias, o que torna a ida das crianças mais velhas à escola um problema, devido a necessidade de cuidarem dos menores, dando-nos uma dimensão da luta diária, das contradições sociais, caracterizando os momentos em que os seus viveres se encontram com outros interesses. O viver permeado de luta é também mesclado por alguns elementos culturais a partir dos quais estes sujeitos criam algumas explicações, como por exemplo, a de que Deus cuidava das crianças.

No entanto, ainda hoje não ter com quem deixar as crianças é algo presente nos viveres destes trabalhadores, que passam a contar com o apoio de vizinhos, familiares e amigos, constituindo laços de solidariedade e de familiaridade. A imagem a seguir foi escolhida pela Sra. Ivaneide:



Imagem 02: Irmão da Sra. Ivaneide cuidando das crianças. Tapuira: “vila dos baianos”, “vila de baixo”. Fonte: Acervo da Sra. Ivaneide Jesus dos Santos, s/d.

Percebi que o fato de deixar uma criança de sete meses aos cuidados do irmão de apenas onze anos de idade foi algo marcante nas experiências de vida da Sra. Ivaneide. Em vários momentos das entrevistas ela se refere a este, como uma maneira de sinalizar as dimensões da sua luta cotidiana. Na imagem, evidencia-se a disposição de alimentos e vasilhames utilizados no dia-a-dia. Alguns utensílios ficavam suspensos para que as crianças não os pegassem. No canto inferior direito, vê-se uma mão de uma pessoa adulta segurando uma colher porque, talvez, estivessem em horário de refeição, e ao lado, o balde vermelho indica que a água tinha que ser buscada fora. Dentro da casa

construída de madeira – e que naquele tempo possuía somente um cômodo – nota-se que o menino parece posar para a câmera, mostrando o trabalho que fazia, o que significa a preocupação de registrar esse momento.



Imagem 03: Sra. Ivaneide e filhos. Tapuirama: “vila dos baianos”, “vila de baixo”.
Fonte: Acervo da Sra. Ivaneide Jesus dos Santos, s/d.

Na imagem acima, chama a atenção as maneiras como as crianças inventam brincadeiras nos espaços de moradia dos trabalhadores, no corredor que separava as casas do lugar onde ficavam as pias de lavar roupas e louças e os banheiros. O que chamou a atenção da Sra. Ivaneide nessa imagem em que ela aparece carregando os filhos nos braços, o que fez com que ela se remetesse à primeira semana em Tapuirama, foi a pia onde lavavam as louças. A foto é da “vila de baixo” e permite pensar sobre o modo de viver dos trabalhadores nas vilas onde moram. Na imagem vê-se um cômodo, localizado ao lado de onde se observa a caixa d’água, onde existiam as pias e os banheiros de uso coletivo naquele período, o que permite inferir sobre os modos de viver dos trabalhadores, juntamente com as suas narrativas. Olhar as fotografias a fez reelaborar a memória em torno das tensões vividas:

[...] a Secretaria de Saúde via essas [inaudível] essa pia tudo bagunçada, exigiu pra fazer os barraco de... bloco e fazer cada quem seu banheiro e cada quem sua pia. Aí foi quando miorou, mais que cada quem ficou com sua

*responsabilidade e tirou os barraco, mas nós sofremo um pouquinho também pra poder sobreviver aqui dentro!*¹⁷⁵

A sensação de um contínuo viver no improviso predominou enquanto via as fotografias e ouvia a Sra. Ivaneide narrar. A percepção das condições vividas me leva a refletir sobre os modos como as resistências se manifestam na sociedade. Quais as dimensões da experiência do trabalhar e morar na cidade? Isso implica refletir em torno de elementos de transformações experimentadas pelos trabalhadores, a presença de relações de poder e a quase invisibilidade da luta de classes que seus modos de viver deixam entrever.

Na fotografia seguinte, a Sra. Ivaneide afirma que foi pega de surpresa quando vinha trazendo o balde de água e algum parente tirou uma foto sem avisá-la.

¹⁷⁵ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov. 2006.



Imagem 04: Sra. Ivaneide carregando água. Tapuiriama: “vila dos baianos”, “vila de baixo”.
Fonte: Acervo da Sra. Ivaneide Jesus dos Santos, s/d.

A imagem composta por crianças e adultos com vestuários simples e a Sra. Ivaneide buscando água ao final da tarde permite refletir sobre as relações de moradia, os desafios vividos e a diversidade de experiências dos trabalhadores em Tapuiriama. A fotografia que segue abaixo foi feita pela Sra. Ivaneide em um final de semana:



Imagem 05: O final de semana de uma família na “vila dos baianos”.

Tapuira: “vila dos baianos”, “vila de baixo”.

Fonte: Acervo da Sra. Ivaneide Jesus dos Santos, s/d.

*Essa aqui? Ai era, já era no sábado de tarde é, nós já tinha acabado de lavar roupa, já tava enxugando, já tinha dado banho e botado ali que era pra secar o cabelo que era pra trançar que era pra quando fosse lá na segunda-feira já ta tudo prontinho para ir pra escola, já do jeito que estava. Que essa daqui já estudava. Só esses outro aqui que num estudava, um tinha quatro, o outro tinha três, tinha dois, aí eles num deixava estudar, aí eu, eu lavava o cabelo dela e trançava.*¹⁷⁶

Ao falar da imagem em que as crianças aparecem, a Sra. Ivaneide traz elementos dos viveres. Na sua elaboração, a sua vida e de sua família, quando trabalhava, era organizada em função da jornada de trabalho e da escola dos filhos. Final de semana era dia de fazer as tarefas domésticas, deixar a casa pronta e os filhos com o cabelo limpo e trançado, pois na segunda-feira tudo recomeçava. Nessa imagem, as roupas no varal indicam que já era tarde e hora de dar banho nas crianças. Trançar os cabelos das meninas era uma estratégia utilizada para que todos ganhassem tempo durante a

¹⁷⁶ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov. 2006.

semana, pois quando acordasse para ir trabalhar não teria que se preocupar em acordá-los tão cedo para arrumá-las.

Em Tapuirama, os trabalhadores vindos da Bahia moram nas “vilas dos baianos”, como são chamadas pelos moradores do Distrito. Esses lugares foram sendo distinguidos como “vila de cima” e “vila de baixo”, conforme a sua localização geográfica. No mapa¹⁷⁷ vê-se a localização das moradias. As casas foram construídas e cedidas aos trabalhadores pela *JPL Resinas* e localizam-se em dois lugares diferentes dentro do espaço urbano. Conforme informações obtidas¹⁷⁸, o terreno da “vila de cima” teria sido comprado pela empresa. O terreno da “vila de baixo” foi cedido pela Prefeitura Municipal de Uberlândia em regime de comodato com a *JPL Resinas*, em que a empresa possui autorização para utilizar o terreno sem nenhum custo durante o tempo em que permanecer em Uberlândia, gerando lucro para o município.

Nesse sentido, a moradia dos trabalhadores foi planejada estrategicamente para que eles vivessem próximos, em contato diário uns com os outros. Acomodar as famílias em um espaço comum, que a princípio está aberto a todos os moradores do Distrito, mas que na realidade circulam por ele somente aqueles que possuem algum vínculo com a empresa, compõem as relações de poder. Isso é parte das maneiras como as elites procuram ordenar os espaços públicos, buscando delimitar espaços e controlar as pessoas. No entanto, acomodá-los em Tapuirama, e não em Uberlândia, que seria inclusive mais próximo da floresta do Lobo, o seu local de trabalho, não significa excluí-los deste espaço social. Com o salário mensal que recebem essas pessoas se inserem nos espaços públicos e privados da cidade, sobretudo enquanto consumidores, e se relacionam também com outras pessoas.

¹⁷⁷ Ver Anexo 02 - Mapa 2 - Uberlândia: **Mapa de Tapuirama**. Mai. 2006. Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia.

¹⁷⁸ Sr. Ari Martins. Entrevistado em 09 nov. 2006.



Imagem 06: “Vila de cima”: a brincadeira das crianças. Distrito de Tapuirama.
Fonte: Acervo da autora, outubro de 2006.

A foto da “vila de cima” foi feita por mim em um sábado. Eu havia ido até a “vila” porque desejava gravar uma nova entrevista com o Sr. Jaílton, um trabalhador que eu entrevistei quando fazia monografia. Nesse dia não o encontrei em casa, mas aproveitei a oportunidade para fazer algumas fotos. Quando disse às crianças que desejava tirar uma foto delas enquanto brincavam, elas quiseram posar para a foto. A brincadeira de “biloca” foi interrompida por pelo menos três crianças que passaram a me observar e esperar o disparo do flash. As outras três permaneceram brincando até o momento que perceberam que poderiam ver no visor da câmera as suas imagens. Logo, elas me pediram que tirasse outra foto com elas.

O espaço livre no corredor da “vila” é onde as crianças brincam e as donas de casa colocam as roupas para secar. Do lado esquerdo, em frente ao local onde as crianças estão brincando, existe uma espécie de varanda na qual também os adultos se divertem, dessa vez com cartas. Em uma das oportunidades em que visitei o Sr. Jaílton, ele estava jogando cartas com os amigos, a maioria deles seus vizinhos. Nesse espaço, os trabalhadores inventam atrativos para passarem o tempo quando chegam do serviço pela tarde e nos finais de semana.

Na imagem percebe-se que as casas são construídas uma ao lado da outra, existe um corredor por onde não circulam automóveis, somente pessoas. Nota-se a

proximidade das residências e a sua precariedade. Estas casas são feitas de tábuas e não se encontram em bom estado de conservação e, conforme informações obtidas com a empresa e com os trabalhadores, elas estão sendo demolidas. Os trabalhadores estão sendo acomodados na “vila de baixo” que possui casas feitas de alvenaria, pois algumas foram desocupadas por trabalhadores demitidos da empresa. Além disso, elas oferecem condições mais seguras ao trabalhador em relação às casas de tábuas. Os entrevistados afirmam que devido ao fato de alguns trabalhadores terem sido dispensados, a “vila de baixo” ganhou disponibilidade para receber novos moradores e que, por este motivo, as outras construções estariam sendo derrubadas.

Ainda que também as casas da “vila de baixo” não ofereçam muito espaço e conforto aos moradores, aqueles que são transferidos das casas de tábuas para elas entendem essa mudança enquanto algo positivo, em relação ao modo como moravam antes, onde diziam ter dificuldades com o vento e com a chuva. No entanto, o sentimento aparente de satisfação ou conformismo com relação à moradia pode na verdade sinalizar que a luta por pertencer continua.

O capítulo seguinte reflete sobre os viveres urbanos para além das relações de trabalho e moradia, privilegiando o uso das fontes orais e fotografias, preocupada em compreender os modos como os trabalhadores participam e constituem o espaço social na medida em que se relacionam. Nesse sentido, serão abordados os sentidos de algumas práticas como o futebol, as festas religiosas – e outras, das quais os trabalhadores participam – e as relações de sociabilidades que eles constroem nesses espaços.

CAPÍTULO III

“NÃO TEM OUTRA COISA... CÊ TEM UM BARZINHO E UM CAMPO DE FUTEBOL...”¹⁷⁹: CULTURAS E RELAÇÕES DE SOCIABILIDADES

*No começo foi difícil, porque lá na Bahia tem lugar pra gente sair, sabe? Tem festa na praça assim... na praça, livre. E aqui não, aqui, né, só tem festa no salão, as músicas também é difícil pra gente acostumar.*¹⁸⁰

*Opção que a gente tem aqui é um bate-papo, todo lugar que ocê vai aqui em Tapuirama [...] o relacionamento, o bate-papo, uma bolinha, sempre depois da bolinha tem aí essa confraternização de novo aí, esse bate-papo. Olha, é a única coisa! Não tem outra coisa a não ser isso aí. Pessoal que vende bebida alcoólica fala: “ah, Tapuirama vende muita bebida alcoólica, é um lugar, eu nunca vi um lugar pequeno que vende tanto.” Por que que o pessoal costuma beber muito? Por isso. Não tem opção! Cê chega pra conversar com um amigo, o quê que ocê tem? Cê tem um barzinho e um campo de futebol, ocê vai jogar bola ou ocê vai bater um papo com um amigo, ou cê vai tomar cerveja.*¹⁸¹

O espaço social, traduzido por um olhar político, é composto por experiências dos trabalhadores/moradores de Tapuirama enquanto participantes do processo histórico, onde se manifestam costumes, valores e memórias. Neste capítulo, analiso as culturas dos sujeitos “localizados dentro de um equilíbrio particular de relações de força”¹⁸², no lugar material que lhes corresponde, utilizando a história oral e as fotografias produzidas pelos trabalhadores e por mim como fontes de pesquisa.

Trago a perspectiva de esmiuçar a diferença e a pluralidade, problematizando as relações de sociabilidade e de convivência. Preocupo-me com os modos como os

¹⁷⁹ Sr. Anderson Gomes Gonzaga. Entrevista realizada em 30 jul. 2006.

¹⁸⁰ Sra. Jaiane dos Santos Oliveira. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

¹⁸¹ Sr. Anderson Gomes Gonzaga. Entrevista realizada em 30 jul. 2006.

¹⁸² Em um estudo sobre a cultura plebéia na Inglaterra do século XVIII, Thompson defende que a consciência e os usos costumeiros naquele país eram fortes, ao contrário do que diziam outros pesquisadores. Ao se posicionar no debate historiográfico, ele considerou que o folclore era um campo para a mudança e a disputa e não resquício de um passado. Nesse ambiente, o autor sugeriu cuidados com a utilização do termo cultura popular. Assim, a partir das evidências com as quais lidou, a cultura daquela plebe não se restringia a significados, atitudes e valores, mas, devia ser percebida dentro de um equilíbrio de relações sociais, de relações mascaradas pelos ritos do paternalismo naquele presente inglês, sendo aquela cultura rebelde em defesa de seus costumes. Este texto instiga à reflexão sobre as transformações culturais no processo histórico e as múltiplas relações de força. Ver: THOMPSON, E. P. Introdução: Costume e cultura. In: _____. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 17.

trabalhadores se relacionam, entre si e com a cidade de Uberlândia, as formas como recriam espaços e as tentativas de driblar a carência de opções de lazer – o que não acontece somente em Tapuirama.

Nessa perspectiva, abordo os viveres dos trabalhadores da extração de resinas na relação com os demais moradores do lugar. Focalizo a discussão em torno dos sentidos de frequentar os bares do Distrito; as participações das pessoas nas igrejas, entendendo essas instituições ao mesmo tempo como espaço de poder e de sociabilidade; as mudanças no sentido de participar da “tradicional” festa de Nossa Senhora da Abadia; o futebol enquanto um momento de instituir relações; as mudanças e permanências nos costumes dos trabalhadores vindos da Bahia, entre outros.

Importa ainda questionar quais as expectativas dos trabalhadores em relação ao viver no Distrito e como a possibilidade de término da extração de resinas nesta região mineira perpassa os modos de viver dessas pessoas. O que significa o fato de alguns desejarem retornar ao seu lugar de origem e/ou permanecerem em Tapuirama? Como os sujeitos estabelecem relações com o tempo?

Por meio das entrevistas e de minhas observações notei como as transformações nas suas relações com o tempo vão sendo moldadas na prática social e expressas nos seus costumes e hábitos. Quais os sentidos da afirmação feita por alguns trabalhadores ao dizerem que se desacostumaram de alguns modos de viver na Bahia? Existe uma ligação entre essa afirmativa e as esperanças de permanecer no Distrito ou de retornar para a região de onde vieram?

Ao afirmar que já desacostumou “*de lá*” a Sra. Ana Paula sugeriu processos de mudanças e permanências em hábitos, costumes, valores, enfim da sua cultura, algo relevante para esta análise. Quando questionada sobre seus costumes depois da sua vinda para o Distrito, ela fez considerações acerca de mudanças nos hábitos alimentares:

*Eu senti falta, muita falta. Do jeito que quando vem alguém de lá, a minha mãe manda, até carne ela já mandou, é carne-de-sol né, que aqui não tem, e ela manda. Quando ela vem, tem um ano e pouquinho que ela veio e agora ela vem de novo agora em novembro [...]. Eu gosto muito, sabe, de buchada, e aqui não tem como fazer, eu gosto, minha avó fazia, nossa, e eu achava uma beleza! Aqui não tem como fazê não!*¹⁸³

O costume de alimentar-se de buchada e de carne-de-sol nas refeições é utilizado pela Sra. Ana Paula como parâmetro de comparação entre o viver na Bahia e em Tapuirama. Ao identificar estes alimentos como algo de que ela sente falta, ela ainda

¹⁸³ Sra. Ana Paula dos Santos da Silva. Entrevistada em 20 ago. 2006.

evidenciou como este se apresenta a ela como um hábito comum desde a infância, provavelmente, já que a buchada era feita por sua avó. Ao referir-se a estes costumes, ela remete às relações familiares. Ela aponta como estas se fazem presentes em seu viver, juntamente com alguns hábitos alimentares, ainda que não ocorram com a mesma frequência e do mesmo modo como acontecia em Jacobina, mas, pelo contrário, somente quando sua mãe, ou outra pessoa conhecida, vem da Bahia trazendo-lhe a carne-de-sol. A carne também fora referida por outros trabalhadores como um costume novo: *“Porque lá na Bahia tem carne-de-sol e aqui não, é tudo é carne que tem que botar no congelador, tudo fresca sabe? Aí nós achou um pouco estranho, eu mesmo achei estranho”*¹⁸⁴.

O hábito de alimentar-se de carne fresca constitui parte das mudanças nos costumes experimentados por famílias inteiras de trabalhadores ao buscarem estabelecer-se em um espaço que para eles apresentava-se como novo, estranho. As diferenças climáticas também foram percebidas por eles e, ao referir-se ao momento da chegada, o frio da região Sudeste é narrado como sofrimento para estas pessoas que vêm de um lugar com temperatura distinta: *“O que eu achei difícil também foi o clima que aqui é muito frio, a época de frio, é, inverno, né? É muito frio e lá não. Ôchi! Quando eu cheguei aqui foi bem na época do frio eu sofri um bocado, lá não é assim”*¹⁸⁵.

No entanto, os trabalhadores não narraram apenas mudanças ocorridas no seu modo de viver. Se na fala da Sra. Ana Paula observei permanências e mudanças nas suas culturas, no depoimento do Sr. João e da Sra. Jaiane elas também foram elaboradas. Quando questionado sobre seus momentos de lazer em Tapuirama, eles se referiram àquilo que permaneceu e o que mudou nos seus viveres:

Sr. João: Eu mesmo só saí daqui pra ir em Uberlândia uma vez, desde que eu tô aqui, tem sete mês, eu fui em Uberlândia uma vez. Eu fui pra casa de meu irmão e, em termos disso, pra sair mesmo nós só vai ali na pracinha, ali. De vez em quando... nós toma uma cervejinha e volta pra casa, só...

Sra Jaiane: No começo foi difícil, porque lá na Bahia tem lugar pra gente sair, sabe? Tem festa na praça assim... na praça, livre. E aqui não, aqui, né, só tem festa no salão, as músicas também é difícil pra gente acostumar...

Juliana: É?

Sra. Jaiane: O ritmo daqui é difícil demais.

Sra. Jaiane: Não é à toa que a gente manda os povo da Bahia trazer CD de lá, das músicas da Bahia.

¹⁸⁴ Sra. Jaiane dos Santos Oliveira. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

¹⁸⁵ Sra. Jaiane dos Santos Oliveira. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

Sr. João: [inaudível] quando nós vai no baile alí, chega lá nós vê os cara daqui...

*Sra. Jaiane: Se juntar a galera, só baiano, aí fica passando as músicas da Bahia, aí os povo fica... e nós aproveita!*¹⁸⁶

Visitar parentes que residem em Uberlândia, apesar de o Sr. João ter afirmado que só o fizera uma vez no período de sete meses de estada no Distrito, é uma prática comum entre os moradores de Tapuirama e constitui uma das maneiras como eles se relacionam com a cidade. O seu irmão, Sr. Paulo, é um dos poucos trabalhadores vindos da Bahia, que tenho conhecimento, que se mudou para Uberlândia. Pelo que pude averiguar, ele atua no ramo da construção civil.

Na fala do Sr. João, a praça em Tapuirama é apontada como uma das poucas opções de lazer que pode ser usufruída por todos. Nesse espaço, ele trava relações de convivência com amigos, parentes e com conhecidos, especialmente nos finais de semana, quando, suspensa a jornada de trabalho, busca momentos de descanso e de diversão. Por um lado, a “cervejinha” tomada, provavelmente nos bares localizados no entorno da praça, ganham o sentido de autonomia ao fazer uso de um espaço e de um momento em que ele não está submetido diretamente ao “controle” do trabalho. Ou seja, tempo de fugir à rotina, de acordarem de madrugada durante a semana, trabalhar preocupado em cumprir suas metas, já que são remunerados conforme a sua produção, e de retornar as suas casas por volta das 17 horas, quando muitos afirmam estarem cansados e não terem disposição para saírem. No entanto, por outro lado, o voltar para casa após tomar a “cervejinha” com os amigos, dando a entender que não ficam até a madrugada nos bares, pode ser entendido se percebemos que esta fala é articulada por um trabalhador que preza o cuidar da família e se insere na dinâmica de organização do trabalho. Se durante a semana ele evita sair de casa e controla a bebida, também aos sábados e domingos ele procura estipular horários, porque estes dias são utilizados pelos trabalhadores na realização de trabalhos domésticos.

Uma das mudanças percebidas por eles diz respeito ao “*lugar pra gente sair*”. Vindos de um lugar onde afirmaram conviver com festas em espaços abertos, como a praça onde participavam do carnaval, por exemplo, essas pessoas consideram difícil acostumar-se com os eventos realizados em ambiente fechado como o salão – Salão Comunitário Laudelino Pereira. Talvez isso justifique a presença de poucos trabalhadores nordestinos neste lugar. Além disso, a música escutada nessa região do

¹⁸⁶ Sr. João Batista de Jesus e Sra. Jaiane dos Santos Oliveira. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

Sudeste não lhes agrada: “*O ritmo daqui é difícil demais*”. Diante dessa situação, as saídas inventadas são diversificadas: buscam manter contato com conterrâneos que venham visitar algum conhecido e solicitam a eles que lhes tragam CDs com as músicas tocadas na Bahia, buscando estar em contato com a cultura de onde vieram. Essa situação indica ainda como essas pessoas encaram os processos de mudanças também por meio de um sentimento de perda.

Através de sua cultura os sujeitos se identificam e se diferenciam: juntam a “*galera, só baiano, aí fica passando as músicas da Bahia*”, e, sem se importarem com o fato de “o povo” daqui ficar provavelmente os observando, “aproveitam” e se divertem. Visto dessa forma, o gesto de mover a cabeça sinalizando reprovação ao falar dos momentos em que acontecem bailes no salão, quando vêem “*os cara daqui*” ouvindo outros gêneros musicais, adquire um sentido localizado nas relações culturais vividas por eles. Através de preferências por músicas que tenham sentido dentro de seus costumes e de sua opção por frequentar espaços abertos, as pessoas vão delineando e reelaborando costumes. Elas não deixam de partilhar dos costumes “*dos cara daqui*”, mas não se desvencilham dos seus. Os trabalhadores estabelecem novos vínculos sem abandonar tradições vividas no lugar de origem e, neste sentido, suas memórias também se referem a modos de ser e viver.

Importa ponderar que esses viveres não são isolados das experiências vividas pelos demais moradores, os nascidos em Tapuirama, que também guardam mudanças e permanências. A extensão do SIT (Sistema Integrado de Transporte) aos Distritos possibilitou a alguns moradores acesso a opções diversificadas de lazer e a espaços de convivências, transformando de alguma maneira suas práticas cotidianas. Se deslocar com a finalidade de participar de eventos esportivos, festas e shows, visitar churrascarias, pizzarias e bares em Uberlândia compõem as vivências dos moradores de Tapuirama, sobretudo dos jovens que, nos finais de semana, buscam atividades alternativas para contornarem a rotina dos estudos e do dia-a-dia do trabalho. Existem também visitas a familiares e amigos que residem em Uberlândia, comuns inclusive entre os nordestinos, como vimos na fala do Sr. João. Essas práticas são construídas pelos sujeitos, significadas por eles no seu modo de viver e não devem ser lidas automaticamente pelo simples fato de que a estrutura do Distrito não as oferece, como sugere o senso comum, mas como um sentido elaborado pelas pessoas que expressam valores e costumes.

As chances de encontrar trabalho, de estudar e de garantir direitos sociais tornaram-se mais próximos para alguns com a extensão do SIT, provocando redimensionamentos nas suas perspectivas. Pessoas que haviam se mudado para outros bairros retornaram a Tapuیرama e voltaram a conviver em suas próprias casas ou com a família. Hoje, alguns trabalhadores não pensam em morar novamente em Uberlândia, pois têm acesso a ela diariamente, o que lhes permite residir em Tapuیرama e trabalhar fora, inclusive os que vieram da Bahia. Os horários permanentes dos ônibus possibilitaram oportunidades de trabalho para alguns baianos que não trabalham mais na atividade de extração de resinas. Alguns encontraram trabalho em fazendas localizadas entre o Distrito e Uberlândia, nas proximidades da rodovia BR-452, aonde eles chegam de ônibus. Isso demonstra que, para eles, não é preciso fazer alterações em suas rotinas, e que podem (re)projetar seus futuros e traçar projetos de vida no próprio Distrito¹⁸⁷.

Com a implantação da linha de “ônibus urbano”, o relacionamento com Uberlândia também se redefiniu. Atualmente, as pessoas se deslocam mais facilmente para essa cidade com as mais diversas finalidades: fazer cursos técnicos e profissionalizantes como informática, enfermagem, vendas e ensino superior, estudar, passear, entre outros. As mulheres, donas de casa ou senhoras de mais idade, principalmente, tiveram a oportunidade de fazer cursos em clubes de mães em igrejas de Uberlândia, como por exemplo, pintura, crochê, bordados entre outros – já que a igreja de Tapuیرama não oferece essa atividade – e que depois revertem em alternativas para contribuir na renda familiar.

O estreitamento de relações desses moradores com Uberlândia está vinculado à busca por meios que possam auxiliá-los a superar deficiências encontradas no viver em Tapuیرama. Esse campo de convivências adquire sentidos claros para aquelas pessoas. Elas procuram por atividades que de alguma forma contribuam para contornar as dificuldades vividas, como a falta de instituições escolares que oferecem cursos profissionalizantes ou a carência de oportunidades de emprego, tentando assegurar reconhecimento social (que muitas vezes também se refere às necessidades básicas como a garantia do arroz e do feijão à mesa). Sobretudo, visam assegurar seus direitos a cidadania. As relações com pessoas e instituições em Uberlândia são pautadas dentro da

¹⁸⁷ Neste sentido, a pesquisa de Renata Silva traz considerações sobre mudanças e permanências nos modos de viver de trabalhadores no Distrito de Martinésia com a implantação do SIT, o que contribui para estas reflexões. Ver: SILVA, Renata. R. **Proprietários rurais do Distrito de Martinésia (Uberlândia/MG): viver e permanecer no campo – 1964-2005**. 2007. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

lógica do mercado de trabalho e de consumo, mas são articuladas nas experiências das pessoas e possuem significados específicos, não são explicados simplesmente pelo conceito “necessidade”. Essas relações são mediadas por interesses, delas emergem fissuras que permitem pensar nos modos como se engendram as desigualdades e nas mudanças nas suas relações de convivência.

Nesse sentido, por outro lado, aqueles que se identificam como pobres, analfabetos e de fora – como a Sra. Ivaneide o fez em entrevista – vivenciam uma realidade peculiar marcada por outros elementos. As memórias produzidas em diálogo com trabalhadores trazem à tona evidências de que “as regras” de convivência para “quem não é daqui”, criam tensões entre os moradores. Muitos não têm oportunidade de buscar alternativas em Uberlândia ou em outro lugar. Além das privações que vimos no capítulo dois, o viver na cidade é, para alguns desses trabalhadores, permeado de situações cotidianas que lhes provocam a sensação de que eles não são aceitos, evidenciando relações conflituosas estabelecidas entre os “do lugar” e os “de fora”. O âmbito dos relacionamentos com as pessoas “do lugar” se mostra como um campo onde as diferenças afloram, e por vezes também a intolerância, a um modo de viver diferente, manifestado nos modos como eles vêem os de fora: *“tu tá vendo? Tanto roubo dentro de Tapuirama?! Esse tanto de baiano que tem já nessa resina e já tá vindo umas cana aí que vai trazer mais baiano, o quê que nós vai fazer no meio desses baiano? Que esses baiano sai da Bahia só pra roubar!”*[...]”¹⁸⁸.

Diferenciações entre “os do lugar” e “os de fora” são interpretadas como algo presente no dia-a-dia desses trabalhadores. Se, no momento da chegada a Tapuirama, os “bairianos” afirmam terem sido vigiados de perto por alguns proprietários ao entrarem em estabelecimentos comerciais, se foram parados pela polícia na rua sob suspeita de uso de drogas, ou de serem os responsáveis por confusões que surgiam nos bares ou nas ruas, para alguns, a situação hoje não parece ser distinta.

Quando estes trabalhadores chegaram a Tapuirama em maior número, por volta de 1996, me recordo de situações ocorridas que resguardam uma proximidade com a narrativa supracitada. As pessoas recém chegadas foram rotuladas por alguns moradores de “baderneiros”, talvez em decorrência das atitudes de alguns, que se envolviam em confusões, ou devido a um sentimento de perda experimentado também pelos moradores “do lugar”: perda de espaços e de oportunidades. Mas, é relevante perceber

¹⁸⁸ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevistada em 26 nov. 2006.

que aquele era um outro tempo. As tecnologias – sobretudo com relação à comunicação – os seus usos e disponibilidades eram limitados e, talvez nos Distritos, eram ainda mais deficitários e os “baianos” acabavam de chegar. Havia um número reduzido de telefones públicos, apenas três, e os moradores sentiram dificuldade em utilizá-los devido à considerável procura por parte dos “baianos”, buscando manter contato com a família que ficou na Bahia.

Elementos que remetem aos relacionamentos destes trabalhadores com os “antigos” moradores de Tapuiriama foram narrados pela Sra. Ivaneide. Na primeira entrevista ela mencionou a existência de um abaixo-assinado redigido por alguns moradores “do lugar” no momento da sua chegada. A identificação deles enquanto os causadores dos problemas vividos em Tapuiriama, como por exemplo, roubos e brigas levaram à realização de um abaixo-assinado pedindo para que eles não residissem mais naquele lugar. Este evento foi elencado e (re)elaborado nas narrativas de vários depoentes. Li o abaixo-assinado, e a possibilidade de sua existência a partir das menções feitas pelos entrevistados, pelo viés da intolerância à diferença e como uma pista para apreender as maneiras como os moradores nascidos no Distrito perceberam mudanças que se operavam com a chegada daqueles trabalhadores. Mas, os significados atribuídos a ele se transformam pelas relações que os trabalhadores estabelecem com o tempo e conforme as experiências vividas. Quando questionei a Sra. Ivaneide se havia sentido alguma resistência por parte das pessoas quando chegou, ela narrou:

*Quando nós chegou pr’aqui eu num... tô lembrada o ano, foi em noventa e... eu não sei. Eu sei que foi logo quase no início, teve baixo-assinado, fizeram tudo. Foi meio mundo de assinatura e tudo pra tirar nós daqui, foi! Pela metade do povo, nós não tava aqui não. Aqui ôh, tem, eu vou te dizer, tem coisa que o povo faz aqui é de dentro de Tapuiriama e eles dizem que é os baiano que faz. Até hoje! Uma vez na escola, há um tempinho aí, roubaro um negócio lá da mulher, que eu não sei nem o quê, da casa da mulher e a mulher e... e... pegaro e disseram que tinha sido meu menino, o preconceito aqui pro lado da gente, eles tem preconceito...*¹⁸⁹

A fala da Sra. Ivaneide, além de influenciada pela questão que lhe coloquei, é analisada no contexto da entrevista como um todo. No momento, dialogava com ela preocupada em perceber como elaborava o momento da sua mudança para Tapuiriama e os significados atribuídos às relações vividas nesse lugar. Nesse sentido, ao longo da conversa, ela mostra-se interessada em justificar sua presença no Distrito. Elegeu elementos que legitimam a sua vinda, como por exemplo, o convite aprovado pelo

¹⁸⁹ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevistada em 16 set. 2006.

próprio dono da empresa. Essa legitimidade foi colocada por ela frente às situações conflituosas, como a realização do abaixo-assinado, que partia do princípio de que os “baianos” eram os culpados por roubos, por exemplo, demarcando espaços e direitos de se movimentar. Assim, ela alega como, ainda no tempo vivido hoje, eles são vistos com preconceito. O abaixo assinado é reelaborado por ela a partir de uma experiência particular que envolvera o seu filho e não tem significado no passado por ele mesmo, mas numa relação conflituosa que “*até hoje!*” é experimentada, como desabafou a Sra. Ivaneide.

Atualmente, a oferta de emprego nos canaviais, cultivados nas proximidades do Distrito, provoca novamente um sentimento de insegurança nos antigos moradores em relação a esse “outro” e a percepção de que eles chegam para retirar-lhes as oportunidades de trabalho. Hoje, ao andar pelas ruas e ao conversar com os moradores, percebo que permanece o sentimento de perda devido à presença destes trabalhadores, e que este sentimento não se resume ao acesso a bens materiais ou serviços públicos disponibilizados. Ao conversar informalmente com uma moradora, ela dizia da dificuldade das pessoas encontrarem trabalho no Distrito, afirmando que, no seu ponto de vista, os “baianos” tomam as oportunidades de trabalho existentes no lugar, assim como no episódio narrado pela Sra. Ivaneide¹⁹⁰.

As tensões presentes no relacionar-se com as diferenças do outro estão localizadas no processo de globalização e desterritorialização que “*coloca em questão a idéia de uma comunidade circunscrita a um território, a uma língua e a determinadas tradições*”¹⁹¹. O racismo e o particularismo cultural acentuam a debilidade dos laços sociais comuns e essas pessoas passam a serem vistas como competidoras desleais no mercado de trabalho, afetando os significados do pertencimento. A apresentação dessas relações unicamente em termos de “preconceito” reduziria, talvez, embates que se forjam na dinâmica das relações de poder vividas. A estratégia de não partir do preconceito em si, permite enxergar como e porque determinadas relações sociais vão sendo vividas, pensando que o preconceito também é algo que pode ser difundido pelos grupos dominantes.

¹⁹⁰ O preconceito, ao ser analisado sem desvinculá-lo do interior das relações sociais, permite que nos aproximemos dos modos de viver e de ser dos trabalhadores/moradores de Tapuira. Os vindos de fora, são tidos como ameaça à garantia de emprego, tranquilidade e bem estar da população. Esse sentimento coaduna com as atitudes e imagens que o poder público municipal veicula sobre aqueles que se mudam da zona rural, ou de qualquer outra região, e que não são possuidores de capital.

¹⁹¹ SARLO, Beatriz. Contrastes na cidade. In: _____. **Tempo presente**: notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 55.

Os moradores de Tapuiriama guardam um traço comum que é a condição de fazerem-se trabalhadores, traço compartilhado com demais moradores que habitam outros bairros de Uberlândia. Nessa condição, é através da cultura e nas relações com outros grupos e instituições que eles se vêem e se fazem vistos. Nordestinos ou não, eles compartilham de preocupações semelhantes, circunstâncias, relacionamentos, alguns valores e formas de compreender o seu viver em sociedade. Ao se relacionarem, os sujeitos expressam desejos, frustrações, carências, conformismo, indignação, pertencimento, enfim, sentimentos que vão sendo significados na trajetória vivida. Essas experiências exigem que reconstruamos nossas categorias, nos dediquemos mais a escutá-los e a analisar historicamente a subjetividade que expressam, valorizando tanto os aspectos socioculturais quanto os políticos e econômicos.

As pessoas elegem outros espaços e momentos, expressando costumes, valores e expectativas de futuro, delineando caminhos muitas vezes diferentes daqueles que nós, historiadores, gostaríamos de narrar. Mas, sobretudo, a cultura desses sujeitos nos permite perceber o lugar social de onde falam, as contradições e as tensões vividas. A partir desse entendimento, a noção de cultura é considerada enquanto prática social, espaço no qual os sujeitos se movimentam, rebatendo ou acatando relações de dominação, ou seja, arena de disputas onde os agentes produzem evidências que nos permitem ensaiar explicações para o processo histórico experimentado. A cultura tomada enquanto “*expressão de todas as dimensões da vida, incluindo valores, sentimentos, emoções, hábitos, costumes e, portanto, associada a diferentes tipos de realidade*”¹⁹² é também o lugar onde as transformações sociais se operam e podem se operar.

Ao preparar-me para o diálogo com os trabalhadores, preocupava-me questioná-los sobre suas práticas de lazer e cultura. A Sra. Ivaneide, tal como também o fizera outros depoentes, respondeu o seguinte quando questionada sobre o que faz nos finais de semana: “*Só fica, faz as coisinha dentro de casa, o que eu posso fazer, o que eu não faço as menina faz. Eu fico dentro de casa, eu não vou pra lugar nenhum*”¹⁹³. As elaborações construídas por vários entrevistados seguem um rumo próximo a este narrado pela Sra. Ivaneide. Percebi que as pessoas não vêem relevância naquilo que elas fazem para utilizar o tempo livre, ou seja, as especificidades do viver cotidiano. É como

¹⁹² FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloisa F.; PEIXOTO, Maria do Rosário R. C. Introdução. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004, p. 9.

¹⁹³ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevistada em 16 set. 2006.

se ir à casa do vizinho, assistir TV, freqüentar os bares ou o campo de futebol fosse considerado por eles como algo que não possui importância para relato, como se isso fosse para os pesquisadores práticas simples, ordinárias e sem utilidade para a pesquisa¹⁹⁴. No entanto, essa negligência ainda pode ser entendida enquanto expectativas criadas pelas pessoas em torno de outras possibilidades de afazeres, de opções de lazer e direito a cultura.

Experimentei questionar sobre o que fazem nos finais de semana de uma outra maneira, se algum costume se apresentou de modo diferente quando se mudou para Tapuirama, como por exemplo, freqüentar igrejas. A Sra. Ivaneide respondeu:

Ah, ali [na Bahia] onde tivesse um lugar que bate lata eu ia [risos] [...]. Já aqui não, agora aqui eu num saí, eu mudei pra lei de crente. Nas festa aqui eu nunca fui não, aí eu vou é assim na igreja, na igreja de crente e se precisar também eu vou na católica, eu vou em qualquer uma. Eu gosto de ir é nim... no velório, se eu conhecer eu vou, se eu não conhecer eu vou sempre, [inaudível] hoje eu tô viva amanhã eu posso tá morta e eu gosto de... muita gente né e um vizinho tá doente ‘ah tá doente, fica pra lá’, não, se eu puder ajudar eu ajudo, se dizer ‘tem, esse falta, não, lá em casa eu tenho’ [...].

Juliana: A família inteira vai à igreja

*Sra. Ivaneide: Vai. Só quem não tá indo é minha menina, que é essa que passou aí, que já tem marido, o marido tá pra lá, essa aí vai pro Hélio [bar] essa daí quando o marido tá, todo sábado tá no Hélio. Já eu num... vou pra igreja dia de sábado, não no meio de semana é dia de quinta e dia de domingo.*¹⁹⁵

A narrativa traz a justificativa dos motivos pelos quais a narradora não freqüenta festas e bailes realizados no Distrito e fala de uma das transformações ocorridas no seu modo de viver ao estabelecer-se em um novo lugar. Mas, principalmente, ela faz emergir maneiras como as relações de convivência e sociabilidades se forjam naquele espaço social ao mencionar as idas da filha ao bar e a sua relação com os vizinhos – embasadas, sobretudo, no sentido de ser solidária ao próximo. As relações instituídas em torno da igreja e com os outros, seja com os vizinhos, como no caso mencionado pela narradora, seja com um irmão, pais ou visitantes, compõem o viver desses sujeitos. Ao caminhar pelas ruas de Tapuirama é comum nos depararmos com um “pé de prosa” na porta das casas ou nas calçadas. O conteúdo em pauta para as conversas com esses “outros” é mesclado: trabalho, família, eventos que acontecerão/aconteceram,

¹⁹⁴ Sheille Batista também se deparou com situações semelhantes durante gravações com moradores da Vila Marielza. A análise que a autora faz de comportamentos de alguns narradores apontou-me um caminho para compreender outras atitudes e a relevância disso para a reflexão em minha pesquisa. Ver: BATISTA, Sheille S. de Freitas. **Buscando a cidade e construindo viveres: relação entre campo e cidade**. 2003. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

¹⁹⁵ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevistada em 16 set. 2006.

comentários sobre programas de TV, assuntos particulares e política, entre outros articulados aos seus modos de viver.

O trecho destacado ainda me permitiu ver a importância das relações que estes trabalhadores vão estabelecendo com outros, sejam eles baianos ou mineiros. Os laços de amizade que vão sendo criados e fortalecidos no dia-a-dia fazem com que as escolhas religiosas sejam postas em segundo plano, manifestando-se no ser solidário a uma pessoa conhecida se algum parente vier a faltar, através do gesto de ir ao velório em igreja diferente da sua. A afirmativa dela, de que gosta de muita gente, também viabilizou entender que as relações dessas pessoas não se restringem ao permanecer em casa, como foi sugerido por ela, essas relações se estendem a amizades construídas em espaços e momentos diversificados.

O costume de ir às festas, experimentado pela Sra. Ivaneide em Jacobina, foi transformado em seu significado e deixou de ser praticado devido a sua mudança de religião, pois ao se mudar para Tapuiriama passou para a “*lei de crente*”. Nessa fala, esse seria o sentido atribuído ao fato de não freqüentar festas. No entanto, no desenrolar da entrevista, quando a Sra. Ivaneide dizia das relações preconceituosas, perguntei, então, se ela se relacionava mais com a vizinhança, ou seja, com os moradores da “vila dos baianos”, e ela conotou um outro sentido para não freqüentar essas festas:

*Aqui não, nós aqui é o que eu tô dizendo é de casa pra roça, vai no mercado final de mês e eu é de casa ali, que eu vou na igreja sábado, final de semana e pro médico, só. Não aqui é... ninguém vai em, aqui só nossa rodinha mesmo. Se eu te dizer que nas outra vila ali em cima, nos outro baiano, nem lá, nem pra lá nós tá indo, é cá direto. O cara fica no seu canto porque é, como é que se diz, aí ninguém num ouve ninguém num diz num é. Eu acho, eu acho que fica mais melhor. Quando tá estressada diz ‘vamo embora minha irmã, tu cansou, nós tudo trabalhou a semana todinha, eu num trabalhei, mais vamo bora ali dá uma vorta mais eu, né’. Ela vai, nós senta lá no mato, nós conversa, conversa assim... fala de pai, fala de mãe fica pela [por] aí, aí volta pra casa, né! Pras festa nós num vai porque é... eu já não gosto, eu já não gostava de ir, ela... Lá nós gostava de ir aqui não, porque vai que a pessoa pisa no pé, vai que diz uma coisa, não... ‘ah tá pisano no pé é porque é o baiano’ e muitas vezes a pessoa não vai agüentar desaforo e a gente dentro de casa não ouve nem diz, num é? Eu acho as coisa assim, mais muitas vezes a gente ainda ouve porque tem filho, tem irmão, tem tudo que não quieta dentro de casa que nem a gente. Aí chega na rua bebe, se for preciso até caça confusão, acha confusão e a gente ainda é obrigado ouvir o que a gente num faz, mais por quê? Tem família que faz, nós tem que ouvir tudo também...*¹⁹⁶

As práticas de sociabilidades forjadas vão sendo significadas pelas próprias pessoas, articuladas aos modos como elaboram valores e pelo entendimento das relações

¹⁹⁶ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevistada em 16 set. 2006.

experimentadas nesse espaço social. A rodinha à qual a Sra Ivaneide se refere implica um grupo constituído por pessoas que freqüentam a mesma igreja. Esse grupo não é constituído somente pelos moradores da “vila de baixo”, mas pelos moradores/freqüentadores dos cultos evangélicos. Apesar de ela continuar afirmando que seu viver é organizado “*de casa pra roça*”, percebe-se como ela se aproxima e se distancia e relaciona-se com um grupo por meio da religião, de afinidades e de relações de convivência, atribuindo sentidos para o gesto de “*cada um ficar no seu canto*”. Vista no contexto da narrativa, a não aproximação a determinadas pessoas se dá, sobretudo, como uma estratégia para evitar possíveis desentendimentos, como elaboração de uma forma de proteger-se de acusações. Essa elaboração é instituída a partir da experiência conflituosa da qual ela apreendeu que “*a gente ainda é obrigado ouvir o que a gente num faz*”. Nesse trecho, a presença e o convívio com a irmã funcionam não somente como uma alternativa para aliviar o estresse e o cansaço do dia-a-dia de trabalho, mas também como um meio de manter-se próxima às lembranças da família e dos modos como viviam com os pais no lugar de onde vieram. No entanto, as vivências com a irmã e a oportunidade de recordarem juntas os momentos vividos com seus pais na Bahia, constituem também uma forma de evitarem contratempos com algumas pessoas, uma forma de resistir à discriminação e permanecer no lugar.

O convívio com as pessoas da igreja e com a família é parte das maneiras como ela experimenta o espaço social, caracterizando o modo como ela se movimenta no palco das diferenças. Para além de ter passado para a “*lei de crente*”, como a Sra. Ivaneide afirmou em um primeiro momento da entrevista, ela revelou outros significados que, juntamente com a religião, talvez sejam o que dá sentido para não freqüentar as festas e os outros espaços de sociabilidades instituídos pelos moradores do lugar. Ao narrar sobre os lugares que freqüenta, os modos de ser e de viver de trabalhadores no Distrito, a problemática referente a como os espaços sociais são instituídos e as múltiplas linguagens e sociabilidades foram repensadas por mim.

O momento de freqüentar lugares públicos apresenta-se para estes trabalhadores como conflituoso. Os espaços sociais são instituídos por normas de um viver que inclui relações pautadas por valores e costumes, marcadas por desigualdades sociais. Eles compartilham valores que prezam o bom comportamento e a ordem, advindos da tradição de um viver. Muitas vezes, é nisso que alguns moradores baseiam-se, distinguindo as pessoas que possuem “bom comportamento” e “boa educação” ao se relacionarem em sociedade. Os motivos atribuídos por alguns moradores para não

freqüentarem os bares em Tapuirama articulam-se num modo de trabalhar, viver e se relacionarem com a sociedade. Assim, sobretudo para os moradores que possuem mais idade, os lugares identificados como foco de brigas e confusão não devem ser freqüentados pela família e por pessoas identificadas nas noções positivas como sérias, honestas e trabalhadoras.

O bar “do Hélio”, ao qual a Sra. Ivaneide fez referência anteriormente, é um dos pontos de encontro dos moradores, sobretudo de jovens. O bar oferece música, espaço para dança, bebidas, petiscos e mesa de sinuca. Este é apenas um dos doze bares que se encontram distribuídos pelo Distrito, mas que se concentram, sobretudo, na região da Praça Said Jorge, região central. Nas fotos que se seguem pode-se observar mais do que a simples localização do bar.



Imagem 07: Bar “do Hélio”. Distrito de Tapuirama.
Arquivo: Juliana Lemes Inácio, 26 nov. 2006.



Imagem 08: Bar “do Hélio”. Distrito de Tapuirama.
Arquivo: Juliana Lemes Inácio, 26 nov. 2006.

A intenção de registrar essas imagens conforma-se com minha preocupação em discutir o viver dos trabalhadores naquele espaço social para além do seu dia-a-dia de trabalho, pensando nos modos como se relacionam, os espaços que freqüentam e as linguagens que vão elaborando, instituindo sentidos aos espaços públicos por meio de sua cultura. Desse modo, o assunto das duas fotos é a convivência das pessoas nos espaços públicos do Distrito, nos bares e nos arredores da praça. Propositamente elas foram produzidas por mim em um domingo à tarde, a uma distância média da qual foi possível registrar o movimento das pessoas e a disposição no espaço. Em ambas as imagens nota-se que o bar possui muitos “fregueses”. A inscrição na fachada superior do lugar foi destacada pelo proprietário do estabelecimento: “*Xodó mineiro vende-se carvão, gelo, gás, refri, cerveja*”. O nome do bar, “Xodó mineiro”, chamou-me a atenção porque ele só é chamado assim exclusivamente pelos seus proprietários ou em ocasiões formais como, por exemplo, quando patrocina bailes no Salão Comunitário Laudelino Pereira e na festa em louvor a Nossa Senhora da Abadia. Entre a maioria das pessoas ele é conhecido como “bar do Hélio”, que é o nome do seu dono. Naquela propaganda ele também procurou destacar os serviços que oferece além das bebidas, como venda de carvão, gelo e gás.

Na primeira imagem, o ângulo privilegia a movimentação de pessoas no bar: alguns estão de pé, parados e “batendo um papo” com alguém que está próximo, um

rapaz que usa boné está segurando um copo na mão e à sua frente uma mulher, usando blusa preta, está encostada no cercado de tábuas do estabelecimento e parece abraçar alguém que está sentado. Uma pessoa, usando blusa vermelha, acaba de adentrar ao bar e parece direcionar-se às mesas onde se encontram outras pessoas sentadas e tomando “uma cervejinha” no interior do bar. No lado de dentro do estabelecimento existem as mesas de sinuca, os balcões, a pista de dança, a cozinha e os sanitários. O movimento em seu interior se concentra, sobretudo, nessas mesas de sinuca durante o dia, e à noite, especialmente aos sábados, o movimento direciona-se para a pista de dança. No entanto, o agrupamento de pessoas na parte externa do bar e nas calçadas próximas é freqüente tanto à noite quanto durante o dia nos finais de semana.

Na segunda imagem aparece, do lado direito, a imagem de algumas mulheres, uma delas faz uso de uma cadeira pertencente ao “bar do Hélio”, visto que a calçada onde elas se encontram é comumente preenchida com mesas e cadeiras do bar onde as pessoas se acomodam e aproveitam o momento de descontração, firmam laços de amizade, conhecem novas pessoas e namoram. No lado oposto, um rapaz que está atravessando a rua vem do campo, como é conhecido pelas pessoas do lugar o Poli-esportivo. Ele leva consigo uma mochila que contém, provavelmente, acessórios utilizados durante a partida de futebol que acabara de finalizar. Talvez por este motivo, ele olha para trás, em direção ao campo, provavelmente observando o restante dos “jogadores” que de lá também saíam. Nessa segunda fotografia, outras duas situações chamam a atenção para comportamentos vividos pelas pessoas em Tapuiriama: passear pelas ruas do Distrito em automóveis, seja carro ou moto, e ir para a praça somente para “curtir” o movimento. Tanto o rapaz que está na moto quanto os outros três que estão de pé na esquina da praça são bastante jovens. O gesto de andar com o capacete um pouco fora da cabeça – o que não quer dizer que isto seja praticado por todos – denuncia que ele está observando as pessoas e o que acontece no lugar ou, como eles dizem, procurando alguma coisa para fazer.

Com os três jovens que estão na praça a situação não parece ser diferente, eles conversam entre si, uma prática comum entre os moradores do lugar. Além disso, é comum a expectativa de encontrar algum amigo ou que alguém sugira algo para se fazer, como por exemplo, tomar cerveja, sorvete, comer pastel, ou se deslocar até o campo. As imagens que seguem permitem aprofundar essa reflexão.



Imagem 09: Praça Said Jorge em Tapuira. Distrito de Tapuira.
Arquivo: Juliana Lemes Inácio, 16 dez. 2007.



Imagem 10: Praça Said Jorge em Tapuira. Distrito de Tapuira.
Arquivo: Juliana Lemes Inácio, 16 dez. 2007.

Ambas as fotografias da praça foram feitas por mim numa tarde de domingo, quando acontecia o encerramento de uma novena em louvor à Santa Bárbara. A primeira imagem registrou o movimento de pessoas ao redor da igreja devido a celebração, no entanto, a participação de pessoas na praça não se restringe aos eventos realizados pela igreja que lá se localiza. Nessa mesma imagem observa-se a presença de pessoas sentadas nos bancos, conversando com outras, prática que compõe os modos como vivem e que dão um sentido à praça embasado nas suas relações de convivência.

Na segunda imagem a movimentação de pessoas, incluindo adultos e crianças, permite aprofundar considerações a respeito da relevância da praça enquanto um espaço social composto por momentos de sociabilidades, encontros e relacionamentos dos moradores e visitantes do lugar. Nessa fotografia, ainda nota-se a presença de um trabalhador vendendo pipocas. Essas observações convergem no entendimento de que a praça além de ser um lugar de passagem das pessoas que vivem no Distrito é ainda um espaço que envolve múltiplos sujeitos, sentidos e práticas. Em lugares pequenos é na praça que se concentram diversos acontecimentos: ela é o lugar de diversão, de práticas religiosas, de esperar o tempo passar, de encontrar um amigo, de trabalhar, de criar e recriar novas relações de convivências.

Ao ser questionado sobre o que pensa a respeito das opções e práticas de lazer das pessoas naquele lugar, o Sr. Anderson nos diz que:

Opção que a gente tem aqui é um bate-papo, todo lugar que ocê vai aqui em Tapuiriama [...] o relacionamento, o bate-papo, uma bolinha, sempre depois da bolinha tem aí essa confraternização de novo aí, esse bate-papo. Olha, é a única coisa! Não tem outra coisa a não ser isso aí. Pessoal que vende bebida alcoólica fala: “ah, Tapuiriama vende muita bebida alcoólica, é um lugar, eu nunca vi um lugar pequeno que vende tanto.” Por que que o pessoal costuma beber muito? Por isso. Não tem opção! Cê chega pra conversar com um amigo, o quê que ocê tem? Cê tem um barzinho e um campo de futebol, ocê vai jogar bola ou ocê vai bater um papo com um amigo, ou cê vai tomar cerveja.¹⁹⁷

As pessoas se movem à procura de alternativas para se relacionarem e se divertirem, forjando espaços de convivência. Os significados do ato de ir aos bares e de consumir quantidades elevadas de bebidas alcoólicas, por parte de uma quantidade relevante de pessoas, é entendido nos sentidos peculiares de suas culturas. A oportunidade de confraternizar-se com amigos nesses bares, bater uma bolinha ou um papo são, no sentido atribuído pelo Sr. Anderson, a única opção referente ao que fazer em Tapuiriama. As experiências instituídas pelos sujeitos nesses espaços públicos não

¹⁹⁷ Sr. Anderson Gomes Gonzaga. Entrevista realizada em 30 jul. 2006.

são, portanto, esvaziadas de sentidos e significados, assim como não o são esses espaços.

No entanto, ir a bares não é uma atividade comum a todos já que alguns dos moradores entrevistados afirmaram não freqüentá-los, por considerá-los lugares propícios a confusões devido ao consumo de bebidas alcoólicas. As pessoas que partilham dessa opinião geralmente se reúnem em casa com a família e amigos para um churrasco, uma reunião mais particular. O futebol é uma das opções para aqueles que preferem não beber ou sair para passear em bares, apesar de que, muitos dos que jogam futebol também vão aos bares. O futebol é uma das práticas que reúne e aproxima o maior número de pessoas. Jovens, idosos, mulheres e crianças freqüentam o Poliesportivo de Tapuiriama. Além de um local destinado a práticas de esporte – voley, basquete e futsal, além do futebol, preferido pela maioria – este espaço social transforma-se, pelas atitudes dos sujeitos, em palco de diversão, descontração, trabalho e aprendizado.

Na ocasião em que era disputada uma partida de futebol válida pelo campeonato organizado pelos moradores de Tapuiriama, em um final de semana de novembro de 2006, registrei a imagem abaixo a qual é utilizada como fonte de análise em torno das vivências daqueles moradores.



Imagem 11: Os amigos do futebol. Distrito de Tapuirama.
Arquivo: Juliana Lemes Inácio, 05 nov. 2006.

Na imagem observa-se como as pessoas presentes no campo, envolvidas com a disputa, se manifestam com um lance do jogo, entre o time do Areião e o time da Fábrica, declarando suas preferências por determinadas equipes. Também se pode notar a presença de mulheres e crianças e inferir que estas aproveitam essas oportunidades para “por a conversa em dia”, fazer brincadeiras e ver amigos, o que normalmente não é feito em dias de trabalho. A arquibancada, apesar de pequena, está praticamente ocupada em toda a sua extensão, o que me remeteu à relevância e incidência dos jogos de futebol para essa população, que foram inclusive narrados por vários depoentes, mas principalmente pelos “bairianos”, como o Sr. João: *“O meu negócio mesmo, assim, se eu jogar a semana toda, chegar no sábado, no domingo, é bola”*¹⁹⁸. Os bairianos possuem um time de futebol formado exclusivamente por conterrâneos, inclusive o seu time é conhecido por este nome: “time dos bairianos”.

Nesse sentido, o futebol é visto por mim enquanto uma linguagem de cultura e sociabilidades que aproxima as pessoas, cria e fortalece relações de amizade. Entre os trabalhadores vindos da Bahia, esta prática social media relações de pertencimento, de inserção no social, sobretudo com a formação de um time que leva a marca da maneira

¹⁹⁸ Sr. João Batista de Jesus. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

como eles são conhecidos no lugar, “baianos”. O futebol, localizado no interior das relações contraditórias e desiguais em que se localiza, tem funcionado como um elemento de identidade e de diferenciação desses trabalhadores, sendo um meio através do qual esses sujeitos têm a oportunidade de se fazerem vistos por meio daquilo que gostam de fazer, por um costume que trouxeram consigo, pelos seus modos de ser. No entanto, é fundamental compreendê-lo como um elemento de identificação pelos próprios trabalhadores e não pelos outros, os “do lugar”. O time dos baianos proporciona visibilidade a eles, a partir dele acontecem relações sociais construídas nos elementos de identificação.

*“É porque eu já brincava bola na Bahia né, tinha um tanto de menina, aí eu cheguei pra cá, dei a idéia: vamos brincar bola? Vamos. Aí começou, começou brincando com oito, com cinco, e agora já tem quatorze”*¹⁹⁹. Hoje, o futebol tem sido praticado também por meninas e mulheres, servindo como um elemento articulador de relações entre mineiras e baianas, já que, como afirmou a Sra. Ana Paula, entre as quatorze mulheres que praticam o futebol existem aqueles originárias de Tapuirama, e não só baianas.

Quando produzi essa fotografia tinha em mente que não se trataria de um documento neutro e/ou objetivo. Ao concordar com Laura Maciel que o fotógrafo é um participante do acontecimento retratado, tomo as fotos não como uma reprodução mecânica e objetiva de um real dado, mas enquanto uma construção da realidade a partir de códigos e linguagens que remetem a assuntos, enquadramentos e outros elementos que constroem a mensagem que a foto informa²⁰⁰. Enquanto sujeito histórico e como pesquisadora, selecionei os temas que aparecem na imagem que ajudam a compor outras memórias das vivências e culturas daqueles sujeitos, de acordo com o recorte delimitado nessa pesquisa e pela ênfase dada nas narrativas das pessoas.

Naquela ocasião, não foi possível registrar a presença de trabalhadores no Poli-esportivo, mas algumas pessoas aproveitam os momentos dos jogos para complementarem a renda familiar. É comum a presença de vendedores de salgados, doces e até brinquedos naquele espaço.

Conforme informações obtidas junto ao diretor de esporte, recreação e lazer da Prefeitura Municipal de Uberlândia, a FUTEL (Fundação Uberlandense do Turismo,

¹⁹⁹ Sra. Ana Paula dos Santos da Silva. Entrevistada em 20 ago. 2006.

²⁰⁰ Ver: MACIEL, Laura Antunes. Clichês do sertão. In: _____. **A nação por um fio**: caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon. São Paulo: EDUC, 1998. p. 179-242.

Esporte e Lazer) atende crianças em aulas de futebol e futsal em Tapuiriama. Mas, apesar de projetos como esse da “escolinha de futebol” da Prefeitura serem estendidos aos Distritos, os moradores ainda anseiam por outras oportunidades, principalmente as crianças e os idosos.

Os Distritos, apesar de receberem projetos sociais da Prefeitura – como o “Rua de Lazer”, evento que leva brinquedos e recreação por meio de atividades esportivas às pessoas, e o “Palco Móvel”, que leva apresentações artísticas de variadas categorias – ainda são carentes no que diz respeito a espaços públicos como opções de lazer. Esses eventos contam com a participação dos moradores do lugar, dos trabalhadores vindos da Bahia, de crianças e de moradores da zona rural do Distrito. No entanto, como eles não acontecem regularmente são as práticas culturais criadas pelas próprias pessoas aquelas mais presentes nas suas memórias, às quais os entrevistados se referem nas gravações, tais como, o futebol, a sua presença em bares, a relação com os vizinhos e os encontros familiares.

As pessoas criam estratégias no seu dia-a-dia, novas maneiras de interagirem nas relações de poder de acordo com o que lhes é possível, com o que é articulado no interior dos seus costumes e cultura, situando neste aspecto a riqueza em se trabalhar com as diferenças enquanto possibilidades alternativas nos processos que buscam instituir-se como hegemônicos, destrinchando a sua aparente face de homogeneidade.

As sociabilidades vivenciadas por estes trabalhadores, as quais acabei de tratar, não podem ser deslocadas do momento histórico e do espaço social em que se situam. As trajetórias vividas pelos moradores de Tapuiriama, especialmente pelos trabalhadores vindos da Bahia, os “migrantes”, encontram-se no lugar das fissuras que afetam os significados de pertencimento. A disputa em torno da cidadania está localizada, nesse momento histórico, no interior de um desordenamento do espaço público, apreendido ao tomar as diferenças como expressão das disputas e tensões sociais²⁰¹.

As discussões realizadas por Beatriz Sarlo acerca dos sentidos e usos do espaço público foram relevantes para a reflexão em torno dos gestos e atitudes de diferentes instituições e agentes sociais e a disputa pelo direito de pertencer à sociedade, do direito

²⁰¹ A diferença vista no interior do processo hegemônico – tal como as tentativas de grupos capitalistas hegemônicos em sufocar cada vez mais os trabalhadores, descolando-os de seus “lugares de origem”, pode indicar para nós formas de luta. As diversas formas de oposição e de resistência são importantes não só em si mesmas, mas, nas palavras de Raymond Williams, “*como características indicativas daquilo que o processo hegemônico procurou controlar na prática*”. Ao problematizar a noção de hegemonia, Williams nos remete à realidade do processo cultural enquanto espaço que inclui esforços e contribuições daqueles que estão nas margens dos termos da hegemonia específica. Ver: WILLIAMS, R. *Hegemonia*. In: **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 116.

a cidadania que perpassa os modos de viver desses trabalhadores. Ao chamar a atenção para transformações sociais a partir da realidade argentina, Sarlo aponta a desordenação do espaço público, em que os projetos burgueses de cidades, construídos desde o início do século XIX, encontram-se em crise, destacando como vivemos a decomposição do tecido de relações que sustenta a experiência social. A maneira como se experimenta hoje a vida em sociedade passa pelas transformações urbanas, pela desterritorialização da cultura, pela afirmação do consumo. Assim, emergem fissuras que afetam os significados do sentir-se pertencer. As igrejas e os meios de comunicação – que com a crise de legitimidade de todas as autoridades antes reconhecidas, como as escolas, o Estado, sindicatos ou política, por exemplo – passam a *“oferecer significados que não podem ser encontrados em outro lugar ou que não são aceitos nem críveis quando vem de outro lugar”*²⁰².

Ao historicizar as relações de sociabilidades, as práticas religiosas e de entretenimento vividas, essas ações passam a ser percebidas dentro de um campo de disputas. Assim, a participação das pessoas nas igrejas católicas e evangélicas em Tapuira, o que chama a atenção para o aspecto religioso do viver destes sujeitos, é digna de análise seguindo essa linha de reflexão. O aumento considerável no número de igrejas evangélicas é lido como um sintoma das transformações nas relações sociais e de intervenções no espaço público²⁰³.

O Distrito de Tapuira possui cinco igrejas evangélicas. A igreja é entendida enquanto espaço social de poder e de convivência. Refiro-me primeiramente ao modo como ela possibilita encontros entre pessoas, viabilizando a construção de novas amizades. Por meio dessas relações, as pessoas vão se identificando e sentindo-se pertencer aos espaços públicos, passam a pautar regras, tais como datas e horários de cultos, percebidas como parte do viver e como aquilo que é significativo nas relações que estabelecem. Quando entrevistei a Sra. Ivaneide pedi que ela me mostrasse algumas fotos, aquelas que para ela eram especiais. Nessa seleção, ela separou uma fotografia dela com outros participantes da igreja quando realizaram um passeio.

²⁰² SARLO, Beatriz. Contrastes na cidade. In: _____. **Tempo presente**: notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p.59.

²⁰³ CARDOSO, Arnaldo F. Dos usos da fé e da política num Brasil em mutação. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/Brasil.20/04/2005>>. Acesso em: 15 ago. 2007.



Imagem 12: Sra. Ivaneide em Uberlândia: participação em evento da igreja
Arquivo: Sra. Ivaneide Jesus dos Santos, s/d.

A imagem refere-se a um encontro promovido pela igreja Assembléia de Deus com o intuito de reunir as comunidades da cidade em orações, incluindo os bairros e os Distritos. Atualmente a Sra. Ivaneide informou que a comunidade de Tapuیرama não participa destes eventos e que eles têm interagido mais nos encontros que acontecem no Distrito. Isso permite pensar no fortalecimento de relações de convivência e religiosidade entre os moradores do lugar.

O momento de ir com os “irmãos” da igreja até Uberlândia fora importante para a família da Sra. Ivaneide a ponto de ser registrado por ela através de uma câmera fotográfica, guardada e apresentada à pesquisadora. O fotógrafo selecionou o grupo de amigos como o assunto principal da imagem. Pais, filhos e amigos aparecem neste ângulo e alguns deles com um sorriso no rosto que, além de expressar que posavam para as lentes da câmera, também remetem a um sentimento de contentamento em vivenciar aquele momento. E ao posarem para este registro, não abriram mão de manter consigo as Bíblias que utilizavam durante o encontro. O Sr. Hélio e a Sra. Ivaneide aparecem por detrás das crianças escolhidas para participarem daquele evento, num gesto que denota a responsabilidade de cuidar delas em meio à quantidade de participantes que ali estavam presentes, como pude verificar ao analisar o movimento de pessoas flagrado no fundo da imagem.

A Sra. Ivaneide narrou o seguinte quando pedi a ela que me falasse sobre a fotografia:

*Essa daqui foi lá no Camaru. Aqui era [inaudível] era reunião das igreja tudinho, primeiro de maio, agora só que eu num lembro o ano. Aí a gente ia, ficava o dia todinho lá, aí lá comia, bebia, quando era de tarde a Van trazia. Era muita gente que tinha lá menina! Lá era bom! [...] aí é o mesmo grupo, só que não tá o povo tudo, só tá eu, Lucia e os menino e Luis Cláudio mais a família, e outra menina que eu levei que era essa daqui de vermelho.*²⁰⁴

Ao narrar sobre um momento vivido junto à comunidade da igreja, a Sra. Ivaneide trouxe dimensões dos significados que o fazer parte dessa comunidade possui para ela. A reunião de todas as igrejas evangélicas de determinada doutrina aconteceu em Uberlândia, no Camaru²⁰⁵, lugar que possui um espaço bastante amplo. O evento é reelaborado pela narradora pela relação que estabeleceu com as pessoas. As comidas, bebidas, os trajetos realizados em Van, as crianças e os amigos que participavam são os elementos que constituem a memória daquele momento, o qual não é recordado a partir do calendário oficial. Os tempos e os espaços destinados por parte das instituições religiosas aos rituais e cultos possuem, para a Sra. Ivaneide, um significado particular traduzido pelos sentidos de se interrelacionar com as pessoas. A maneira como ela caracteriza esse momento apresenta proximidade com passeios casuais que as pessoas realizam junto à família ou aos amigos.

As relações de religiosidade instituídas pelas pessoas, vistas no interior da dinâmica das relações sociais, permitem perceber expressões de modos de viver e as maneiras como elas se articulam e se movem no processo social e histórico. Ao ser questionada se conhecia muitas pessoas no Distrito, a Sra. Ivaneide narrou relações de sociabilidades:

*Aí, vamos supor, a semana passada foi aqui em casa, essa semana que vem é na casa de de Edna ali, aí vai assim, é na casa de quem for pedindo a vezes você diz assim ‘ah vamos fazer esse culto lá em casa’ aí a gente vai, nós tudo vai [...]. Dentro de Tapuirama eu só vou pra Uberlândia e pra Igreja porque também eu num... a gente reúne nós mesmo aqui, o povinho da igreja, o povinho lá de Uberlândia.*²⁰⁶

Ao contradizer-se em relação a uma fala anterior – quando afirmou que não sai de casa e que vai somente ao Hospital de Clínicas da Universidade Federal de

²⁰⁴ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevistada em 26 nov. 2006.

²⁰⁵ O Sindicato Rural de Uberlândia, juntamente com a Prefeitura Municipal de Uberlândia, organizam anualmente a Feira Agropecuária no CAMARU (Centro de Amostra e Aprendizagem Rural de Uberlândia). Este Parque de Exposições localiza-se no bairro Pampulha em Uberlândia, possui espaços para exposições agropecuárias e é utilizado também para a realização de diversificados eventos.

²⁰⁶ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevistada em 26 nov. 2006.

Uberlândia em função do tratamento de saúde que faz – a narradora trouxe possibilidade de reflexões sobre o papel da igreja nos seus modos de viver. Ao adquirir um sentido de ponto de encontro, de referência de espaço/tempo marcada na frequência aos cultos e missas, essa instituição se legitima junto aos moradores. O “*povinho lá da igreja*” foi mencionado pela Sra. Ivaneide como uma instância de identificação, sugerindo que não vivemos em um vazio de experiências e nem num vazio de instituições. A maioria dos trabalhadores vindos da Bahia que tem a prática de ir a uma igreja frequenta igrejas evangélicas. Em entrevistas alguns afirmaram que essa é uma prática comum desde quando viviam na Bahia. Outros dizem ter recebido convite e incentivo de familiares ou amigos que tinham esse costume. Nesse sentido, as igrejas são espaços onde eles vêm possibilidades de se manterem unidos e próximos a práticas sociais que lhes eram comuns no lugar de onde vieram.

As atuações da igreja católica em Tapuirama não são entendidas desvinculadas da presença de pessoas e instituições que professam, para além da fé protestante, também relações de disputa, na medida em que a igreja constitui uma instituição de poder. Isso pode ser investigado ao olhar criticamente para algumas mudanças nos costumes das pessoas que vivem nesse Distrito. A festa em louvor a Nossa Senhora da Abadia, padroeira do lugar, acontece todos os anos no mês de julho. Ela consiste na realização de novenas; inclui batizados; bênçãos de automóveis; caminhada em romaria com saída da Paróquia Cristo Rei, localizada no bairro Alvorada em Uberlândia, até a igreja Nossa Senhora da Abadia em Tapuirama; queima de fogos; procissão e cavalcada; leilão de prendas realizado no Salão Comunitário Laudelino Pereira²⁰⁷; bailes com música ao vivo.

A cada ano essa festa adquire um novo significado para as pessoas que dela participam, articulado às expectativas das pessoas e às condições em que vivem e trabalham. Ao experimentar o processo dinâmico, os sujeitos históricos reinventam sentidos e significados. Assim, em 2006, em função dos jogos da copa do mundo de futebol, a cavalcada, tradição vivida e praticada pelas pessoas no lugar, não aconteceu. A cavalcada era, por costume, realizada no domingo que antecede o final de semana de encerramento da festa. Em 2006, os organizadores deste evento, que constitui parte das

²⁰⁷ O Salão Comunitário Laudelino Pereira é frequentado por uma vasta gama de famílias que residem no Distrito e nas fazendas e sítios localizados nos seus arredores. Os trabalhadores vindos da Bahia também frequentam este espaço, porém de maneira menos constante, talvez por não ser esse um costume deles. No salão são promovidos os bailes da igreja, eventos comunitários promovidos pela Associação de Moradores de Tapuirama, shows, terços, leilões e eventos particulares, como festas de casamentos ou aniversários já que o espaço é comunitário.

atividades celebrativas em louvor a Nossa Senhora da Abadia, notaram que ela coincidiria com a final do campeonato mundial de futebol, na qual esperava-se que a seleção brasileira estaria presente, e optaram por não fazê-la naquele ano. Essa atitude gerou concordâncias e discordâncias, fato que fez com que, em 2007, a cavalhada não acontecesse como um sinal de descontentamento – por parte daquelas pessoas que participam da cavalhada – por essa tradição, algo que possui sentidos para muitos, ter sido momentaneamente rompida devido aos jogos.

A romaria rumo à igreja Nossa Senhora da Abadia em Tapuirlama, parte das celebrações da festa, foi idealizada pela igreja por intermédio de um padre da paróquia no ano de 1999. Desde então, centenas de fiéis se mobilizam em torno da caminhada todos os anos. Ao não desvencilhar este acontecimento da dinâmica social vivida, mas localizando-o no campo material de disputas de sentidos em que se localiza, questiono-me acerca da “invenção”²⁰⁸ dessa romaria e dos sentidos atribuídos a ela, ou que se deseja sejam atribuídos. Tapuirlama possui apenas uma igreja católica, como ocorre com a maioria das cidades pequenas. No entanto possui atualmente cinco igrejas evangélicas. Como problematizar estes números? O que eles podem nos dizer? A “invenção” dessa nova tradição católica no Distrito, a romaria, pode ser compreendida em relação ao crescimento do número de igrejas evangélicas e outras seitas, ao estabelecer ligação entre essa discrepância, em termos de quantidades de igrejas evangélicas em relação à católica, e à articulação dos sentidos vividos pelas pessoas, tanto católicas quanto evangélicas.

Os trabalhadores vindos da Bahia que participam desta festa – já que não são todos que se envolvem nela porque a maioria deles afirma serem evangélicos – atribuem a ela um significado particular. Os momentos dos bailes no salão, do freqüentar os bares do Distrito, que nesse período atraem pessoas diferentes e em maior número, e a possibilidade de fazerem novas amizades é o que aparece como relevante a eles. A festa é um momento de encontros com familiares, amigos e oportunidade de criar e fortalecer amizades. E é esse o sentido que perpassa o gesto de participar das atividades festivas

²⁰⁸ Eric Hobsbawm entende que “tradições inventadas” são “reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a ‘invenção das tradições’ um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea.” Ver: HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 10.

nessa época do ano no Distrito por parte de muitos, inclusive dos trabalhadores da extração de resinas.

Os bares do lugar, sobretudo o “bar do Hélio” e os demais que se localizam no entorno da praça, passam a ter o dobro do movimento de pessoas nessa época do ano. Desse ponto central, próximo ao Salão Comunitário, à igreja e à rodoviária, mais do que tomar uma cervejinha com amigos, costume que se desenrola no decorrer de todo o ano, é possível acompanhar e participar de todo o movimento da festa: pessoas que chegam – aproveitando essa oportunidade para rever amigos e a família, bem como participar de outras dimensões da festa – moradores que vão a passeio para alguma cidade vizinha ou outros lugares onde têm familiares e/ou colegas. As pessoas que aproveitam esse momento para saírem do Distrito a passeio, ou aproveitando a oportunidade para resolver alguma pendência, o fazem em função de que no período da festa parte dos serviços a serem feitos por aqueles que trabalham em fazendas, seja lidando com gado ou com lavoura, são suspensos. Por exemplo, se algum trabalhador tira leite duas vezes por dia, nos finais de semana alguns o fazem somente pela manhã com a finalidade de aproveitar a festa. Mas, para outros, como os “baianos”, a festa não altera o seu tempo de trabalho, essa é vivenciada por eles somente à noite ou nos momentos de folga.

Assim, se para alguns trabalhadores/festeiros a festa tem o sentido de se absterem de algumas partes das tarefas rotineiras, para outros ela é sinônimo de trabalho. A fotografia abaixo sugere uma multiplicidade de práticas sociais que, no período dessa festa, quebram um pouco da rotina vivida pelos moradores de Tapuiriama.



Imagem 13: Festa Nossa Senhora da Abadia: as barraquinhas. Distrito de Tapuirama.
Arquivo: Juliana Lemes Inácio, 21 jul. 2007.

Na fotografia acima, feita num sábado à noite, nota-se que essas “barraquinhas”, como são conhecidas pelos moradores do lugar, são visitadas pelos participantes da festa, algumas pessoas observam os produtos expostos, geralmente brinquedos, acessórios e até roupas. Muitos fazem pequenas compras – junto aos trabalhadores que se preocuparam em fazer da praça um espaço de trabalho nesse período – adquirindo brinquedos para agradar as crianças, o que também compõe o sentido de diversão e lazer que a festa sugere.

A imagem seguinte também foi escolhida com a preocupação de refletir sobre o momento da festa sem desvincilhá-la das relações de trabalho.



Imagem 14: Participantes da Festa/ Festa/ Trabalhos/Praça.
Arquivo: Juliana Lemes Inácio. 22 jul. 2007.

A imagem chama a atenção para as pessoas que compõem o espaço da praça ao conversarem, ou simplesmente ao passarem por ela, e para as bandeirinhas, que de certa forma marcam esse momento festivo, por serem utilizadas todos os anos como um adereço especial ao lugar. A presença de trabalhadores artesãos no centro da praça e de barraquinhas no entorno dela também são destaques. A calçada ocupada por barraquinhas se localiza na praça, onde também está a igreja, em frente ao Salão Comunitário. Esses espaços são alugados pela Associação de Moradores de Tapuirama que deve utilizar essa renda complementar em benefício dos moradores. Assim, a praça, palco importante de encontros e eventos dessa festa, constitui-se também em um espaço de trabalho e em espaço significado por múltiplos sujeitos.

O fato de a maioria dos trabalhadores vindos da Bahia ser evangélica não os impede de participarem das demais dimensões da festa, principalmente os mais jovens. Os trabalhadores se relacionam nos bailes que acontecem no Salão Comunitário Laudelino Pereira, nos bares e na praça, espaços que nesse período, de certa forma, também passam a ser lugares daquela festa devido a presença e aos comportamentos das pessoas que para lá estendem tudo o que esse evento abarca. Ou seja, eles vão para estes espaços sabendo que o momento da festa é quando o Distrito ganha novas dimensões, recebe visitantes, pessoas que se hospedam nas casas de parentes ou amigos, fazem usos

dos mesmos espaços públicos, compram nos mercados, lotam a praça, os bares e o Salão Comunitário, imprimindo um sentido de festividade no Distrito. É este tipo de expectativa vivida em relação à festa que contagia esses trabalhadores. Essas pessoas experimentam esses espaços da festa e passam a atribuir a ela outros sentidos, não são somente as celebrações que lhes prendem a atenção, mas a convivência com amigos, a música e a dança. Isso se difere dos sentidos dados por católicos que têm o costume de freqüentar todas as dimensões daquela festa, as procissões, as missas e os leilões de prendas, e não somente o momento do baile, dos encontros e da diversão, apesar destas estarem incluídas.

Ainda que a música não lhes agrade, como a Sra. Jaiane mencionou, eles usam sons de carros para passarem aqueles ritmos que eles gostam como uma forma de manter e reelaborar alguns costumes seus nos processos de transformações vividos, além de demarcarem outras maneiras de compor e participar daquela festa, dando a ela um significado próprio conforme suas culturas.

Nesse sentido, as relações de sociabilidades são entendidas enquanto expressão de um modo de viver articulado a valores e costumes, imbricados aos modos como trabalham. As pessoas narram como lhes são dadas as opções para praticarem lazer e relações de sociabilidades. Mas, o diálogo com sujeitos antagônicos possibilitou perceber estratégias criadas por eles para suas relações de religiosidade, relacionamentos com a vizinhança, atividades de lazer, entre outras, enquanto componente dos viveres destes sujeitos.

No entanto, essas relações vêm sendo envolvidas pela angústia sentida por muitos em relação ao momento de indefinição vivido no trabalho. As formas como eles avaliam os modos como moram, se relacionam, compram, trabalham e se divertem estão sendo delineadas em função da possibilidade do término da atividade de extração de resinas nessa região do Triângulo Mineiro, fato que também altera as suas relações com o tempo.

Ao analisar as entrevistas percebi como os trabalhadores estabelecem relações com o tempo e vão (re)construindo memórias sobre o seu viver. Na ocasião da primeira entrevista com a Sra. Ivaneide, no momento em que eu finalizava a gravação, perguntei se ela desejava colocar mais alguma observação e ela frisou:

Não, eu pra mim menina, eu agradeço a Deus. É igual eu te digo, num tenho, num tenho o que falar do serviço [...] e nem do lugar... E é uma coisa que a gente tem que sentar o joelho no chão e agradecer a Deus todo dia, porque

*quem dizer assim tá nessa resina tá aqui dentro de Tapuیرama que tá trabaiano tá de barriga cheia, não tá porque não quer, dentro de Tapuیرama tá passano fome é porque quer porque não tem só a resina tem vários pra todo mundo trabaia, tá dentro de Tapuیرama pra serviço é dez a zero de Uberlândia, é muito bom demais! Tapuیرama...*²⁰⁹

Naquele momento, minha preocupação foi perceber como os sujeitos interpretam no presente a sua mudança para Minas Gerais e os significados atribuídos às relações vividas em Tapuیرama e, nesse sentido, lhe propus algumas questões que direcionaram aquele diálogo, inquietaram a Sra. Ivaneide, incitando-a a refletir comigo sobre esse assunto. Nesse ambiente, a imagem positiva de “adaptação” ao lugar e ao modo de viver fora narrada por ela por meio de expressões que invocam noções de gratidão e de bem estar, mas que também envolvem tensões como foi tratado no segundo capítulo.

A narradora expressou o entendimento do lugar onde vive através de considerações sobre o seu trabalho, construindo imagens de satisfação com ele que traduziam as expectativas condizentes com o momento vivido, e principalmente esperança de que o trabalho não lhe faltasse. A partir de sua narrativa, inserida no campo de possibilidades, percebi como aqueles trabalhadores esperavam que as condições vividas fossem diferentes em relação aquelas experimentadas anteriormente.

A sua experiência pessoal foi articulada em torno de expectativas otimistas criadas por ela sobre o município de Uberlândia. Ao interpretar esse processo, a Sra. Ivaneide faz escolhas e opta por narrar aspectos positivos da realidade vivida e da sua presença nesse lugar no tempo presente. Nesse movimento, quando afirma não ter o que reclamar do lugar, ela distingue Tapuیرama e Uberlândia através do entendimento de que no Distrito as oportunidades de trabalho são múltiplas e para todos.

Por considerar a fala da Sra. Ivaneide rica, em termos de alternativas explicativas para os processos sociais e históricos vividos, optei por realizar uma segunda entrevista com ela. Para este segundo momento de diálogo, retornei preocupada em perceber como as pessoas elaboram perspectivas de futuro, pois tomei conhecimento de que o produtor rural, *JPL Resinas*, estava demitindo trabalhadores e que a perspectiva era de que a extração de resinas nessa região durasse por apenas mais dois anos.

Nessa segunda entrevista, gravada em novembro de 2006, realizada em um outro momento e composta de preocupações distintas da anterior, a Sra. Ivaneide elaborou

²⁰⁹ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevistada em 16 set. 2006.

uma imagem da sua vida enquanto permeada de lutas e de relações não harmoniosas, de diferenças e de desigualdades ao se relacionar com vizinhos, com instituições, com a família e nos espaços sociais freqüentados por ela. Nessa entrevista, ela muda o seu foco de preocupação até mesmo porque o meu direcionamento também mudara. Ao questioná-la sobre a possibilidade de ficar desempregada e sobre como ela planeja o futuro, ela assinalou uma outra visão sobre as suas vivências no Distrito. Ela elegeu e narrou “eventos” que compartilha com outros trabalhadores que, assim como ela, decidiram deixar seu “lugar de origem”, expressando, desta vez, como os encara enquanto desafios a serem superados. Nesse processo, ao ser questionada sobre suas expectativas em relação ao futuro, se ficaria em Tapuirama ou se voltaria para a Bahia, ela afirmou de forma convicta:

Porque não adianta, se essa resina fechar e nós ficar dentro de Tapuirama, não adianta que não tem outro serviço pra manter nós! Que não adianta nós ficar pra ficar ganhando um salário, um salário, 350 reais, que nós num dá conta de manter a família com 350 real. Ainda bota mais uma coisa que aí o barraco fica desacupado, aí vai pagar aluguel, vai fazer tudo, 350 reais dá? Num dá!

[...] Porque eu vou te dizer, aqui dentro de Tapuirama a maioria do povo que sair da resina, que ficar, e dizer assim “eu vou pegar um servicinho aqui outro acolá”, não se engane de ficar quem não é daqui que vai passar precisão!

[...] Porque na resina, na resina você ganha, você ganha a cesta, você ganha um pouquinho a mais, aí você vai passar a gente que não tem estudo, nós num acha serviço bom, serviço, outro serviço aqui não tem! [...].²¹⁰

Hoje, frente à ameaça de não conseguir se sustentar com o salário mínimo, ou até mesmo de ficar desempregada e passar a ter despesas com aluguel, cesta básica, água e luz, enfim, com coisas que, espera-se, são minimamente garantidas em função da segurança de ter um trabalho, ela propõe o movimento de retorno ao lugar de onde veio. Talvez por ver-se enquanto analfabeta e “de fora”, a Sra. Ivaneide não cria esperanças de permanecer em Tapuirama, demonstra um sentimento de mudanças nas suas expectativas em relação àquelas que possuía no passado e distancia-se da perspectiva apresentada na primeira entrevista, quando havia apresentado um desejo de permanecer no lugar, ora visto por ela enquanto promissor. A narradora considera a sua trajetória de maneira antagônica, e conforme a realidade experimentada os seus desejos e anseios mudam.

²¹⁰ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevistada em 26 nov. 2006.

Assim, o conflito prossegue dentro de cada indivíduo, de maneiras sempre mutáveis²¹¹, se manifestando nas transformações de suas visões de mundo, nos seus planos e na elaboração das experiências vividas. A visão que a Sra. Ivaneide compartilhava sobre o momento da vinda – ter trabalho fixo e “fichado”, garantir moradia e estudo para os filhos – ponto de vista que, apesar de muitos ainda utilizarem para justificar sua presença no local, se modifica nas relações vividas no presente. A partir do momento em que uma realidade, talvez tão dura quanto aquela sentida no tempo de “*andarina*”, se apresenta, as expectativas que trazia consigo passam a não se lhe mostrar como uma realidade palpável.

Sentimentos de perda de expectativas no que diz respeito às relações e ao viver nesse lugar, vez ou outra, apresentam-se nas experiências e nas atitudes dos trabalhadores e não somente porque a pesquisadora foi entrevistá-los. No diálogo com o Sr. Anderson, o questionei quanto ao que ele recordava sobre o momento da chegada dos “baianos” a Tapuیرama. Ao elaborar memórias sobre a vinda destes trabalhadores, o Sr. Anderson, antigo morador do Distrito, se referiu à “*satisfação desse pessoal quando comprava uma televisão, uma bicicleta*”²¹². Perguntei:

Juliana: Você acha que isso tá mudando?

*Anderson: Esse pessoal já... digamos assim, já adequou a esse sistema de vida, né? Quando chegou aqui já achava bão demais, o que ganhava tava beleza, hoje ocê vê todo mundo reclamando, quer dizer, já adequou ao modo de vida nosso aqui, já aderiu ao nosso sistema.*²¹³

Nas relações de convivência entre as pessoas elas passam a se conhecer e a interagir, o que lhes permite perceber transformações nas expectativas uns dos outros. A adequação ao modo de viver das pessoas no Distrito de Tapuیرama passa, nas palavras do Sr. Anderson, que é mineiro, pelo reclamar de algumas situações. Essa narrativa remete à realidade social compartilhada pelos moradores nesse espaço de cidade, as quais foram articuladas pelo entrevistado em outros momentos da entrevista. Depois de “aderir” a um padrão de vida diferenciado que, num primeiro momento era visto pelos trabalhadores como algo satisfatório, as atitudes daqueles vindos de fora passam, aos olhos dos moradores “do lugar”, a demonstrar mudanças nas suas percepções, à medida que se inserem nesse espaço público, demonstrando até mesmo nuances de insatisfação.

²¹¹ PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos; memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC, n. 10, 1993. p. 52.

²¹² Sr. Anderson Gomes Gonzaga. Entrevista realizada em 30 jul. 2006.

²¹³ Ibidem.

A Sra. Ivaneide afirma que se acabar o serviço na extração de resinas, ou: “*sem cabar, daqui é pra casa, eu num... eu num acompanho mais [inaudível] nenhuma. Se Deus me der licença de eu chegar em casa, é pra casa mesmo*”²¹⁴. O voltar para casa, uma alternativa vislumbrada pela narradora, não significa dar-se por derrotada ou conformar-se com as dificuldades, mas o desejo de contorná-las. A sua fala expressa que o desejo de pertencer à sociedade não fora sufocado. Esses sentimentos, quando incorporados à explicação histórica, permitem-nos avançar em relação às interpretações oferecidas em outros campos do conhecimento²¹⁵ que muitas vezes se mostram fechadas e determinadas, despotencializando os sujeitos históricos. A partir dos sentimentos e das questões colocadas por eles, percebe-se como suas vidas entram em conflito com outras e com diferentes interesses. Isso nos aproxima da compreensão da dinâmica social vivida, do palco das desigualdades e da discriminação, mas que deve ser convertido em reconhecimento dos outros²¹⁶.

Ao redimensionar suas perspectivas por meio do movimento da memória, a Sra. Ivaneide vê no fato de ter uma casa para viver em segurança, ainda que provisória, que a faz não desejar arriscar-se em mudanças futuras. Nesse sentido, a casa da qual a Sra. Ivaneide é proprietária na Bahia, e os parentes dela que lá vivem são, provavelmente, o

²¹⁴ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevistada em 26 nov. 2006.

²¹⁵ Ao tratar da nova geografia da migração interna a partir do ponto de vista econômico, Márcio Pochmann relata como “*os migrantes buscaram acompanhar os movimentos de expansão econômica, uma vez que o que caracteriza os deslocamentos geográficos realizados por brasileiros é, sobretudo, a procura por condições de vida e trabalho mais adequadas*”. Fazendo uso de dados do Produto Interno Bruto (PIB), o autor mostra como o dinamismo econômico do Sudeste “*tornou mais difícil à geração de condições de vida e trabalho decentes para todos*”, o que levou a uma inversão da situação migratória nacional. Cabe a nós historiadores ir além dessas constatações, começando pela problematização do termo “migrante”, que ao ser analisado historicamente passa a ser entendido enquanto “trabalhador”. Os pontos de vista dos sujeitos sociais, elaboradores de muitas memórias, permitem refletir acerca de outras histórias. Assim, o deslocamento geográfico é entendido dentro do processo de desterritorialização sócio-cultural global permeado por sentimentos, valores e atitudes de pessoas, esquivando-se de compreensões restritas ao econômico. Pochmann é professor do Instituto de Economia e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Universidade Estadual de Campinas. Ver: POCHMANN, Márcio. Nova geografia da migração interna. **Revista Forum**. São Paulo, Publisher Brasil, ano V, n. 48, mar. 2007, p. 21. Ver também: MENEZES, Maria L. P. Tendências atuais das migrações internas no Brasil. **Scripta Nova** - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 69, p. 1-9, ago. 2000. Apesar de afirmar o quanto é problemática a noção de “migração de retorno” – um dos objetivos de discussão da autora –, ela traz visões que não incorporam sentimentos, percepções e atitudes dos sujeitos.

²¹⁶ Em um estudo que discute as cidades e as indústrias culturais da América Latina, Néstor Canclini afirma que a globalização não é um simples processo de homogeneização, mas de reordenamento das diferenças, sem que elas sejam totalmente suprimidas. Ele defende uma política de reconhecimento, o qual é tido como algo que integra a alteridade e permite uma dialética com o outro enquanto, por outro lado, a noção de identidade restringe a pensar apenas na posição de um. Essa leitura me instigou a refletir em torno da relevância de se abordar as diferenças no interior dos processos históricos construídos. Ver: CANCLINI, Néstor G. Introdução: cidades em globalização. In: _____. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 24-25.

que justifica o seu desejo de retornar. Essas percepções foram articuladas pelo modo como ela se vê, “*analfabeta e de fora*”, como citado em outro trecho da entrevista, e pelo delinear das dificuldades atuais encontradas em Tapuیرama.

O desejo da Sra. Ivaneide em retornar é compartilhado por outros trabalhadores e, para muitos, não existe sequer o interesse em acompanhar a *JPL Resinas* para outras áreas. Esta é a situação do Sr. José Carlos que possui parentes e deseja voltar e viver junto deles. Essa vontade já o levou a Jacobina por duas vezes onde, nessas ocasiões, tentou sobreviver de negócio próprio, uma borracharia, mas voltou para Tapuیرama afirmando que na Bahia as condições de vida são difíceis.

Nas explicações sugeridas pelos próprios trabalhadores emergem oposições que questionam os processos dominantes pelos quais as suas vidas vão sendo exploradas, percepções de dificuldades e o desejo de resistir a elas. Os sentimentos e escolhas dos sujeitos não permitem que a realidade vivida seja silenciada. Não possuir o emprego fixo que outrora fora traduzido por eles como garantias, oportunidades e razão da mudança, implica em estar à mercê do desequilíbrio social provocado por um processo hegemônico que busca desarticular os modos de viver de trabalhadores. Este processo pode ser visto na falta de oportunidades, falta de moradia, de emprego e de busca pela cidadania, aspectos que compõem o “sistema” vivido, mencionado pelo Sr. Anderson. Nesse sentido, ao reelaborarem a “inserção” de suas vidas no tempo, eles projetam como a situação para “pobres e analfabetos” – modo como alguns deles se vêem – nesse município, pode ser tão cruel quanto fora para eles, antes, na Bahia.

Outros trabalhadores vêem a situação de forma distinta. As maneiras como estabelecem relação com o passado a partir do presente, move alguns a desejar permanecer em Minas Gerais, como é o caso do Sr. Jaílton, do Sr. Clacídio, do Sr. Adonel, da Sra. Ana Paula e do Sr. Anaílton. O último, afirmou o seguinte, quando questionado se desejava acompanhar o empregador para outras regiões onde atua ou se voltaria para a Bahia:

*Eu tô pensando primeiro ir lá, vê como que é... tô pensando. Mais, eu mesmo não tenho vontade de sair daqui não. Eu tava pensando: se caso eles encerrá, pará esse serviço que nem eles falam que em dois, três anos eles param, eu arrumo um serviço por aí mesmo, eu num tenho vontade de ir não, pra ser sincero. Em todo lugar, é sossegado demais isso daqui.*²¹⁷

²¹⁷ Sr. Anaílton da Rocha Silva, 31 anos, casado, uma filha, está em Tapuیرama há dez anos. Entrevistado em 13 ago. 2006.

O sossego do lugar é, num primeiro momento, o fator que o faz desejar permanecer em Tapuیرama. Numa visão elaborada ao confrontar relações vividas no presente, o Sr. Anaílton construiu uma imagem sobre o passado na Bahia em que a violência do lugar fora tomada como referência. Isso foi revelado por ele quando me contava da única oportunidade que teve de visitar os familiares em Jacobina depois de se mudar para Minas Gerais. Nessa passagem da entrevista, ele traduziu o lugar como uma terra onde pessoas ricas mandam matar e castigar aqueles que de alguma forma lhes são inoportunos.

No entanto, ainda levo em consideração ao analisar este depoimento, assim como fiz com os outros, que “*a narrativa depende de fatores pessoais e coletivos*”²¹⁸. Além da lembrança advinda da experiência pessoal de violência em Jacobina, seu entendimento ainda corrobora as imagens dos Distritos enquanto lugares harmônicos, desprovidos de violência e conflitos. A idéia que o Sr. Anaílton trouxe consigo no momento da mudança, referente à esperança de possuir um emprego e assegurar seus direitos sociais nessa região, permanece. Essa expectativa o faz optar por descartar a hipótese de acompanhar o empregador para outras regiões onde atua.

Nesse sentido, o significado particular e o apego pelo sossego do lugar possuem relevância tanto quanto os “fatores coletivos”. Observei que na primeira entrevista com a Sra. Ana Paula, esposa do Sr. Anaílton, ela também frisou: “*eu não gosto de lugar agitado, sabe, eu sou mais de viver na paz tranqüilo e eu acho aqui um lugar tranqüilo, você vê é poucos casos que a gente vê fulano matou fulano, né? É poucos casos, então eu acho que não tem como dizer assim, ah! aqui é ruim, né*”²¹⁹. E, quando questionada se desejava ficar em Tapuیرama ou se mudar para a Bahia, a Sra. Ana Paula reforça o desejo de permanecer:

*Eu num sei se a gente vai continuar, mais eu penso que vamo continuar porque a casa é da gente, né? A gente já comprou uma casa aqui, então pra vendê de novo e ir pra lá e sabe que lá não vai dar certo, já desacostumou de lá, não tem o trabalho suficiente que a gente quer né, então acho que é capaz de ficar por aqui mesmo, é capaz que arruma outro serviço, né?*²²⁰

A expectativa de futuro tecida pela Sra. Ana Paula é depositada na esperança de “*arrumá outro serviço*” em Tapuیرama, tal como foi elaborado pelo Sr. Anaílton e

²¹⁸ PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos; memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC, n. 10, 1993. p. 42.

²¹⁹ Sra. Ana Paula dos Santos da Silva. Entrevistada em 20 ago. 2006.

²²⁰ Sra. Ana Paula dos Santos da Silva. Entrevistada em 26 nov. 2006.

outros trabalhadores. Essa expectativa constitui-se, em parte, pelas maneiras como as pessoas expressam o compartilhar da imagem “de cidade do progresso e da oportunidade” difundida pelo poder público municipal através de vídeos, ou outros meios, e pelo jornal *Correio*. Na memória que ela elabora sobre a realidade vivida na Bahia, por meio da experiência vivida “lá”, ela “*sabe que não vai dar certo*”. A fala ainda me possibilita inferir sobre os modos como as pessoas vão, neste momento de indefinição, rearranjando os seus viveres no processo constante de transformação e alguns dos caminhos apontados por eles como possíveis de serem percorridos futuramente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a investigação realizada em torno dos modos de viver de trabalhadores/moradores de Tapuیرama uma multiplicidade de questões veio à tona. Sabendo da complexidade das relações históricas que vão sendo instituídas pelas pessoas, este estudo não objetivou trazer explicações fechadas. Busquei ler as evidências à luz de perguntas propostas por mim mesma, no tempo e no espaço que compartilho²²¹. Os apontamentos aqui sugeridos não pretendem ser “a” resposta para as minhas perguntas. Ao contrário disso, as discussões que trago são frutos de um projeto de pesquisa que possui objetivos, metodologia, tempo e perspectiva historiográfica definida sendo, portanto, um caminho de reflexão entre outros possíveis.

Por entender que uma das contribuições relevantes dos estudos históricos é colocar em foco dissidências, buscando analisar como a relação nas diferenças acontece em uma sociedade dita democrática, objetivei problematizar as disputas presentes nos modos de vida daqueles trabalhadores. A partir dessa opção, priorizei as formas como os viveres de pessoas comuns se entrecruzam nas relações que estabelecem com outros. Isso implica em pensar que nossas seleções são pautadas em paralelo às maneiras como enxergamos o mundo e nos colocamos politicamente nele.

As problemáticas abarcadas neste texto oportunizaram refletir sobre outras questões dignas de análise como, por exemplo, as condições de vida desses trabalhadores no lugar de onde vieram. Um aprofundamento nessa análise abre um campo de perguntas em torno das transformações vividas por eles até o momento que optaram, ou se viram obrigados a escolher, a mudança para essa região de Minas Gerais.

Essa pesquisa abriu possibilidade de esmiuçar os sentidos atribuídos às experiências da mudança, na relação presente/passado/presente, construída por aqueles que de fato retornaram à Bahia. Tal análise pode sugerir outras interpretações em relação aos elementos culturais envolvidos nesses processos, podendo auxiliar na reflexão sobre os significados do ato de retornar, feito por alguns trabalhadores. Uma investigação nesse sentido pode trazer outras expectativas construídas por eles em relação à redução na oferta de emprego ocorrida nesta atividade dentro do município de Uberlândia, e sobre as suas experiências em Tapuیرama.

²²¹ E. P. Thompson teceu algumas considerações acerca do que ele chama de evidências históricas, sobre o trabalho do historiador e as suas preocupações, fazendo-nos refletir sobre a historicidade do conhecimento que construímos. Ver: THOMPSON, E. P. **Miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 51.

Quando iniciei essa pesquisa, em 2006, as pessoas com quem conversei afirmaram que a extração de resinas terminaria dentro de aproximadamente dois ou três anos. Deste ano até hoje, assistimos a uma redução significativa no número de trabalhadores. No entanto, esta aparenta ser uma redução gradativa porque, caso contrário, o empregador já teria menos trabalhadores do que possui agora.

Em 2005, a *JPL Resinas* empregava em torno de 180 trabalhadores, que com suas famílias significavam uma população de aproximadamente 250 pessoas se instalando em Tapuirama. No final de 2007, esse número de trabalhadores foi reduzido para mais ou menos 80. Esse decréscimo não está indicando, no entanto, o fim imediato do trabalho de extração de resinas, que pode ainda perdurar por algum tempo, mas traz para nossas reflexões as expectativas das pessoas em relação a este momento de indefinições.

De fato, o Distrito não é significado por elas hoje da mesma forma como foi ele visto no momento de suas chegadas, o que para alguns aconteceu há dez anos atrás, para outros há sete ou quatro anos. Inserir essas percepções neste estudo foi fundamental para a compreensão das transformações experimentadas pelos moradores “migrantes” no município de Uberlândia. No entanto, o que a maioria dos trabalhadores fará diante do encerramento daquela atividade é algo que fica em aberto. Que novos desafios serão encontrados? Como eles irão reagir diante dessa situação?

A empreitada daqueles trabalhadores não tem o seu fim com a defesa dessa dissertação. As pessoas vivenciam um momento de insegurança e indefinições. Muitas delas não sabem o que fazer com o término do serviço. Nas fontes orais, observei como retornar para a Bahia, mudar para outro Estado, acompanhar o produtor rural em fazendas noutras regiões, permanecer em Tapuirama, e, se permanecer, montar um negócio próprio, trabalhar em lavouras ou em empresas agrícolas atuantes nas proximidades do Distrito são algumas das possibilidades imaginadas.

Outras questões ainda foram suscitadas ao longo das investigações: quais as dimensões dos viveres no Distrito sem a presença desses trabalhadores, se é que a maioria deles deixará o lugar. Àqueles que decidirem permanecer, como se dará a sua (re)inserção neste espaço social?

Nas entrevistas, ao falarem de relações de trabalho, os narradores elegeram estratégias particulares em busca de justificarem a sua vinda e permanência nessa região de Minas Gerais. Isso me possibilitou perceber outras memórias sobre a sua mudança, maneiras como vivem e sentem a cidade na qual estão atualmente, as lutas por

pertencer, traduzidas por muitos pelo direito de possuir a casa própria ou ter a carteira de trabalho assinada. Com a possibilidade de término desse campo de trabalho, buscarão novamente estratégias que legitimem sua presença no lugar? Como?

Percebi que não são somente as expectativas dos trabalhadores vindos da Bahia que se transformam. Algumas entrevistas com mineiros indicam refletir sobre os modos como se constroem, atualmente, seus sonhos. De uma forma ou de outra, essas percepções trazem um pouco da dinâmica social vivida no lugar, o que abre possibilidades para pesquisas futuras, sobre o trabalho no campo e as relações entre campo e cidade, vividas pelos moradores de Tapuiriama.

As atas da Associação dos Moradores de Tapuiriama apontam outros sentidos para as festas tradicionais promovidas no Distrito, o envolvimento das pessoas com os objetivos da Associação em ajudar famílias carentes e com um calendário de atividades propostas por elas. Os eventos promovidos pela Associação, bingos e bailes, evidenciam formas de arrecadação de recursos, mas principalmente de relacionamentos entre as pessoas, passando a fazer parte dos modos como vivem. Isso abre possibilidade para investigar os viveres dos moradores do lugar por um outro viés, que não seja exclusivamente através das experiências dos trabalhadores da extração de resinas.

No decorrer desta investigação, notei que as produções dos memorialistas trazem o seu olhar sobre a cidade e as expectativas que eles tinham para ela. Resultante de códigos sociais, esses trabalhos expressam costumes, valores e símbolos e pode nos falar sobre como se vive nela. Essa pesquisa também permite pensar em uma investigação sobre os sentidos dos conceitos, dos temas, dos lugares e dos personagens com os quais os memorialistas se preocupam, e fazer emergir outros embates travados por moradores na cidade, num estudo mais amplo sobre a cidade de Uberlândia e os demais Distritos.

Esta fonte, em diálogos com outras, como as revistas **Dystaks** e **Flash**, analisadas e catalogadas durante a pesquisa, trazem possibilidade de ampliar os estudos históricos sobre essa cidade, abordando outros elementos que não foram preocupação neste trabalho. O que pôde ser visualizado nas páginas das revistas **Dystaks** e **Flash** extrapolaria a proposta definida neste trabalho, por este motivo elas não foram incorporadas. Esse material oferece uma visão das classes dominantes sobre Uberlândia, aquilo que elas procuram colocar na agenda pública de debates no momento de profunda transformação vivenciada nos anos 1980-90. As falas que elas veiculam permitem pensar na cidade de Uberlândia de maneira mais ampla. Elas são um outro

caminho para problematizar noções como progresso e desenvolvimento e os modos como essas aparentemente são naturais. No entanto, nas imagens que elas apontam, os Distritos não estão envolvidos. Estas revistas encontram-se à disposição dos pesquisadores no arquivo do CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia).

Foi interessante perceber que as referências a Tapuirama como um lugar tranquilo e sossegado, presentes nas falas de alguns trabalhadores não os colocam como pessoas isoladas do mundo em que vivem. Trazendo uma bagagem de experiências múltiplas, nas suas andanças pelo Brasil, em busca de melhores condições de vida, essas pessoas se inserem no presente vivido no país, constituindo sobre ele interpretações. Como faz o Sr. Adonel num trecho de música composta por ele:

*“Eu tô cansado de viver no meio de tanta maldição
É parente matando parente
É irmão destruído irmão
E seqüestro unido a assalto*

*Bandidos destruindo a nação
A polícia não pode impedir
Se acabam nas mãos dos bandidos
E o governo não tem solução
E o ministro da justiça parece da-lhes a razão”²²²*

Em uma das ocasiões em que eu gravava entrevista com o Sr. Adonel ele me pediu para que eu o ajudasse a encontrar um emprego em Uberlândia para a sua filha, atribuindo a mim um certo *status* de poder, fundamentado, talvez, no fato de eu ter tido acesso ao ensino superior. A atitude deste trabalhador, vista em conjunto com letras como a supracitada, que menciona problemas sociais, abre brechas para a investigação das transformações vividas por famílias inteiras que deixam os seus lugares de origem. Os filhos destes trabalhadores têm outros elementos a serem narrados. A eles, a experiência de buscar serviço fora do Distrito, provavelmente não é vista da mesma forma. Ainda importa indagar sobre como essa geração, que também é uma geração de trabalhadores, imprime suas marcas no município de Uberlândia.

A percepção das imagens que alguns narradores criam para Tapuirama, enquanto o lugar do desemprego e das dificuldades, e para Uberlândia como o lugar onde podem encontrar outras possibilidades de vida, traz valores e atitudes das pessoas.

²²² Sr. Adonel Ventura de Lima, s/d.

Este estudo visou inserir no debate social, não somente no meio acadêmico, um outro olhar sobre os viveres de trabalhadores moradores dos Distritos de Uberlândia, buscando falar das relações sociais e culturais presentes, dos seus valores e das contradições sociais vividas.

FONTES

Periódicos:

Jornais:

Jornal Correio de Uberlândia 1993-2007. Disponível para consulta no Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Jornal Primeira Hora 1982-1988. Disponível para consulta no Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Revistas:

Flash: o retrato da cidade

Dystaks

Documentos Diversos:

ARANTES, Jerônimo. **Cidade dos sonhos meus:** memória histórica de Uberlândia. Uberlândia: EDUFU, 2003.

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO DISTRITO DE TAPUIRAMA (AMDITA). Atas de reuniões realizadas de 1997-2004. Tapuirama, Livro II.

TOLEDO, José Maria. **Uberlândia:** a prática da Democracia Participativa. Uberlândia: Secretaria Municipal do Trabalho e Ação Social, Prefeitura Municipal de Uberlândia, 1984. O Documento consta nos arquivos do CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia).

NASCIMENTO, Dorivaldo Alves. **O drama da favela e do favelado.** Câmara de Vereadores, Prefeitura Municipal de Uberlândia, s/d. Este documento consta nos arquivos do CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia).

A História de Uberlândia/ 1682-2006. Documentário produzido pela *Play Vídeo* com o apoio da Prefeitura Municipal de Uberlândia, ago. 2006.

Sites:

Prefeitura Municipal de Uberlândia: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/pmu>>

Jornal Correio de Uberlândia: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/pmu>>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): <<http://www.ibge.gov.br>>.

Fotografias:

São utilizadas fotografias produzidas por mim e pelos trabalhadores. Também foram catalogadas fotografias produzidas pela *JPL Resinas*.

Entrevistas:

Sra. Ana Paula Santos da Silva, 29 anos, casada tem uma filha. Foi uma das primeiras trabalhadoras a chegar da Bahia para o trabalho na atividade de extração de resinas, está em Tapuirama há dez anos. Nesse período ela deixou de trabalhar na *JPL Resinas*, se dedicando a cuidar da filha e retornando posteriormente para o mesmo emprego. Ela conta que na Bahia começou a trabalhar cedo para ajudar nas despesas da família. Atualmente ele mora em casa própria.

Sr. Anáilton da Rocha Silva, 31 anos, casado, tem uma filha. O Sr. Anáilton foi um dos primeiros trabalhadores vindos de Jacobina-BA para trabalhar na atividade de extração de resinas, está em Tapuirama há dez anos. Neste período ele deixou a *JPL Resinas* e viveu outras experiências de trabalho tanto no Distrito quanto fora dele, no Estado de Goiás onde lidou com carvoarias. Atualmente ele mora em casa própria.

Sr. Adonel Ventura Lima, 53 anos, casado, tem quatro filhos. O Sr. Adonel é conhecido no Distrito como “Índio”, se mudou da Bahia para Tapuirama há dez anos e vivenciou diferentes experiências antes de chegar em Minas Gerais. Ele conta que já trabalhou como auxiliar de construção civil, barbeiro e motorista, entre outros, em diferentes lugares como São Paulo, Brasília e Mato Grosso. Ele foi um dos trabalhadores dispensados pelo produtor rural. Atualmente trabalha em uma fazenda nas proximidades do Distrito e vive nas casas construídas pela Prefeitura Municipal de Uberlândia pelo Programa de Habitação Casa Fácil. Na Bahia ele era um pequeno agricultor.

Sr. Anderson Gomes Gonzaga, 33 anos, solteiro, tem um filho. Atualmente é proprietário de um sacolão localizado na esquina com a Praça Said Jorge. Nasceu em Uberlândia e sempre morou no Distrito de Tapuirama. Antes de possuir o sacolão ele trabalhava como carregador de cargas de carvão, por empreito, prática de trabalho comum entre os moradores do lugar.

Sra. Anita Honório Montes, 79 anos, tem três filhos. A Sra. Anita nasceu e sempre viveu no Distrito. Atualmente é aposentada, vive com o seu esposo em Tapuirama e os

seus filhos moram em Uberlândia. Ela faz crochês como uma forma de passar o tempo e complementar a sua renda.

Sr. Alexandro Maia, 23 anos, casado. Ele veio de Jacobina-BA a convite de familiares com a expectativa de encontrar trabalho e ter uma vida mais digna. No momento da entrevista ele era recém chegado ao Distrito. Ele vive na vila dos baianos, na “vila de baixo”.

Sr. Ari Martins, casado tem dois filhos. O Sr. Ari é gerente de campo da *JPL Resinas*, morou em Tapuira por alguns anos e atualmente vive em Uberlândia.

Sr. Clacídio Souza de Andrade, 52 anos, casado, tem sete filhos. O Sr. Clacídio vive em Tapuira há onze anos, nasceu em Jacobina-BA e viveu os anos 1980 em São Paulo, quando afirma ter trabalhado como torneiro mecânico. Ele foi uma das pessoas que mediava a vinda de trabalhadores do estado da Bahia para Tapuira com destino ao trabalho na atividade de extração de resinas, serviço que também ele executou. Atualmente ele possui um açougue no Distrito e casa própria.

Sra. Guiomar Rezende Fernandes, 62 anos, casada, possui três filhos. Foi proprietária de uma mercearia em Tapuira por mais de vinte anos, tendo contato com muitos moradores e eventos que acontecem no Distrito. Atualmente é aposentada e ajuda o esposo a cuidar do sítio que possuem nas proximidades do lugar. Ela também participa ativamente das atividades da igreja Nossa Senhora da Abadia.

Sr. Hélio de Oliveira, casado, tem três filhos. O Sr. Hélio é mineiro e sempre viveu no Distrito de Tapuira. Já trabalhou em diferentes atividades como, por exemplo, em carvoarias e atualmente é proprietário de um bar localizado na esquina com a praça Said Jorge, um dos principais pontos de encontros dos moradores do lugar.

Sr. Hélio dos Santos, 40 anos, casado, tem três filhos. Vive em Tapuira há dez anos e foi um dos primeiros trabalhadores a se mudarem do estado da Bahia para o Distrito. Em Jacobina ele trabalhava com o sisal. Ele se mudou para essa região mineira por intermédio de pessoas conhecidas que aqui já viviam. Desde que chegou trabalha na atividade de extração de resinas e vive na vila dos baianos, “vila de baixo”, juntamente com sua esposa, a Sra. Ivaneide, e seus filhos.

Sra. Ivaneide Jesus dos Santos, 39 anos, casada, tem três filhos. Ela se mudou de Jacobina-BA para Tapuira há dez anos onde sempre trabalhou na atividade de extração de resinas, vivendo na vila dos baianos, na “vila de baixo”. Atualmente está afastada por motivos de doença. Antes de chegar ao Distrito ela lidava com o sisal na Bahia.

Sr. Jaílton Pereira Costa, 29 anos, casado, tem três filhos, é conhecido como “Siri”. O Sr. Jaílton veio de Jacobina-BA para Tapuirama há sete anos e desde então trabalha na atividade de extração de resinas. Na Bahia ele trabalhava quebrando pedras em pedreiras da região e afirma ter se mudado para Minas Gerais na expectativa de melhorar de vida e, para isso, contou com o apoio de seu sogro que já vivia aqui. Quando está de férias ele faz bicos com o objetivo complementar a renda da família. Ele vive com sua família na “vila de baixo”.

Sra. Jaiane dos Santos Oliveira, 21 anos, casada, um filho. Na data da entrevista ela era recém chegada a Tapuirama com apenas sete meses de estada no lugar, estava desempregada porque na sua explicação não havia encontrado emprego no Distrito e também precisava ficar em casa cuidando do filho. Ela é casada com o Sr. João que também foi entrevistado.

Sr. João Batista de Jesus, 23 anos, casado, um filho, vivia há sete meses em Tapuirama na data da entrevista. Quando se mudou veio pelo incentivo dado pelos seus irmãos que já moravam nesse Distrito e pelo apoio prestado pela sua esposa, a Sra. Jaiane. Ele vive na vila dos baianos, na “vila de cima”.

Sr. José Carlos Escolácio de Jesus, 36 anos, casado, tem duas filhas. O Sr. José Carlos – conhecido como “Coelho” – se mudou de Jacobina-BA para Tapuirama há dez anos. Nesse período ele retornou à Bahia por duas vezes, sendo a primeira delas com o objetivo de visitar a mãe e a segunda porque queria tentar viver e trabalhar lá novamente. Ele tinha uma pequena borracharia e a deixou para retornar para o Distrito, alegando dificuldades em não ter estabilidade no trabalho. Ele foi uma das pessoas que recebeu, e ainda recebe, os trabalhadores baianos quando chegam a Tapuirama, auxiliando-os com moradia e alimentação até que eles consigam se estabelecer no lugar. Ele é umas das pessoas que organiza o time de futebol dos “baianos”.

Sr. Odinei da Silva Fonseca, 25 anos, casado, tem um filho. O Sr. Odnei veio do estado de São Paulo juntamente com sua família ainda adolescente. Trabalhou com seu pai numa fazenda localizada nas proximidades do Distrito e viveu experiências em outros trabalhos na zona rural de Tapuirama, bem como também em uma indústria em Uberlândia quando se mudou para a cidade. Atualmente ele mora e trabalha em uma fazenda próxima a Tapuirama.

Sr. Orozimbo Candido do Nascimento, 79 anos, viúvo tem três filhos. O Sr. Orozimbo nasceu e sempre viveu na região de Tapuirama, trabalhando em atividades

rurais, hoje ele é aposentado e vive sozinho em casa própria dentro do espaço urbano do Distrito.

Sr. Samuel de Jesus Silva, 21 anos, casado, tem um filho. Ele vive em Tapuirama há cinco anos, se mudou de Jacobina-BA depois de trabalhar com sua mãe cuidando das plantações em suas terras. Por considerar as condições de vida difíceis ele resolveu buscar oportunidades em outros lugares. Primeiramente se mudou para Ribeirão Preto onde trabalhava na colheita de laranjas. Em Tapuirama ele atuou na atividade de extração de resinas e atualmente trabalha na fábrica *Resinas Tropicais Indústria e Comércio Ltda.*

Mapas:

Mapa 1 - **Uberlândia: Limites dos Distritos**. Mai. 2006. Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia

Mapa 2 - **Uberlândia: Mapa de Tapuirama**. Mai. 2006. Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia.

Mapa 3 - **Plano Rodoviário do Município de Uberlândia**. Abr. 1999. Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTICO, Cláudia. Por que migrar? In: PATARRA, Neide; BAENINGER, Rosana et al. (Org.). **Migração, condições de vida e dinâmica urbana. São Paulo 1980/1993.** Campinas-SP: Unicamp/IE, 1997. p. 97-113

ARANTES, Antonio A. A guerra dos lugares; desigualdade e diferença. In: _____. **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000. p. 105-164.

ARANTES, Jerônimo. **Cidade dos sonhos meus: memória histórica de Uberlândia.** Uberlândia: EDUFU, 2003.

ARAÚJO, Hermetes Reis (Org.). **Tecnociência e cultura; ensaios sobre o tempo presente.** São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 127-148.

ALVARENGA, Nizia Maria. Movimento Popular, Democracia Participativa e poder político local: Uberlândia 1983/88. **História e Perspectiva.** Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, n. 4, jan./jun., 1991, p. 103-129.

BARBERO, Martín Jesús. Ideologia: os meios como discurso do poder. In: _____. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura.** São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 45-107.

BARBOSA, Marta Emília J. Entre a palavra e a imagem: o sertão da fome. In: _____. **Famintos do Ceará – imprensa e fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX.** 2004. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 133-245.

BATISTA, Sheille S. de Freitas. **Buscando a cidade e construindo viveres: relação entre campo e cidade.** 2003. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

BRESCIANI, Maria S. Cidade e história. In: OLIVEIRA, Lúcia L. (Org.). **Cidade: história e desafios.** Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 17-35.

BURKE, Peter. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In: _____. **A Escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: Unesp, 1992. p. 7-37.

CALVO, Célia R. Discutindo a produção da memória e revendo a cidade. In: _____. **Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos. Uberlândia 1938-1990.** 2001. Tese (Doutorado em História)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. p. 79-144.

CANCLINI, Néstor G. Introdução; Cidades em globalização. In: _____. **Consumidores e cidadãos.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 29-55; p. 59-126.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, n. 11, (5), 1991.

CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tábula rasa do passado?** Sobre a História e os historiadores. São Paulo: Editora Ática, 1995.

CUNHA, José Marcos P. da. Introdução. In: _____. **A migração no Centro Oeste brasileiro no período 1970/96: o esgotamento de um processo de ocupação**. Campinas: Núcleo de Estudos de População/Unicamp, 2002. p. 9-12.

CUNHA, José M. P.; BAENINGER, Rosana. A migração nos estados brasileiros no período recente: principais tendências e mudanças. In: HOGAN, Daniel J. (Org.). **Migração e ambiente em São Paulo**. Aspectos relevantes da dinâmica recente. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2000. p. 17-57.

CUNHA, Maria C. P. Nação, um lugar comum. In: _____. **Pátria amada esquartejada**. São Paulo: DPH/SMC/PMSP, 1992. p. 29-44.

CRUZ, Heloisa Faria. A cidade do reclame: propaganda e periodismo em São Paulo 1890-1915. **Revista Projeto História**. São Paulo, PUC, PPGH, n. 13, p. 81-92, 1996.

EAGLETON, Terry. Rumo a uma cultura comum. In: **A idéia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005, p.159-184.

FENELON, Déa Ribeiro. Concepções de patrimônio cultural. SEMINÁRIO 25 ANOS CEDIC - PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E UNIVERSIDADE. São Paulo, PUC, s/d. p. 1-10 (mimeo).

_____. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? **História e Perspectiva**. Revista dos Cursos de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, EDUFU, n. 6, p. 5-23, 1992.

_____. Cultura e história social. **Revista Projeto História**. São Paulo, PUC, Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de História, EDUC, n. 10, p. 73-90, 1993.

_____. Introdução. **Cidades**. São Paulo: Olho D'água: PUC/Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 1999. p. 5-13.

_____. et al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004.

FERNANDES, Vanusa A. Viana. **Cultura e relações de trabalho na Fazenda Santa Cruz – Município de Araguari, MG (1985-2005)**. 2005. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

FONTANA, Josep. Por uma história de todos; em busca de novos caminhos. In: _____. **A história dos homens**. Bauru-SP: EDUSC, 2004. p. 439-490.

GRAMSCI, Antonio. Introdução ao estudo da filosofia e do materialismo histórico. In: _____. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 11-63.

GUINSBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

INÁCIO, Juliana Lemes. **Trabalhadores nordestinos em Tapuirama**: memórias, trajetórias e viveres (1993-2005). 2005. Monografia (Graduação em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. **Revista Projeto História**. São Paulo, PUC, n. 22, p. 79-103, jun. 2001.

_____. Diversidade cultural, inclusão social e a escrita da história. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 14, 2005, Rio Branco-Acre. **Anais...** p. 1-8.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: _____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG/UNESCO, 2003. p. 231-247.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HARVEY, David. A transformação político econômica do capitalismo do final do século XX. In: _____. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p.115-184.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: _____. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-24.

_____. O sentido do passado; Da história social à história da sociedade. In: _____. **Sobre História**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 22-35; p. 83-105.

_____. A formação da cultura da classe operária britânica. In: _____. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 257-279.

HOGGART, Richard. Quem são as classes trabalhadoras?; “Nós” e “Eles”. In: _____. **As utilizações da cultura**. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973. p. 15-32; p.87-122.

LUCENA, Célia T. **Artes de lembrar e de inventar**: (re)lembranças de migrantes. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

MACIEL, Laura Antunes. Clichês do sertão. In: _____. **A nação por um fio**: caminhos, práticas e imagens da Comissão Rodon. São Paulo: EDUC, 1998. p. 179-242.

MEDEIROS, Euclides Antunes de. **Trabalhadores e viveres urbanos**: trajetórias e disputas na composição da cidade – Uberlândia 1970-2000. 2002. Dissertação (Mestrado em História Social)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

MONTALI, Lilia. Família, trabalho e migração. In: PATARRA, Neide; BAENINGER, Rosana et al. (Org.). **Migração, condições de vida e dinâmica urbana. São Paulo 1980/1993**. Campinas/SP: Unicamp/IE, 1997. p. 261-318.

MONTES, Silma Rabelo. **Entre o campo e a cidade**. As territorialidades do distrito de Tapuirama (Uberlândia/MG) 1975 a 2005. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Instituto de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

MORAIS, Sérgio P. **Trabalho e cidade**: trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia – 1970-2000. 2002. Dissertação (Mestrado em História Social)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

MOREIRA, Vagner J. Campo e cidade: experiências de luta pela terra. **Universitas**, Fernandópolis, FEF, v.1, 2005.

NIEMEYER, Ana Maria de. Um outro retrato: imagens de migrantes favelados. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Mirian L. M. (Org.). **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas/SP: Papirus, 1998.

OLIVEIRA, Hélio C. M.; SILVA, Renata R.; PAULA, Dilma A. de. Entre o rural e o urbano: modos de vida no distrito de Cruzeiro dos Peixotos no município de Uberlândia (MG). In: SOARES, Beatriz R. et al. (Org.). **Ensaio geográficos**. Uberlândia: UFU/PET Geografia, 2006. p. 73-92.

PAIVA, Odair da Cruz. A migração para São Paulo: modernização sem mudança. In: **Caminhos cruzados**: migração e construção do Brasil moderno. Bauru: EDUSC, 2004.

PETUBA, Rosângela M. S. **Pelo direito a cidade**: experiência e luta dos trabalhadores ocupantes de terra do bairro Dom Almir – Uberlândia 1990-2000. 2001. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

POCHMANN, Márcio. Demografia juvenil e trabalho desemprego. **Revista Forum**. São Paulo, Editora Publisher Brasil, ano VI, n. 49, abr. 2007, p. 21.

_____. Nova geografia da migração interna. **Revista Forum**. São Paulo, Editora Publisher Brasil, ano V, n. 48, mar. 2007, p. 21.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos; memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Revista Projeto História**. São Paulo, PUC, n. 10, p. 41-58, 1993.

_____. A filosofia e os fatos; narração, interpretação, e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

_____. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade; O que faz a história oral diferente. **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC, Programa de Estudo Pós-Graduados em História, n 14, p. 7-24; p. 25-39, 1997.

PÓVOA NETO, Helion. A produção de um estigma: nordeste e nordestinos no Brasil. **Travessia: Revista do Migrante**. São Paulo, CEM (Centro de Estudos Migratórios), ano VII, n. 19, p. 20-22, mai./ago. 1994.

ROMERO, José Luis. As cidades patricias; As cidades burguesas. In: **América Latina: as cidades e as idéias**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

RONCAYOLO, Marcel. Cidade. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Região. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986. v 8, p. 396-487.

SANTANA, Leonardo Henrique. **1988: Uberlândia fez 100 anos: uma leitura da cidade aniversariante, nos cadernos do centenário do jornal Correio de Uberlândia**. 2007. Monografia (Graduação em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

SANTOS, Carlos José F. dos. Introdução: tudo era italiano?; Em busca da presença dos nacionais pobres: espaços urbanos, trabalho, cultura e transgressão. In: _____. **Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza, 1890-1915**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1998. p. 12-26; 67-134.

SANTOS, Carlos M. S. **Democracia Participativa e tensão social em Uberlândia: experiências de moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças**. 2006. Monografia (Graduação em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

SANTOS, Marina de Souza. **Memórias, trajetórias e viveres: a experiência de ser nordestino(a) em Dourados-MS (1940-2002)**. 2003. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

SARLO, Beatriz. **Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

_____. Um olhar político. In: _____. **Paisagens Imaginárias: arte e meios de comunicação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p. 55-64.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. **Memória, lembrança e esquecimento**. 1997. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

SILVA, José R. **Vozes da seca: uma reflexão sobre a migração nordestina**. 2004. Monografia (Graduação em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

SILVA, Lucia H. P. Iniciando a Conversa; A Cidade do Rio nos anos 20; Morro do Castelo e a Exposição Universal. In: _____. **Luzes e Sombras na Cidade: No Rastro do Castelo e da Praça Onze 1920/1945**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação Científica, Divisão de Editoração, 2006, p. 23-151.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo: UNESP, 1999.

SILVA, Regina Helena. Introdução; Os cronistas da cidade ou “os fazendeiros do ar”; A cidade dos cronistas ou “Belo Horizonte Belo”. In: _____. **A cidade de Minas. Ciência Política**. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1991. p. 2-10; 58-147.

SILVA, Renata R. **Proprietários rurais do Distrito de Martinésia (Uberlândia/MG): viver e permanecer no campo – 1964-2005**. 2007. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

THOMPSON, E. P. _____. **Miséria da Teoria ou um planetário de erros**; uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. La política de la teoría. In: SAMUEL, Raphael (Org.). **Historia popular y teoría socialista**. Barcelona: Crítica Grupo Editorial Grijalbo, 1984. p. 301-317.

_____. Prefácio; Exploração; Padrões e experiência. In: _____. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 9-14; p. 11-38; p. 179-124.

_____. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

VASCONCELOS, Regina Ilka V. Quem conta história? A Construção dos Narradores. In: _____. **Narradores do sertão**: história e cultura nas histórias de assombração de sertanejos cearenses. 2004. Tese (Doutorado)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

VIRILIO, Paul. Os motores da história. In: ARAÚJO, Hermes Reis (Org.). **Tecnociência e cultura**; ensaios sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 127-148. Entrevista concedida a Hermes Reis Araújo.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 111-117.

_____. Língua; Hegemonia; Estruturas de sentimento. In: _____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 27-49; p. 111-117; p. 130-137.

_____. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ANEXOS

ANEXO 01 - Mapa 1 - **Uberlândia: Limites dos Distritos**

ANEXO 02 - Mapa 2 - **Uberlândia: Mapa de Tapirama.**

ANEXO 03 - Plano Rodoviário do Município de Uberlândia.